

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

WILMARA ROCHA ELEOTÉRIO LIMA

**PRINCÍPIOS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS:
DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL A MEDIAÇÃO
LÚDICA-POLÍTICA-PEDAGÓGICA**

WILMARA ROCHA ELEOTÉRIO LIMA

**MARINGÁ
2017**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**PRINCÍPIOS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS:
DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL A MEDIAÇÃO
LÚDICA-POLÍTICA-PEDAGÓGICA**

WILMARA ROCHA ELEOTÉRIO LIMA

**MARINGÁ
2017**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**PRINCÍPIOS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS:
DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL A MEDIAÇÃO
LÚDICA-POLÍTICA-PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada por Wilmara Rocha Eleotério Lima ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Educação.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Verônica Regina Müller

**MARINGÁ
2017**

WILMARA ROCHA ELEOTÉRIO LIMA

**PRINCÍPIOS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS:
DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL A MEDIAÇÃO
LÚDICO-POLÍTICO-PEDAGÓGICO**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Verônica Regina Müller – UEM (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Marcia Rejania Lemos de Souza – UEL

Prof.^a Dr.^a Ercília M. Angeli Teixeira de Paula – UEM

Prof.^a Dr.^a Eliane Rose Maio – UEM (Suplente)

Prof.^a Dr.^a Vania Beatriz Müller – UDESC (Suplente)

**MARINGÁ
2017**

WILMARA ROCHA ELEOTÉRIO LIMA

**PRINCÍPIOS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS:
DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL A MEDIAÇÃO
LÚDICA-POLÍTICA-PEDAGÓGICA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Verônica Regina Müller – UEM (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Marcia Rejania Lemos de Souza – UEL

Prof.^a Dr.^a Ercília M. Angeli Teixeira de Paula – UEM

Prof.^a Dr.^a Vania Beatriz Müller – UDESC (Suplente)

Prof.^a Dr.^a Eliane Rose Maio – UEM (Suplente)

MARINGÁ, 28 de julho de 2017.

Dedico esta dissertação de Mestrado à **Deus** criador de TUDO, e que propiciou que pessoas iluminadas estivessem ao meu lado durante esta trajetória.

As **crianças e adolescentes** que fazem parte da minha vida, que durante os últimos anos possibilitaram que eu as conhecesse e buscasse por meio de estudos e pesquisa compreender como seria possível interagir com elas de maneira lúdica, política e pedagógica.

Aos professores e amigos que me incentivaram, dizendo sua maneira de ser nos inspira e incentiva, “És guerreira”.

Aos pesquisadores e profissionais da Educação Escolar e Social, que meus escritos possam fomentar em vocês o desejo de SER e fazer a diferença na formação de crianças.

Ao príncipe **Matheus Vinícius**, ‘MEU FILHO AMADO’ e minha mãe **Emidia** que me ensinou que CATIVAR é amar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado fôlego de vida.

Grata sou pela dedicação da minha orientadora a professora Veronica Müller, meus “Olhos Azuis” que me observou, cuidou, orientou, amou de maneira incondicional, e acompanhou não apenas minha vida acadêmica, mas minha vida pessoal, sendo Educadora Social não só da minha vida, mas do meu filho adolescente.

Aos mestres Jefferson Gustavo, Zildinha Bego, pela influência na execução dos escritos e a todos do PCA – em especial Patrícia Rodrigues e Paula Natali.

Aos doutores Nilza e Paulo que estão a me ensinar sobre as práticas da Justiça Restaurativa.

A minha família Rocha & Eleotério e Família Gênesis que, diariamente, incentivaram demonstrando amor, carinho, cuidado para eu prosseguir.

Agradeço aos meus irmãos: Wanderson, Walberson e Waldirene Rocha.

Grata sou mãe e professora **Emidia** que me cativou, incentivou e dedicou seu tempo de maneira incondicional para que eu pudesse dedicar meu tempo aos estudos, que acompanhou em todo processo me encorajando até mesmo nos momentos de incerteza, afirmando “Se outras pessoas conseguiram, você com a graça de Deus também conseguirá”.

Agradeço as Pupilas do CMEI Professora Ambrozina, em especial a princesa Izadora.

Ao príncipe lindo **Matheus Vinícius** amor da minha vida, sem VOCÊ, nenhuma conquista vale a pena, AMO AMAR VOCÊ.

AQUARELA Toquinho

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pingüinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
Depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
Que descolorirá
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Que descolorirá
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá

LIMA, Wilmara Rocha Eleotério. **PRINCÍPIOS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO DE CRIANÇAS: DO PROTAGONISMO INFANTOJUVENIL A MEDIAÇÃO LÚDICA-POLÍTICA-PEDAGÓGICA**. N.º de folhas (144f.). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof.^a Dr.^a Verônica Regina Müller – UEM. Maringá, 2017.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar práticas pedagógicas com crianças a partir do referencial da Sociologia da Infância do grupo da Universidade do Minho e do método lúdico-político-pedagógico do PCA – UEM, com o intuito de oportunamente socializá-las como alternativas a trabalhos de educadores e educadoras em ambiente de educação social e escolar. Os objetivos específicos são: Fundamentar a teoria sociológica sobre Culturas das Infâncias; descrever e detectar categorias em práticas educativas com crianças e relacionar as categorias encontradas na prática com a teoria metodológica do PCA – UEM. Os procedimentos metodológicos envolveram a sistematização e análise pedagógica de práticas da pesquisadora anteriores e durante a pesquisa, e que faziam uso das leis como o ECA e a Constituição Federal, e ainda as linguagens artísticas literária e musical. Este é um estudo autobiográfico. As práticas descritas aconteceram em ambientes escolares e não escolares. Depois da descrição das práticas pedagógicas, desenvolvemos teoricamente a categoria da mediação, composta do aspecto lúdico e político. 'O que colhemos como resultados de nossos estudos práticos e teóricos são: conceitos de crianças e infância que foram mudando na história, a assunção da criança hoje como um ser social, a existência de culturas da infância e dentro delas a invisibilidade histórica das crianças.

Palavras-chave: Educação escolar e social; Formação de crianças; Mediação Lúdica-Política-Pedagógica.

LIMA, Wilmara Rocha Elotério. **PRINCIPLES AND POSSIBILITIES OF CHILDREN'S EDUCATION: FROM INFANT JUVENILE PROTAGONISM TO LUDICAL-POLITICAL-PEDAGOGICAL MEDIATION.** (144p.). Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Veronia Regina Müller. Maringá, 2017.

ABSTRACT

This essay has study objective pedagogical practices analyzing pedagogical practices with kids according to Childhood Sociology reference, from the Minho University's group, and from the playful-politic-pedagogical method, from PCA – UEM, with the intention of timely socialize them as jobs alternatives of educators in a social and school environment. The main objectives are Grounding the sociological theory about Childhood Cultures; Describing and detecting categories in educative practices with children; Connecting the categories in the practice to the PCA's methodological theory. The methodological procedures involved the systematization and pedagogical analysis of practices from the researcher, before and during the research, and what that they used laws like ECA and the Federal Constitution and still musical and artistic-literary language. This is an autobiographical study. The practices described happened in school and non-school environments. After the description, we approached theoretically the meditations categories, with playful and political aspects. What we gathered with the results of our theoretical and practical studies are: Concepts of childhood and children that were changing through the history, the child's assumption today, as a social being, the existence of childhood's culture and inside them the historical children's invisibility.

Keywords: School and social education; Children's education; Ludical-Political-Pedagogical mediation.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AESMAR	Associação de Educadores Sociais de Maringá
BNTD	Banco Nacional de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior
CESOMAR	Centro Social Marista Maringá
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ERIC	<i>Educations Resources Information Center</i>
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
ONGs	Organização Não Governamental
PCA	Programa Multidisciplinar de Estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
UEM	Universidade Estadual de Maringá

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro Menina Bonita...	51
Figura 2 – Criança brincando e encenando.....	53
Figura 3 – Dramatizando a literatura com o que confeccionamos com material reciclado.....	54
Figura 4 – Realizando a atividade	54
Figura 5 – Finalizando nosso cartaz.....	54
Figura 6 – Capa da literatura O pavão do abre e fecha	57
Figura 7 – Contando história para crianças.....	59
Figura 8 – Apresentando a criação da personagem da história.	60
Figura 9 – Capa da literatura "Charalina"	65
Figura 10 – Representando ludicamente o aprendido.....	66
Figura 11 – Criança apresentando sua arte	66
Figura 12 – Leitura de literatura	67
Figura 13 – Ensinando a plantar sementes de girassol.....	74
Figura 14 – Criança tateando sementes	75
Figura 15 – Preparando o terreno	75
Figura 16 – Releitura da obra de Van Gogh.....	76
Figura 17 – Capa da literatura Gigi, o Girassol	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estado da Arte.....	22
Quadro 2 – Caixas de Semeadura	23
Quadro 3 – Caixa de Semeadura 01	46
Quadro 4 – Caixa de semeadura 02	55
Quadro 5 – Caixa de semeadura 03	60
Quadro 6 – Caixa de semeadura 05	67

SUMÁRIO

1. SEMEANDO O QUE APRENDI	15
2. CULTURAS DAS INFÂNCIAS – SEMENTES FUNDAMENTAIS.....	27
2.1. Breve Caracterização Histórica da Cultura da Infância	27
2.2. Promoção Social e Políticas Públicas para Infância	35
3. CANTEIROS PEDAGÓGICOS.....	43
3.1 Menina Bonita do Laço de Fita – Ana Maria Machado	46
3.2 O pavão do abre e fecha – Ana Maria Machado e Cativar – Cantiga popular.....	55
3.3 Charalina – Nelson Albissú.....	60
3.4 O Girassol – Vinícius de Moraes	67
4. A MEDIAÇÃO E O CULTIVO LÚDICO E POLÍTICO.....	81
4.1 O lúdico como natureza humana e seu papel na formação desde a infância	81
4.2 ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente: Instrumento de Formação Política na Infância	93
5. O QUE COLHEMOS COM ESSAS PRÁTICAS	106
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE	119

1. SEMEANDO O QUE APRENDI

A presente dissertação traz descrição de práticas pedagógicas vivenciadas por mim, realizadas com crianças e adolescentes em instituições governamentais e não governamentais e seus resultados que emergiram em categorias para a formação de crianças. Para adentrar na temática proposta, apresento aspectos da minha infância e minha vida enquanto profissional que interage com crianças e adolescentes.

Assim como muitas crianças comecei a expressar-me corporalmente e oralmente em meu lar. Minha professora era a senhora Emidia que incansavelmente, incentivou-me a ler, contou-me inúmeras histórias, e sempre que oportuno cantava e encantava com sua bela voz no trajeto para igreja, ou quando me levava na faculdade onde ela cursava Pedagogia e em casa, pois a referida professora é minha mãe e nesses momentos interagíamos eu, a professora e a mãe.

Nessa relação mãe e filha, e ao ser matriculada na Escola Dominical na igreja e no jardim da infância¹ na Educação Infantil aprendi brincadeiras de diferentes formas e quando me dei conta conheci o mundo da imaginação, que permitiu que eu brincasse, cantasse, gesticulasse, vivendo e convivendo.

As experiências do mundo da imaginação se fizeram presente de forma marcante, por volta de 1986 quando com sete anos de idade participei do primeiro desfile em que a turma da minha sala encenou as personagens dos *Smurfs*. Usando muita tinta nos transformamos em seres azuis.

Na vida escolar do Ensino Fundamental até os dias atuais, continuamente, estive envolvida em um universo que contempla o cantar, declamar, interpretar poesias, dramatizar histórias infantis e participando de concursos, sendo premiada, pela voz, pela entonação, pela interpretação. Com

¹ Jardim de infância foi um termo criado pelo alemão Friedrich Froebel, pedagogo, um dos primeiros educadores a se preocupar com a educação de crianças, terminologia criada em 1840 na Alemanha. Froebel, objetivava dar atendimento às crianças de 3 a 7 anos, e contrapõe-se às demais instituições por ser detentor exclusivo de uma proposta pedagógica que visava à educação integral da infância e defendia um currículo centrado na criança.

Segundo Bujes (2001, p. 14), o surgimento das instituições de educação infantil relaciona-se com o surgimento da escola e do pensamento moderno entre os séculos XVI e XVII.

certeza essa competência não foi desenvolvida apenas por um dom natural, mas com a dedicação da primeira professora do infantil, da professora de português nos demais anos escolares e, principalmente, pela forma utilizada por esses profissionais na mediação entre a linguagem literária e musical que a aquela criança apresentava com tanta alegria e emoção.

As experiências da infância me levaram a buscar formação nas áreas que pudessem me colocar junto das crianças, e isso aconteceu com a formação no curso do Magistério em que a maioria das disciplinas e seminários solicitava práticas com crianças. Isso favorecia, então, a apresentação de histórias infantis em que transformava o conteúdo em encenação e apresentava em forma de teatro.

O contexto familiar com a mamãe, tias, avó, primos e a formação religiosa foram pilares nessa formação e desenvolvimento da criança à idade adulta. O contato com a arte, com a leitura por meio dos livros de histórias, dramatizados, cantados, contribuiu para que o aprendizado acontecesse, e na vida adulta ensinar e praticar com outras crianças essas experiências, passou a ser compromisso ético e profissional de amor pelo ensinar.

Recordo-me de como era minha presença na biblioteca, pois a quantidade de livros que emprestava era grande, mas um dia o acervo ficou pequeno e findou, todas as obras de literatura infantil e infantojuvenil eu tinha lido. A bibliotecária, para não me deixar sair sem nenhum livro promove a leitura de histórias bíblicas e, romances durante minha adolescência. E assim foi desde Sabrina, Julia, Bianca.... Esses também findaram, e para minha surpresa surge uma amiga Rosangela Frason que me convida para ir à sua casa, lá encontro sua mãe que também amava ler e passei a ter lugar e companhia para ler, conversar e comentar sobre as leituras. Essa experiência amadureceu e percebo hoje como as oportunidades devem favorecer as crianças para a leitura em todas as situações possíveis.

Por conta desses momentos inesquecíveis em que me apropriava do prazer de ler, e por meio da educação religiosa, descobri o dom musical ao aprender com doze anos a tocar clarinete. Assim gradativamente, percebi que podia somar essa experiência à leitura literária, e do universo da imaginação senti a emoção da música. Passei a realizar o que chamo de “solar canções”, ou seja, lia e pensava melodias harmoniosas para as histórias. Acredito que a

harmonia da música é mágica, pois ela permite ao ser humano adentrar no universo sonoro, e ele não tem limites, basta ouvir, imaginar, sonhar e vivenciar.

O segundo momento ocorre na construção da identidade profissional, e materna, pois ambas aconteceram simultaneamente. Casei, me tornei mãe e passei a ter em casa uma criança e com ela dividia as brincadeiras, canções, dramatizações. Desde que meu filho Matheus Vinícius (18) estava em meu ventre ele teve contato com a leitura de literaturas e o canto; brincadeiras com a música. Apresentei meu filho ao mundo da leitura, percebi que o caminho seria a docência, e isso me levou a cursar Letras Português e Inglês.

No período de estudos comecei a perceber a importância do ato de ensinar as crianças, o que se justifica pelas experiências que tive durante meus estudos no curso do Magistério, na graduação. Minha iniciação com a literatura se aprofundava e passei a conhecer os principais escritores da literatura brasileira. Escrevi o primeiro texto com o objetivo de manifestar meu entendimento sobre a leitura na vida e na formação do sujeito “As implicações do ato da leitura na vida de um acadêmico de Serviço Social”, CAMPOS&LIMA (2005). Essa experiência já marcava a presença de inquietações quanto ao ato de ensinar e de que forma as linguagens artísticas: literária e musical poderiam se tornar acessíveis a um número maior de crianças.

Brincar de professora com meu filho e com as crianças que moravam em minha rua passou a ser ponto de encontro com os pequenos.

Ao iniciar a docência atuando como professora em instituições públicas municipais, tive a oportunidade de experimentar em diferentes situações a busca da linguagem adequada para me comunicar com crianças de zero ano de idade, e com crianças e adolescentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I e II. Este período foi desafiador, pois, exigia de mim mesma uma medida vocal para falar com bebês, visto que minha voz além de ser alta é grossa, considerada na linguagem da música uma voz contralto.

Aprendi inúmeros cuidados que são necessários para interagir com as crianças e com os adolescentes, o que me instigou a pesquisar práticas pedagógicas que poderiam favorecer a comunicação entre elas e eu. Posso quantificar que dos meados de 2007 até os dias atuais, realizei práticas que culminaram na produção de mais de cinquenta trabalhos desenvolvidos na

ambiência escolar, e social, na formação das crianças utilizando como recurso fundamental o cultivo de linguagens artísticas literárias e musicais, semeadas nos conteúdos planejados com o lúdico e o pedagógico.

Destaco que os pilares centrais dessas práticas tinham o intuito de desenvolver letramento, cognição, atenção, percepção, raciocínio lógico, memória, imaginação, concentração, desenvolvimento da expressão oral e corporal com crianças e adolescentes com idade de zero a quatorze anos. Essas experiências contribuíram para a elaboração de matéria utilizada por outros professores e educadores sociais. No desejo de semear essas práticas de forma mais ampla é que as apresento como proposta de mestrado, no qual tomo a liberdade de usar o termo sementeira destas experiências e seus resultados.

O terreno escolhido para iniciar essa sementeira foi em diferentes espaços institucionais governamentais e não governamentais, e por meio de intervenções de propostas da disciplina Infância e Educação Social I (2009) e II (2015), como aluna do Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Maringá. Essas intervenções aconteceram em duas ONGs: Abrigo PETI na cidade de Paiçandu, PR e no Espaço Criança, vinculado à instituição Marista – CESOMAR (Centro Social Marista), Maringá-PR.

O histórico da educação brasileira aponta a grande lacuna que existe no sentido de mover esforços para que o cenário da formação infantil tenha mais qualidade e que os direitos das crianças sejam de fato respeitados, e não apenas como estratégias de sobrevivência da infância, colocando-as em espaços apenas para acolhê-las.

Neste contexto é que as experiências que desenvolvemos e que ora apresentadas por meio desse trabalho, são possibilidades para a prática pedagógica de pedagogos, professores, educadores sociais, voluntários, militantes das causas da infância e dos direitos humanos.

Uma forma de responder as nossas inquietações é fundamentar a nossa prática referendando-a com autores que pesquisam e defendem a temática infância MULLER, Verônica (2007), SARMENTO, Manuel J. (2009), TOMÁS, Catarina A, (2011). Seleccionamos para as Linguagens literárias: ABRAMOVICH, Fanny (1997), ADORNO, Theodor (2003), FUSARI, Maria (2001), LAJOLO, Marisa (2008), ZILBERMAN, Regina (1991) e na música

citamos MULLER, Vania (2004), SMALL, Christopher (1989) e BELLOCHIO, Claudia (2001).

Encontramos princípios éticos que nos auxiliam na busca de uma sociedade em que se possa educar e formar a criança para seu bem-estar social educacional e principalmente sua autonomia. Sarmiento (2002) conceitua que a imaginação precisa ser ensinada a viajar neste universo, o autor demonstra a relação das crianças com o mundo, diante dos mais variados contextos da vida, onde:

O imaginário social é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo. As condições sociais e culturais são heterogêneas, mais incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que será sobre o controle da geração adulta. As condições da infância têm a sua dimensão simbólica nas culturas da infância. (SARMENTO, 2002, p. 3).

O autor nos alerta que precisamos perceber em que condição se encontra a infância e os aspectos que envolvem a sua cultura. Por isso, compreendemos que olhar a criança como protagonista em sua interação com o outro é torná-la construtora de sua formação.

Acentuamos nosso conceito e entendimento sobre o que colhemos nessas práticas, amparados em Benjamin (1987) que permite-nos inferir que é no ato de dar vez e voz ao público infantojuvenil, que a voz exerce força nas relações humanas, seja por meio da narração ao compartilhar experiências do ser humano, seja por meio da tradição existente em sua memória, visto que a narração oral é que permite a troca de saberes que podem ser passados de geração a geração para promover cultura entre os sujeitos.

O grande narrador terá sempre suas raízes no povo, em primeiro lugar nas camadas artesanais. Mas assim como essas abrangem os artífices camponeses, marítimos e urbanos, nos mais diversos estágios de seu desenvolvimento econômico e técnico, também se graduam muitas vezes os conceitos, nos quais é transmitido os resultados de sua experiência. (BENJAMIN, 1987, p.214)

Compreendo o que o autor nos ensina, no entanto, ousou utilizar o vocábulo leitor, para substituir narrador, apresentado pelo autor, pois entendemos que quem realiza a leitura de literaturas, muitas vezes, identifica suas raízes vindas do povo. E as leituras, por meio das linguagens artísticas literária e musical promovem o conhecimento e entendimento do desenvolvimento econômico, social, técnico da cultura. Dentro desta concepção de raízes culturais presentes na literatura, é que as experiências que semeamos com crianças nos confirmam que elas podem dignificar a vida de quem lê/narra, ouve, vivencia e transmite interagindo com o outro.

Nossa pesquisa tem como objeto de investigação princípios e possibilidades de formação infantil. Como objetivo principal, visamos analisar práticas pedagógicas com crianças a partir do referencial da Sociologia da Infância do grupo da Universidade do Minho e do método lúdico-político-pedagógico do PCA – UEM, com o intuito de oportunamente socializá-las como alternativas a trabalhos de professores e educadores sociais em ambiente de educação social e escolar.

Para efetivar o objetivo principal, elencamos os objetivos específicos:

- Fundamentar a teoria sociológica sobre Culturas das Infâncias;
- Descrever e detectar categorias em práticas educativas com crianças
- Relacionar as categorias encontradas na prática com a teoria metodológica do PCA – UEM.

A pesquisa tem em seus pressupostos metodológicos a sistematização e análise de resultados de práticas pedagógicas aplicadas na formação de crianças, agregando as culturas da infância ao cultivo lúdico-político-pedagógico, como recurso no desenvolvimento e formação da criança em que a pesquisadora faz a descrição de vivências pessoais e profissionais as quais se tornaram presentes em seu dia a dia com as crianças.

Os sujeitos dessas vivências são: crianças e adolescentes, da educação escolar: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, ambientes formais e não formais de educação.

As descrições das práticas apresentadas aconteceram em asilos, hospitais, praças, instituição de educação infantil e fundamental e nesta

dissertação apresentamos quatro experiências que estão descritas e analisadas neste trabalho. Selecionamos quatro que se encontram no apêndice, para demonstrarmos atividades práticas utilizando a linguagem literária e musical para interagir com crianças e adolescentes.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram encontros de intervenções pedagógicas que duraram em média de quarenta minutos e até duas horas e trinta minutos dependendo do público alvo e da interação e questionamentos das crianças e/ou adolescentes.

Optamos dissertar por meio da autobiografia, por propiciar a pesquisadora descrever suas experiências, além de expor minuciosamente, sensações, emoções, detalhes observados nas experiências vivenciadas com crianças.

No contexto pedagógico “[...] poucas pessoas desenvolvem uma capacidade de análise das suas práticas e experiências tanto profissionais como pessoais” (JOSSO, 2010, p.88), e o ato de lembrar leva a articulação de experiências do percurso de minha formação e que podem promover a socialização pedagógica com profissionais da educação escolar e social.

A palavra “autobiografia do Grego, αὐτός-*autos* eu + βίος-*bios* vida + γράφειν-*graphein* escrita} compreende o gênero literário em que o narrador conta a história da sua vida, trata-se de uma biografia escrita ou narrada pela pessoa biografada”. Sobre essa definição ancoramos as sementes de práticas pedagógicas realizadas a partir das vivências com crianças e adolescentes.

Josso (2010), ao apresentar o método (auto) biográfico afirma que o sujeito se apresenta como centro de seu processo de formação e aprendizagem. Deixando a possibilidade de um desafio de “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir (JOSSO, 2010, p. 58). Neste grande universo de transformação, o ensinar e o aprender efetivam-se por meio da mediação que pode estar respaldada nas linguagens artísticas literária e musical, as quais podem propiciar adentrar no mundo da imaginação, desenvolvendo atenção, concentração, memória, raciocínio lógico... e ainda o saber utilizar os cinco sentidos de maneira a expressar-se rindo, chorando, pegando, deixando, falando, ouvindo interagindo consigo e com o outro.

Passeggi (2006) afirma que biografia é um processo de formação e, o objeto de estudo da autobiografia para o autor é “[...] mostrar como as pessoas

dão forma às suas experiências, fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. [...]” (PASSEGGI, 2006, p. 10).

Nóvoa (1992) descreve o trabalho de pesquisa de vários autores que relatam histórias de vida em pesquisa, especificamente, de professores e suas práticas. O autor defende a (auto) biografia como um renovar na produção de saberes, essencialmente, como oportunizar compreensão de como os professores vivem, formam e se (auto) formam em sua prática diária enquanto profissionais da educação.

Quando Benjamin (1987) afirma que o grande narrador terá sempre raízes, nos terrenos de sua vivência, concordamos que cabe ao educador e professor nutrir a graduação dessas raízes, simbolicamente falando e somá-las a todo tipo de conhecimento. Dentro desta concepção de raízes culturais presentes na literatura, é que as experiências que semeamos com crianças nos confirmam que elas podem dignificar a vida de quem lê/narra, ouve, vivencia e transmite interagindo com o outro.

No trajeto da construção do trabalho, muitos foram os caminhos trilhados e encontramos sementes já plantadas por outros pesquisadores em teses e dissertações. Com o intuito de ampliar as leituras sobre o tema e identificar o que existe sobre o estado da arte, definimos destacar trabalhos de 2005 a 2015 encontrados em sites, portais e na BNTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Assim, no quadro abaixo destacamos as palavras-chave, quantidade e tipologia textual que encontramos:

Quadro 1 – Estado da Arte

TEMA	FORMAÇÃO DE CRIANÇAS	CULTURA DE INFÂNCIA	FORMAÇÃO LÚDICA DE CRIANÇAS	FORMAÇÃO POLÍTICA DE CRIANÇAS	FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE CRIANÇAS	TOTAL
BNTD	3132	737	118	655	747	
CAPES	2169	1543	66	849	379	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Verificamos que existem vários trabalhos que tratam da formação, porém estes estão relacionados à formação do profissional que trabalha com crianças. Ao pesquisarmos sobre a cultura da infância detectamos que há trabalhos que se preocupam com a cultura do local onde a criança está

inserida e não com as culturas da infância enquanto processo de construção e formação da criança e do adolescente onde enquanto seres humanos o público infantojuvenil de maneira singular interpretam o mundo e fazem suas constatações simbolizando o real, construindo e alicerçando, as “culturas da infância”. Nos preocupamos com o cultivo lúdico-político-pedagógico, assim realizamos uma busca quanto a formação política das categorias que escrevemos e encontramos trabalhos fundamentados na literatura e na música como recursos metodológicos, porém não foi encontrado nenhum trabalho que trate do tema proposto. O quadro abaixo apresenta de forma geral intervenções pedagógicas que são nosso foco de estudo, e algumas das obras que já trabalhamos, utilizando a linguagem literária e musical. Ressaltamos que neste trabalho serão descritas quatro obras escolhidas porque era necessário, em função do espaço para a escrita, as demais encontram-se em anexo.

Quadro 2 – Caixas de Semeadura

Intervenção	Público	Local	Dia	Período
“Menina bonita do laço de fita”	175 crianças de 0 a 5 anos	Centro de Educação Infantil	01/07/2013 a 30/11/2013 30/10/2015	5 meses 75 horas / aula
“O Pavão do abre e fecha”	34 crianças de 2 a 14 anos	ONG	a 15/11/2015	15 dias 3 encontros 12h/a
“Charalina”	87 pessoas, (crianças, adolescentes, adultos e idosos)	ONG	07/10/2015 a 15/10/2015	7 dias 4 encontros 12h/a
“As borboletas”	25 crianças	Hospital	23/04/2011 a 10/10/2011.	15 dias 2h/a cada encontro.
“O girassol”	23 crianças	ESCOLA	12/04/2014 a 30/07/2014	3 MESES – 2h/a cada encontro. 60 horas
“Cativar”	1 adolescente, 1 psicóloga, 2 advogadas.	Instituição não governamental	Início maio de 2016	Em processo.
“Isto já foi uma caixa”	Pais/filhos e comunidade	Centro de Educação Infantil	02/09/2015 a 05/12/2015	4 meses
“Sacola Viajante”	Pais/filhos e comunidade	Centro de Educação Infantil	01/04/2015 a 10/12/2015	8 meses

Fonte: elaborado pela autora.

Com o intuito de ampliar as leituras que abordam a temática, escolhemos três dissertações e duas teses que se assemelham a proposta que ora evidenciamos.

Samori (2011) trata em sua dissertação: “Infância e literatura infantil: o que pensam, dizem e fazem as crianças a partir da leitura de histórias? A

produção de culturas infantis no 1.º ano do Ensino fundamental”, que a cultura infantil a partir do contato das crianças com a literatura infantil e com livros são objetos culturais no contexto escolar. Para o autor a literatura assim como para nós a linguagem artística literária e musical podem propiciar aprendizagem às crianças por meio da mediação e interação dela e do adolescente com o universo literário e musical.

Borella (2016) disserta o tema: “Desenvolvimento da linguagem infantil à luz da teoria histórico cultural: contribuições de práticas literárias na primeira infância”, seu objetivo principal foi compreender o processo de desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores, em especial da linguagem humana e estudar as contribuições que as atividades de leitura literária planejadas, organizadas e linguagem infantil no interior da escola, e na educação de crianças de 2 (dois) e 3 (três) anos de idade, podem promover a ela.

Faria (2014), em sua dissertação *Já li muita coisa, então, eu posso inventar mais! A leitura e o desenvolvimento do pensamento criativo na infância*, traz contribuições da leitura de literatura para o desenvolvimento do pensamento criativo na infância. A relevância desta pesquisa consiste em explorar práticas leitoras que contemplem o desenvolvimento do pensamento criativo de aprendizes em situação escolarizada e em evidenciar a literatura como um caminho significativo para desenvolver o pensamento.

Sua análise aponta para a emergência da formação do sujeito criativo em sala de aula mediante a leitura da literatura. Reposiciona o ensino de literatura frente às demandas da sociedade contemporânea, que pressupõe o exercício da criatividade. Redimensiona a função da escola no desenvolvimento das crianças, visto que é neste meio que o aluno poderá explorar e elaborar, testar hipóteses e fazer uso de seu pensamento criativo, em clima de liberdade mental.

O autor sinaliza, nesse processo, a importância da figura do professor como mediador, na intenção de promover um ambiente favorável ao desenvolvimento da criatividade, numa atmosfera estimulante, que valorize a expressão do pensamento criativo em comunidade.

Brito (2012), em sua tese “O menino e a folha de capim: trajetórias do fazer musical da infância”, apresenta como os conceitos de musicalidade e sonoridade sugeridos pelo compositor francês Pierre Schaeffer (1910-1995)

podem ampliar as escutas do ser humano favorecendo, diálogo à tradição, a experimentação, o “faz de conta”, e enfim os planos de possibilidades que permeiam a relação das crianças com sons e músicas.

Marangoni (2015) investiga como a criança aciona e reconstrói o poético presente em obras selecionadas pelo PNBE 2010, problematizando a constituição do sujeito letrado em poesia, a partir de mediação docente intencional. A investigação ancora-se em alguns princípios orientadores sobre leitura e práticas leitoras: Candido (1995) sustenta que a fruição literária é direito do ser humano; Larrosa (2002 e 2003) compreende que a leitura participa do processo de formação do sujeito; Zilberman (2003) sublinha a função emancipadora da obra literária; Paiva (2008) discute o lugar da política pública na literatura para a infância; Iser (1996) confere ao leitor um lugar de coautoria junto ao texto; Bordini e Aguiar (1988) concebem no método recepcional, etapas para a leitura literária; Paz (1982) reflete sobre as especificidades da poética e sua constituição; Huizinga (1999) explicita as relações que aproximam o jogo e a poesia. A partir desse quadro teórico, o estudo propõe caminho para a educação literária, por meio da apropriação do poético, partindo da ênfase à musicalidade do texto e alcançando o enfoque imagético, de modo a complexificar, progressivamente, a atuação do leitor. Os resultados indicam que a educação literária pressupõe percurso de aprendizagem contínuo e intencional.

Arruda (2011) em sua dissertação ‘A cidade pensada pelas crianças: conceitos e ações políticas para consolidação da participação infantil’, analisou as opiniões e sugestões das crianças a respeito da cidade, visando ensinar fundamentos conceituais e ações políticas para potencializar a participação infantil na cidade de Maringá.

No âmbito da Educação Social destacamos a importância da educação além dos muros escolares em todos os aspectos, sociais, culturais e políticos. As intervenções nos ambientes sociais podem ser realizadas nas ruas, praças, hospitais, ONGs, presídios, abrigos, casa lar, ou seja, em todas as instituições não governamentais também.

A estrutura do texto está assim disposta: como parte introdutória “Replantando o que aprendi” onde descrevemos a trajetória da formação da pesquisadora da infância a sua vida profissional; contempla o tópico, “Terreno

Metodológico” em que são apresentadas as inquietações que culminaram na construção da dissertação.

Na segunda seção: “Culturas da Infâncias – Sementes fundamentais” abordamos a trajetória em que se sustenta a cultura da infância. Ainda nessa seção discorremos sobre dois subtópicos: ‘Breve Caracterização Histórica da Cultura da Infância’ em que elencamos as posturas históricas dos conceitos de infância e a representatividade da criança enquanto sujeito social e político; na sequência o tópico ‘Promoção Social e Políticas Públicas para Infância’ que consideramos necessário para justificar nossa proposta que se faz contrária a exclusão da infância de forma geral, na vida que lhe diz respeito.

Na terceira seção que nominamos “Canteiros Pedagógicos” apresentamos quatro obras selecionadas e descritas com análise de sua estrutura passo a passo: Semente, Terreno, Plantio, Cultivo e Colheita as quais são intituladas: ‘Menina bonita do laço de fita’, ‘O pavão do abre fecha’ e ‘Cativar’, ‘Charalina’, e ainda ‘O Girassol’. Na sequência as categorias que fomos percebendo em nossa prática: “A mediação e o cultivo lúdico e político”, onde há as subcategorias: Ludicidade, Direitos e Mediação, onde explicitamos: ‘O lúdico como natureza humana e seu papel na formação desde a infância’, ‘Ludicidade: linguagem essencial no desenvolvimento da criança’, ‘ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente: instrumento de formação política na infância’ e ‘Mediação: instrumento pedagógico nas atividades práticas’.

Ao término do trabalho apresentamos “O que Colhemos com essas práticas” em que teorizamos o que alcançamos conforme estabelecemos como objetivo somando-se os princípios aos quais definimos necessários para que as práticas aqui apresentadas, se tornem acessíveis aos profissionais no desenvolvimento das crianças.

Nossa responsabilidade se estende enquanto pesquisadora, que tem buscado contribuir para que a universidade assim como outras instituições, possam inspirar-se na proposta apresentada e esta ser motivo de contatos e troca de conhecimentos entre educadores e professores.

2. CULTURAS DAS INFÂNCIAS – SEMENTES FUNDAMENTAIS

A elaboração deste capítulo apresenta-se fundamentada conceitualmente em teorias que versam sobre a cultura das infâncias, abordadas, pelo viés dos estudos de pesquisadores ligados à área da Sociologia da Infância da Universidade do Minho de Portugal, bem como de pesquisadores brasileiros como do PCA – Programa Multidisciplinar de Estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente – UEM, Brasil, que defendem a promoção social e cultural na infância.

Nesse sentido, organizamos dois tópicos em que apontamos aspectos essenciais para compreender a história da infância tendo em vista problemáticas que foram se legitimando na trajetória do tempo, como a violação de direitos na infância, a invisibilidade das crianças e a discriminação infantil no âmbito da participação social e cultural.

2.1. Breve Caracterização Histórica da Cultura da Infância

Os escritos de Philippe Ariès (1981), historiador conhecido como referência primária sobre o tema da infância na França no viés histórico-antropológico, tratam das condições em que as crianças viveram. Para ele,

[...] a primeira idade é a infância, que planta os dentes, e essa idade começa quando nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *infante* (criança) que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras [...] (ARIÈS, 1981, p. 36).

Ariès (1981), ao apresentar o termo “não pode falar bem nem perfeitamente suas palavras” nos permite perceber a invisibilidade explícita relacionada à criança, que veio expressa na palavra que definiu a categoria do conjunto de crianças. Falar não exige apenas a emissão de sons, pois a comunicação, o diálogo, pode acontecer por meio de gestos, olhares, expressão corporal. A própria terminologia com que foram denominadas as

crianças pelos adultos enquanto categoria, já as colocou em um lugar de não lugar.

Abstraímos o entendimento de que as crianças sempre existiram, mas muitas não vivenciaram uma infância aceitável, pois desde pequenas várias delas eram exploradas, maltratadas, consideradas não importantes. De acordo com Ariès (1981), que se referia ao contexto francês:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento particularmente numerosos e significativos, a partir do fim século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1981, p. 65).

Ariès (1981) realizou estudos por meio das representações das pinturas dos séculos XII ao XVII. O século XIII – foi marcado por situações em que a criança era identificada como um adulto em miniatura, se vestia como adulto, permanecia em lugares onde os adultos estavam, adquiriram educação e conhecimentos sobre atividades laborais convivendo com adultos.

Nos séculos XIV e XVI as crianças eram “paparicadas”, e a presença da criança entre os adultos era importante, pois neste período elas eram consideradas alegria para os adultos que as paparicavam, se divertiam e brincavam com os pequenos.

Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” era reservado às criancinhas em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com as crianças pequenas como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 1981, p. 10).

Para o autor, foi sobretudo no século XVII que emergiu uma nova consciência social da infância, quando começa a ser representada pelo adulto, principalmente, em quadros. Ainda assim, afirma, são inúmeras situações em que as fases da vida infantil não apresentavam significado, identificava-se a criança como adulto.

No cenário do século XVIII, surge preocupação com a saúde da criança, e as enfermidades são diagnosticadas, tão logo as vacinas começam a ser aplicadas para exterminar a mortalidade infantil. Neste mesmo século a criança é conhecida como "tábula rasa" (ARIÈS, 1981, p. 50). Observa-se que por pouco tempo as crianças são vistas pelos adultos com certo afeto, pois as mimavam, se divertiam e brincavam com os pequenos, e essa fase infantil, assim afetuosa, rapidamente passa e ela é transformada em adulto e passa a assumir papel no trabalho. [...] De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente, em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média (ARIÈS, 2006, p. 9). Houve também um período como nos adverte Ariès (1981) em que se evidenciou um sentimento nas relações adulto e criança.

Trata-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1981, p. 12).

Pesquisadores do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, como Soares (1997), nos afirmam que até o século XVI na Europa, não havia reconhecimento dos direitos das crianças, elas eram subjugadas pelos pais e muitas vezes, eram ignoradas, abandonadas, mutiladas e até vendidas, nos apresentando ainda,

É a partir do século XVI que se iniciam as mudanças mais significativas, que viriam a alterar a posição e estatuto das crianças relativamente aos adultos. Atitudes associadas à sobrevivência, proteção e educação das crianças, que, gradualmente se foram fortalecendo durante os séculos XVII e XVIII, começaram a permitir delinear um espaço social especial destinado às crianças, no qual é já possível salvaguardar algumas das suas necessidades e direitos. (Soares, 1997, p. 78).

As posturas históricas conceituadas a partir do século XVII ampliam a compreensão de que proteger, formar, defender a infância, vai muito além dos direitos.

Nos séculos XVII, XVIII, XIX uma nova ordem social surge, valorizando o sentimento da infância, detectando a criança como um ser com capacidade de relacionar-se, de aprender e se desenvolver. Além disso, a alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância, entre os séculos XVII e XIX, retira a criança do anonimato e inicia um período de conquista para a infância: a recuperação e a divulgação de uma preocupação educativa: “o extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças” (ARIÈS, 1981, p. 194-195).

Sarmiento (2004) permite maior compreensão sobre a história da infância quando conceitua o que deve ser o entendimento do adulto sobre a criança afirmando que:

[...] as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. (SARMENTO, 2004, p. 10).

A afirmação do autor reforça a necessidade de compreender que a infância e seus símbolos são construídos historicamente, este processo ocorre de diferentes maneiras ao longo do tempo. Compreender e respeitar a presença infantil nos espaços sociais, não é mera obrigação, mas direito de quem está se desenvolvendo.

O século XIX foi um marco na história da infância onde a luta contra o trabalho infantil efetivou-se e a criança começou a ser apresentada como um ser de direitos. E no século XX a diminuição da taxa de mortalidade aconteceu de maneira significativa, enquanto que no século XXI as crianças são reconhecidas como atores sociais. Sobre o contexto histórico apresentado, os marcos de discriminação, de anonimato trazem para a atualidade mudanças desse paradigma social.

Os pesquisadores do PCA – da Universidade Estadual de Maringá Brasil, como Muller (2007), Rodrigues (2014), Natali (2016), entre outros, nos levam a entender a necessidade de desenvolver estudos que registrem as particularidades infantis. Mesmo porque, a criança já se distingue do adulto por sua própria natureza. Esse reconhecimento deve pressupor a diferença geracional, o que não implica na incapacidade de pensar (BEGO, 2015), e nessa perspectiva se amplia a compreensão de proteger, formar, defender a infância. A infância e as crianças se encontram num complexo sistema de incompreensões, se considerarmos que todas as crianças devem receber de igual modo direito, respeito e autonomia como os demais seres humanos. Tomás (2009, p. 87) afirma que, a concretização de uma infância cidadã respeitada e digna se apresenta como uma imperiosa necessidade, e laboriosa tarefa. A autora adverte que:

Por conseguinte, podemos afirmar a existência não de uma única infância, mas de infâncias: dada a pluralidade de viver situações, especificidades, e características culturais disseminadas da vivência cotidiana deste grupo social e geracional. Só as infâncias com diferentes lógicas: crianças de rua, crianças trabalhadoras, crianças exploradas sexualmente; são lógicas paradoxais com outros sentidos e com diferentes significações, que reafirmam o pressuposto das várias infâncias que têm que ser pensada com outras categorias de análises, e outros pressupostos metodológicos analíticos. (TOMÁS, 2009, p. 87-88).

A afirmação da autora nos leva a perceber que a infância não é vivida do mesmo modo por todas as crianças, varia quer seja na sociedade em geral, em uma comunidade e até mesmo dentro da mesma família. Nesse cultivo a autora defende que não podemos afirmar a existência de uma única infância. É fundamental lembrar que a criança é receptora de influências (TOMÁS, 2009) e, por isso passa a ser, não só receptora, mas um ser em contínuo desenvolvimento e com opinião própria.

Quando nos propomos desenvolver práticas imbuídas de conteúdos que inspiram a sua socialização, sua participação e seu desenvolvimento, estamos traçando processo dinâmico de formação. Nesse sentido, ao reconhecer sua capacidade, podemos promover sua inclusão no processo que é de direito sua participação, seja na família seja na escola, nos ambientes de sua vivência.

Além disso, proporcionar que ela seja autora de sua história e não do que o adulto lhe impõe. Muller (2007), autora do Brasil, sobre esses aspectos, nos orienta que:

De forma geral, na história tradicional a criança não aparece. Essa história é de adultos porque o que se conta é o que o adulto registra em ambiente público realizado por pessoas adultas. A criança não se registra sozinha. Assim, por muito tempo, não houve a história contada das crianças. (MÜLLER, 2007, p. 17).

De acordo com a autora o pensamento infantil passa a ser realizado pelo adulto exercendo a função de escriba, apesar de que a criança desde sempre, pensa, fala, produz, reproduz. O adulto ao escrever, realiza o registro que ele percebe e interpreta, muitas vezes assumindo o protagonismo nessa interação. Essa atitude do adulto acentua a invisibilidade, tornando-se característica da infância de diferentes tempos históricos. No entanto, diferencia-se em suas qualidades. É fato a necessidade em se respeitar crianças e adolescentes, para que estes vivenciem de maneira efetiva a infância, para tanto, como anunciamos acima compreender a forma como se constituiu a negatividade da infância, oportunizará elucidar como a história apresenta crianças e adolescentes em seu universo pelo olhar e referências do ser humano adulto. Sarmiento (2005) nos remete a uma negatividade tão arraigada, que parece ser constitutiva e inerente à infância, o que não é e nem pode ser.

Ressaltamos alguns termos usados que enfatizaram esse olhar como: menoridade, a fase do não sabe, não pode, tendo que submeter-se a instruções do adulto. Essa subalternidade na infância, não permite a criança ser criança. Por outro lado, isso se caracteriza como ato de disciplinar a criança para conduzi-la moralmente. Ainda sobre esses aspectos o autor enfatiza que:

Há uma negatividade constituinte da infância, que, em larga medida sumariza esse processo de distinção, separação e exclusão do mundo social. A própria etimologia encarrega-se de estabelecer essa negatividade: *infância* é a idade do não falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo; o *aluno*, é o sem luz, *criança*, é quem está em processo de criação, de dependência de trânsito para um outro. Como consequência as crianças têm sido, sobretudo linguísticas e juridicamente sinalizadas pelo prefixo de negação (são *inimputáveis*;

juridicamente *incompetentes*) e pelas interdições sociais (não votar, não eleger nem ser eleitos, não se casar nem constituir família, não trabalhar nem exercer uma atividade econômica [...]) (SARMENTO, 2005, p. 368).

A subalternidade apresentada pelo autor vem a ser reafirmada pela negatividade apresentada, como não falante, sem luz, sem capacidade e que, na contemporaneidade, muitas vezes isso se configura apenas discriminação da criança. Não obstante, há que se admitir que essa postura mediante a infância permanece, e somente poderá ter outro percurso se reconhecida, como ser humano que necessita do pleno desenvolvimento.

A percepção que temos é que a infância se constitui em diferentes aspectos, e é necessário entender que as influências no âmbito cultural mostram que este período não é só um estágio natural, pois ela se constitui historicamente por meio dos interesses da sociedade, muitas vezes sendo agente passivo de ordens sociais apresentadas pelo adulto.

Entendemos, por isso, que tanto a educação social, quanto a educação escolar podem contribuir para que crianças e adolescentes adquiram uma cultura que promova sua autonomia enquanto cidadão. Urge que sejamos breves nesta busca de qualidade para a vida infantil, visto que para torná-las protagonistas precisamos (TOMÁS, 2006):

[...] trazer as crianças para o centro, de repensar com elas o seu papel na sociedade e no mundo, nomeadamente considerando como válidas as suas lutas, as suas iniciativas, os seus movimentos, as suas representações, as suas imagens, as suas histórias e as suas culturas marginalizadas. (TOMÁS, 2006, p. 1).

Dentro do aspecto da capacidade que a criança possui, sendo ela humana, fica então mediante denúncias, lutas e programas em defesa dela, que ela é sim, capaz de aprender e tem, portanto, capacidade, não sendo mais, ao contrário, um ser inerte. No entanto é só na Modernidade que se põe em relevo o papel social da educação e a família se torna núcleo de afetos animado por “sentimento da infância”, que vai resultar no reconhecimento e na valorização que as crianças passaram a ter no meio em que viviam.

Ao considerarmos a relevância do contexto apresentado para esse estudo, destacamos também, como se deram as principais propostas de políticas

que envolveram desde a criação de documentos legais, como as adequações educacionais no século XX, XXI, bem como, os princípios que alicerçam práticas realizadas na infância como nos apresenta Müller (2012):

Os princípios orientam todas as ações, inclusive, a participação social. Os princípios que defendemos estão orientados pela ideia de emancipação humana, considerando que todos os sujeitos devem ter oportunidades para instrumentalizar-se constantemente para exercício da vida digna. (MÜLLER, 2012, p. 19).

Os princípios apresentados por Müller (2012), propiciam inferir o quanto aprender sobre a infância pode promover compreensão sobre as concepções de infância que historicamente se modificam, bem como nos apresentam que a emancipação humana é direito de todos para que enquanto seres humanos convivam dignamente, e ainda, efetivem que a criança seja, na medida do possível, autora de sua infância.

Desta maneira, queremos promover e compreender a criança como protagonista de suas ações, com capacidade de ver, observar, recriar, criar, envolver-se com a cultura existente e incidir na implementação de uma cultura que propicie sua inserção e interação no ambiente em que estiver. Profissionais da educação social e escolar precisam inferir o quanto é fundamental favorecer um ambiente para o público infantojuvenil que possibilite que seus olhares, suas expressões, suas opiniões, suas vivências sejam socializadas.

Defendemos que o desenvolvimento cognitivo, físico e social traduz a necessidade de desenvolver, principalmente, sua autonomia e deve estar agregado a sua formação escolar, social e na elaboração de políticas públicas que visem diluir o conceito negativo de infância que foi construído ao longo da história.

A trajetória que marca as pesquisas, os discursos, as lutas no sentido de trazer as crianças para o protagonismo e a partir daí resguardar seus direitos preservar-lhes a vida, tornando-as produtoras de sua própria história, requer novo modelo de racionalidade nos afirma Tomás (2006, 2009) construindo nova trajetória.

2.2. Promoção Social e Políticas Públicas para Infância

Neste subtópico “Promoção Social e Políticas Públicas para Infância” apresentamos as mudanças mais significativas que ocorrem a partir do século XX, a necessidade de promover a infância nos anos iniciais de sua presença em espaços educacionais escolares ou não. Este é um terreno propício para redefinir conceitos da ausência marcada pela falta de respeito, autonomia e de vida digna relacionadas a categoria geracional infância.

Sarmiento (2003 e 2004), adverte que o saber sobre as culturas da infância nos alicerça, e instrumentaliza para encontrarmos subsídios sobre a história da infância, bem como sobre a categoria social do tipo geracional, visto que:

As culturas da infância são tão antigas quanto a infância. Resultam do processo societal de construção da infância, coevo da modernidade. A diferença geracional é, assim, historicamente construída, com efeitos na evolução do estatuto social e das representações sociais sobre as crianças. Ao dizermos isso, recusamos uma concepção ontogênica das culturas infantis e afastamo-nos de uma perspectiva que “naturaliza” os modos de percepção, representação e significação do mundo pelas crianças, gerado a partir de características desenvolvimentais específicas e realizadas no vazio social. Ao invés, as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas do tempo, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (SARMENTO, 2003, p. 4).

Os escritos de Sarmiento (2005), evidenciam que as crianças de maneira singular interpretam o mundo e fazem suas constatações simbolizando o real, construindo e alicerçando, as “culturas da infância”, as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e ação próprias das crianças. Desta maneira, identificar a criança como ator social demonstra a capacidade que a criança possui de escrever sua própria cultura nas relações que estabelece com outros seres humanos. Tomás (2014), esclarece:

Quando nos referimos às culturas infantis consideramo-las resultantes de um processo social e cultural. As crianças são socializadas neste processo construtivo e mutável, tornando-se, desta forma, seres culturais. Aprendem os sistemas e as convenções de representação, os códigos das suas linguagens e culturas, os que as torna culturalmente competentes para interagirem socialmente. (TOMÁS, 2014, p. 13).

A compreensão das culturas infantis nos remete a relevância existente na relação entre o passado e o presente para a compreensão das políticas que ocorreram no sentido de resgatar o respeito e o lugar da criança na sociedade. Verificamos que o atendimento às crianças no Brasil apresentou maior significação nas últimas décadas do século XX.

Anterior a este avanço, tivemos legislações que versavam sobre uma visão punitiva da infância pobre, marginalizada. Assim, no contexto social das primeiras décadas do século XX, observamos em 1927 que crianças de classe pobre, abandonadas começam a ser objeto de assuntos jurídicos e então, surge o Código Mello Mattos, considerado o primeiro código de menores do Brasil, na defesa de situações onde o pobre era compreendido como violador das regras existentes, e não como sujeito com seus direitos violados.

Somente em 1921 apareceu uma iniciativa legal que culminaria na primeira lei brasileira voltada a regular o tratamento que deveria ser dispensado, pelos vários segmentos da sociedade, às crianças e aos adolescentes: o Código de Menores. Seguindo simplificadaamente esse processo, encontramos seu início no artigo 3.º da Lei federal n.º 4242 de 1921, que autorizava o governo organizar um serviço de assistência e proteção à infância carente. Sua regulamentação se deu em 1923. Três anos mais tarde, em 1926, o Código recebeu uma redação mais ampla e, em 1927, pelo Decreto Executivo n.º 17943-A estaria pronto e sancionado o primeiro Código de Menores. (MORELLI, 1996, p. 84).

Morelli (1996), apresenta a importância do primeiro código para a sociedade brasileira, demonstrando uma possível regulamentação nos assuntos relacionados ao Estado, a infância e a sociedade, para que as ações a serem tomadas visassem não a punição, mas sempre a proteção do público infantojuvenil. Visto que, no artigo 68 do Código de 1927, detecta-se que até os 14 anos de idade o adolescente não possui discernimento e seu desenvolvimento psí-

quico está em um processo que não promove a responsabilização por qualquer ato que possa ser considerado infracional.

Em 1979 surge o Código de Menores de 79 na (Lei 6.667, de 10 de outubro de 1979) a qual alicerçou-se na doutrina jurídica de proteção do “menor em situação irregular”, que encontrasse ou encontra-se em situação de abandono, ou prática de infração penal, desvio de conduta, falta de assistência ou representação legal, entre outros.

As leituras nos permitem interpretar e inferir que para o Código de 1927 – as crianças e adolescentes deveriam ser objeto de vigilância das autoridades judiciais, para o Código de 1979 – as crianças e adolescentes em situação irregular deveriam ser punidas com medidas judiciais, já o ECA – criança e adolescentes são sujeitos de deveres e direitos em fase de desenvolvimento.

O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente como lei federal (8.069 promulgada em julho de 1990) trata sobre os direitos das crianças e adolescentes em todo o Brasil, não os discriminando por raça, cor ou classe social. O ECA, enquanto documento legal legitima a criança como sujeitos que possuem deveres e direitos, considerados como pessoas em desenvolvimento a quem o Estado deve dar prioridade absoluta.

As políticas existentes que evidenciam os direitos a serem respeitados e executados apresentam que a criança passou a ser objeto de políticas governamentais de caráter mais abrangente com a Constituição de 1988,

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010). (BRASIL, 1988)

O Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, advoga:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

E ainda, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, explicita:

Art. 4º O *dever do Estado com educação escolar pública* será efetivado mediante a garantia de: I - *educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade*, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) a) pré-escola; b) ensino fundamental e c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Os artigos, além de garantirem a educação como direito de todos, são instrumentos legais que trouxeram nova concepção de infância da criança como sujeito de direito, evidenciando que políticas públicas existem, e precisam ser respeitadas e efetivadas.

É inaceitável políticas públicas sociais em que a criança esteja desvinculada de seus pares. De sua contextualização social, Tomás (2009) nos faz refletir que:

Um aspecto fundamental, título de reflexão em nosso cotidiano é que a criança não pode ser analisada independentemente de seu contexto socioeconômico, político e cultural. Desse modo, não se pode definir uma categoria universal, natural e homogênea de infância. (TOMÁS, 2009, p. 5).

Sarmento (2005) acentua que as crianças de maneira singular interpretam o mundo e fazem suas constatações simbolizando o real, construindo e alicerçando assim, a cultura da infância, as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e ação próprias das crianças.

Ainda sobre os instrumentos legais, pelo viés da Constituição Brasileira (BRASIL,1988), lembramos outras dores sentidas na infância, que se constituem como direitos para o seu desenvolvimento. Buscamos esse direito no Artigo 6º:

Art. 6.º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Redação dada pela Emenda Constitucional n.º 90, de 2015).

Não necessariamente será a Lei que irá garantir os direitos sociais, mas principalmente atitudes humanas, ao perceber que somos responsáveis uns pelos outros e, essencialmente, pelas crianças, que já trazem a representação do futuro. Certamente não haverá desenvolvimento de autonomia, de direitos apreendidos e praticados, se os espaços não se abrirem para a participação infantil. Esse processo traduz o que na prática deve ser a democracia. Para Tomás (2011),

[...]os processos de partilhar decisões, que afetam a própria vida e a vida da comunidade onde se vive. É um meio pelo qual se constrói uma democracia e um critério pelo qual devem julgar as democracias. A participação é direito fundamental da cidadania [...] (TOMÁS, 2011, p. 112).

Compreendemos, então, que é dever do estado, município, sociedade em geral, e família (BRASIL, 1990), e principalmente nos espaços educativos, desenvolver a cultura do respeito aos direitos, bem como apresentar junto com crianças que direitos são esses. Tomás, (2011) afirma que:

Num mundo que se caracteriza pela complexidade, os direitos das crianças são tão importantes como outras lutas, porque na agenda política mundial as lutas não podem ser categorizadas numa escala hierárquica. Contudo, podemos afirmar que a defesa dos direitos das crianças não está no topo dessa agenda. (TOMÁS, 2011, p. 81).

Há que se preencher essa lacuna que existe com relação à participação da criança, muito embora essa participação seja uma prática social resguardada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, por outro lado é fundamental executá-la no cotidiano e nos espaços de vivência das crianças e adolescentes.

Amparada na análise do ECA, Rodrigues (2014, p. 13) concebe que a participação política da criança e adolescente no cotidiano das políticas públicas e da sociedade em geral “[...] é um direito vinculado à garantia do direito de liberdade na infância (BRASIL, 1990, Art. 16, VI), como o de poder ir e vir, convivendo socialmente em segurança nas cidades, e o de brincar”.

O estudo considera que “Assegurar a manifestação das opiniões e escolhas políticas das crianças é, mormente, um dever e um compromisso público com esta população” (RODRIGUES, 2014, p. 13).

Dessas reflexões, Rodrigues (2014, p. 14) reverbera as seguintes ponderações e questionamentos, tomando-se ainda por base diversos princípios e direitos dispostos no Estatuto:

Do conjunto destes dados justapostos, ponderamos que as políticas públicas para a infância e adolescência no Brasil deveriam constar de ações governamentais sucessivas da articulação dos poderes públicos e da sociedade, pela via da participação popular (BRASIL, 1990, Art. 86; 88).

Entretanto, nos espaços de poderes políticos decisivos, quantos são os cidadãos e cidadãs que participam efetivamente das decisões públicas cotidianas? Desse número quantos são as crianças e ou adolescentes inseridas nesses espaços? Quantas estão excluídas desses processos, ou em situação de violação de direitos já que a participação na vida política da sociedade, de suas cidades, estados, comunidades é um direito de cada menino e menina com idade entre 0 a 18 anos incompletos. (BRASIL, 1990, Art. 16, VI).

Na realização de nossas vivências identificamos culturas presentes na infância das crianças e adolescentes, e para interagir com o público infantojuvenil, citamos os cinco princípios do PCA/UEM que foram alicerce das práticas, pois estes princípios primam por: respeito, compromisso, inclusão, participação e diálogo (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

Respeitar a cultura infantil nas vivências nos remeteu a Freire (1996), pois as mediações ludicamente vivenciadas promoveram interação e aprendizagem.

[...] como experiência especificamente humana, e educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinam e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. (FREIRE, 1996, p. 38).

A cultura apresentada à criança deve ser plural, desta maneira observamos o que nos aludem os autores Sarmiento (2005), que não podemos concluir que basta ser criança para produzir “uma cultura infantil”. Necessário é que aconteça a mediação de diferentes culturas existentes, com suas especificidades quanto à história, etnia, classe social, gênero, favorecendo o aprendiz identificar que existem diferentes culturas e estas podem ser vivenciadas de acordo com o contexto inserido, às pessoas que se relacionam.

Sarmiento (2005) apresenta:

As crianças, finalmente, possuem modos diferenciados de interpretação do mundo e de simbolização do real, que são constitutivos das “culturas da infância”, as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e de ação. (SARMENTO, 2005, p. 371).

O autor nos alerta que pouco sabemos sobre a cultura infantil pelo simples fato de que os adultos não permitem que a criança tenha vez e voz, e pouquíssimo se questiona a criança.

Nossas Caixas de sementeira tecem entrelaçamento com a teoria da Sociologia da Infância, assim, ao propor atividades com poesias, poemas, canções de ninar, cantigas de roda, músicas do clássico infantil, oportunizamos desde a infância a criança e adolescente aprender e inserir-se numa nova linguagem. Isso implica em adquirir e usufruir de seus direitos, executar seus deveres para seu pleno desenvolvimento. Desta maneira, respaldamo-nos em Müller (2007) que conceitua essa fase como:

A infância se refere exatamente a um conjunto de seres humanos que têm características próprias e que, usado o termo, já se sabe de quem falamos das crianças e seu mundo. Não de cada sujeito, mas da categoria onde se encontram estes sujeitos. A infância é referência adulta ao que há de comum aos sujeitos no início de sua vida, considerando aspectos da natureza biológica, da natureza relacional e de linguagem, da forma de estar com adultos e crianças, de aprender o mundo, de reinventá-lo e significá-lo. A criança é o sujeito que existe concretamente. (MÜLLER, 2007, p. 18).

Müller (2007, p. 18) salienta que a criança pelo fato de existir e coexistir necessita de referências que possam favorecer sua aprendizagem e vivência, visto que, políticas públicas existem e precisam ser efetivadas para que a participação infantil aconteça.

Como síntese do que destacamos sobre o histórico social da infância, apreendemos que as crianças passaram e ainda passam por despercebidas em muitos momentos e em situações diversas. O mundo contemporâneo, em muitas situações, tem abandonado as crianças no contexto capitalista, ou seja, ocupa seus espaços com coisas, tecnologia, realização de consumo inadequado, e assim, faz-se necessário uma oferta mais rica de oportunidades para o

desenvolvimento da subjetividade humana, no sentido da autonomia do sujeito criança.

No capítulo seguinte, relatamos experiências com as crianças, por meio de mediação da professora, nas quais entendemos haver os princípios defendidos pela Sociologia da Infância do Minho e pelo PCA: crianças como ser social; participação infantil no fazer e na reflexão, e, oferta de atividades culturais, políticas e lúdicas como forma de desenvolvimento humano para as crianças.

3. CANTEIROS PEDAGÓGICOS

Ao denominarmos a seção como Canteiros Pedagógicos, propomos uma linguagem poética que traduz a singeleza do desenvolvimento infantil, analisado pedagogicamente em sua expressão corporal, oral e escrita, e que entendemos como comparativo com as ações do ser humano enquanto planeja o cultivo da terra. A nosso ver, em sentido figurado traz o ser criança dotada de capacidade, sentimentos, curiosidades, e tantos outros valores.

Esta seção consiste em apresentar quatro experiências com crianças e adolescentes uma em ambiente formal escolar e em ambiente de educação social extraescolar, selecionadas pela pesquisadora para que o leitor possa adentrar nas sensações, emoções, percebendo a metodologia em cada atividade, além disso, reconhecer-se nas lembranças infantis.

Sistematizamos o material deste capítulo no que chamamos de *Caixa de Semeadura*. Por essa razão temos então quatro caixas de semeadura, as demais se encontram em anexo. Em cada caixa de semeadura foram utilizados seguintes recursos:

1. **Semente** – Identificamos o autor as informações sobre a obra e a temática principal explícita e implícita no texto;
2. **Terreno** – Consideramos o público envolvido nas atividades desenvolvidas (professor, educador, pedagogo, crianças e adolescentes) local;
3. **Plantio** – Destacamos os aspectos fundamentais para que o trabalho seja desenvolvido: objetivo geral, específicos e o encaminhamento metodológico que pode ser planejado para cada semente;
4. **Cultivo** – Apresentamos as metodologias pedagógicas, e os cuidados no momento da prática;
5. **Colheita** – Aqui descrevemos os resultados obtidos nas reações, participações das crianças e os aspectos que consideramos categorias que emergiram dessas práticas percebidas pela pesquisadora;

As descrições das atividades se assemelham ao plantio, pois nosso olhar pedagógico com as crianças tem como princípio cuidar para que o futuro seja repleto de frutos. Ressaltamos que o material abaixo, não conclui ou determina a atividade como acabada, mas possibilita que cada obra desenvolvida

venha a ser explorada, trabalhada, usada como recurso pelo profissional da educação escolar ou social, de acordo com seus objetivos. Há inúmeras obras literárias que podem se acrescentar ao que está proposto nestes planos de atividades.

Os textos selecionados são: “Menina Bonita do Laço de Fita” (MACHADO, 1986), “O pavão do abre e fecha” (MACHADO, 1998) e “Cativar”, “Charalina” (ALBISSÚ, 1989) e “O girassol” (DE MORAES, 1999), foram selecionados pois são ricos em situações de aprendizagem para a criança. Por meio da Linguagem literária e musical aproximamos a criança de temas como preconceito, diversidade, ECA, entre outros que descrevemos nas práticas. Além disso, de maneira lúdica e prazerosa inserimos valores, respeito a si e ao próximo e ouvimos, registramos as participações das crianças.

Percebemos que por meio de atitudes e diferentes ações pedagógicas como encenar, dramatizar e brincar, as crianças demonstraram sentimentos e valores positivos não só pelo conteúdo na letra da paródia e do enredo da leitura da história como pela alegria das melodias que acompanharam as atividades. Nessas situações percebemos que a leitura faz parte da vida do ser humano, e propicia que este faça inferência na realidade com o que existe ao seu redor. Lajolo, (2008), afirma que:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106)

Concordamos com a autora, pois nas experiências descritas é possível destacar atitudes, desejos e modificação nas ações que eram propostas para as crianças. Essa postura leva o educador a dar liberdade de expressão às crianças em suas ações pedagógicas. Abaixo, descrevemos como foi a experiência.

Ainda sobre esta seção, inserimos as canções trabalhadas em cada obra selecionada e que tem a função de agregar as linguagens literária e

musical, elaboramos atividades orais e escritas específicas para cada linguagem e comentários teóricos que subsidiam cada prática.

A música possibilita que a criança aprenda, se desenvolva e adquira habilidades como nos descreve a autora Jeandot (1993), afirmando que a música na vida da criança reserva particularidades de acordo com a idade,

2 anos, a criança é capaz de cantar versos soltos, fragmentos de canções, geralmente fora do tom. Reconhece algumas melodias e cantores. Gosta de movimentos rítmicos em rede, cadeira de balanço, etc.;

3 anos, a criança consegue cantar músicas inteiras, embora geralmente fora de tom. Tem menos inibição para cantar em grupo. Reconhece várias melodias. Começa a fazer coincidir os sons simples de seu canto com as músicas ouvidas. Tenta tocar instrumentos musicais. Gosta de participar de grupos rítmicos: marcha, pula, caminha, corre, seguindo o compasso da música;

4 anos, a criança progride no controle da voz. Participa com facilidade de jogos simples, cantados. Interessa-se muito em dramatizar as canções. Cria pequenas músicas durante a brincadeira;

5 anos, a criança entoa mais facilmente e consegue cantar melodias inteiras. Reconhece e gosta de um extenso repertório musical. Consegue sincronizar os movimentos da mão ou do pé com a música. Reproduz os tons simples de ré até dó superior. Consegue pular em um só pé e dança conforme o ritmo da música. Percebe a diferença dos diversos timbres (vozes, objetos, instrumentos), dos sons graves e agudos, além da variação de intensidade (forte e fraca)

6 anos, a criança percebe sons ascendentes e descendentes. Identifica as fórmulas rítmicas, os fraseados musicais, as variações de andamento e a duração dos valores sonoros. Adapta palavras sobre ritmos ou trecho musical já conhecido. Acompanha e repete uma sequência rítmica.

7 anos, a criança expõe e defende suas ideias. Ouve em silêncio acompanhando a melodia e o ritmo da música. Canta acentuando a tônica das palavras. Bate as pulsações rítmicas com as mãos, enquanto o pé acentua o tempo mais forte. Distingue ritmos populares – baião, rock, samba, marcha e valsa –, expressando-se com o corpo, criando gestos livremente, segundo esse ritmo. Produz pequenas melodias (compostas de perguntas e respostas) segundo uma fórmula rítmica. Interpreta músicas com expressão e dinâmica;

8 anos, a criança é mais rápida em suas próprias reações e também compreende melhor as dos demais. Percebe e distingue com segurança os elementos rítmicos, criando frases rítmicas.

9 anos, a criança adquire maior domínio de si mesma. Gosta muito de conversar. É capaz de distinguir os elementos da música: melodia, ritmo, harmonia. Percebe o fraseado musical. Lê, interpreta e responde a frases rítmicas;

10 anos, a criança facilmente cria sonoplastias para histórias e trilhas sonoras para novelas. Canta a duas ou três vozes. Gosta de cantar, mas não canções pueris. Escuta discos com entusiasmo, principalmente de músicas mais tocadas na televisão e no rádio;

a partir de 11 anos, o entusiasmo é o traço mais característico. Facilmente a criança perde sua própria identidade em função do grupo. As tarefas coletivas a atraem. É a época de montar ópera, criar uma obra musical em conjunto. Os debates, no nível analítico, aumentam. Ouve com facilidade tanto a música popular quanto a clássica. Gosta de muita música americana. (JEANDOT, 1993, p. 63-64).

A música pode auxiliar no desenvolvimento de diferentes habilidades, propiciando aprendizagem significativa, de maneira a favorecer não apenas a escuta de sons que estão a tocar, mas uma linguagem que promove vivenciar momentos de representação, reflexão a exposição do mundo imaginário das ações do pensamento, bem como a demonstração do que existe de conhecimento de mundo, ou seja, a criança e/ou adolescente apresentam e representam ao ilustrar, colorir, dançar, gesticular ou expressar-se corporal e cognitivamente.

3.1 Menina Bonita do Laço de Fita – Ana Maria Machado

Quadro 3 – Caixa de Semeadura 01

CAIXA DE SEMEADURA N.º 01		
1 – SEMENTE	Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado. Ilustração: Claudius. Editora Ática (1986)	
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Turmas do Infantil 1 a 5 ❖ Crianças ❖ Professores ❖ Auxiliares de serviços gerais ❖ Pedagogos Instituição de Ensino Formal	
3 – PLANTIO	Objetivo Geral	Ensinar a criança desenvolver o respeito pela diversidade, com o intuito de atribuir ao outro o que está estabelecido na declaração dos Direitos Humanos.
	Objetivos Específicos	Apresentar o tema diversidade, visando que o aluno aprenda sobre o tema valores, o que é consciência negra, a descoberta da cor; Propiciar momentos prazerosos de leitura de literaturas, a fim de que os alunos compreendam a importância do ler, bem como desenvolvam sua oralidade e criatividade ao realizarem as atividades propostas; Realizar diferentes atividades com os alunos, com o intuito de despertar o interesse dos alunos pela leitura de literaturas;

	<p>Promover por meio de diferentes ações pedagógicas, momentos prazerosos, bem como o despertar para o mundo da fantasia, desenvolvendo sua criatividade e percepções.</p>
<p>4 – CULTIVO</p> <p>Atividades com crianças, e profissionais da educação</p>	<p>A obra “<i>Menina Bonita do Laço de Fita</i>” foi escolhida objetivando despertar nas crianças momentos prazerosos de leitura, e desenvolverem-se em diferentes áreas. Iniciamos com apresentação do ECA para que ela conheça os direitos e deveres na infância, desenvolvemos saberes científicos sobre identidade, valores e respeito, diversidade, arte, música e que compreendessem a importância da leitura, do saber ouvir, internalizando o gosto e o hábito da leitura de literatura.</p> <p>Planejei as ações para mediar saberes às crianças e também, para proporcionar aos profissionais do Centro de Educação Infantil estudos e pesquisas sobre a importância da mediação por meio de diferentes ações pedagógicas. Os profissionais receberam fundamentação para compreenderem que existem inúmeras temáticas para serem abordadas em uma obra literária, principalmente para apresentar esses conhecimentos e saberes desde muito cedo aos alunos que estão matriculados em uma instituição de ensino de Educação Infantil. Destacamos sobre diversidade (cultura afro-brasileira e indígena) como de extrema relevância para que os alunos conhecessem os bens culturais construídos historicamente. A ferramenta que utilizamos foram as linguagens literária e musical pois consideramos que elas atribuem significados que permitem a criança construir sua aprendizagem sobre a temática de forma prazerosa e lúdica.</p> <p>Elaborei planejamentos de aulas para serem desenvolvidos na Educação Infantil com crianças de 0 a 5 anos de idade, envolvendo os profissionais da instituição. No tema diversidade, por exemplo, o aluno aprendeu sobre valores, o que é consciência negra e a descoberta da cor. As atividades centraram-se no desenvolvimento da sua oralidade e criatividade ao realizarem as atividades propostas. Apresentamos ao grupo leitura de outras literaturas, e propusemos outras ações pedagógicas, que envolvidos demonstraram sua criatividade, atenção, raciocínio e concentração ao realizarem as atividades propostas.</p> <p>Relato experiências com 138 alunos de todas as turmas, professores e monitores e que descrevo por ordenação que é característica da instituição em que atuei como coordenadora e executora das ações.</p> <p>Infantil 1 (0 a 1 anos), apresentei a literatura lendo o livro mostrando as figuras para despertar a atenção das crianças. Os alunos brincaram com os bonecos, confeccionados pela turma do Infantil 4 e 5, a boneca negra Alicia e o coelho Davi. As crianças ficaram encantadas ao manusear os bonecos. A professora com a ajuda das auxiliares levou os alunos ao espelho, ressaltou os diferentes tipos de cabelo, acariciou os fios e elogiou os fios encaracolados, os lisos e a cor da pele negra, branca. Ao colocar uma aluna japonesa em frente ao espelho explicou a característica da menina e colocou a boneca Alícia ao lado dela para exemplificar maior/menor, assim como, demonstrou a boneca dançando, e nesse momento convidou as crianças que confeccionaram os bonecos para ver o que estava sendo feito com os bonecos que eles confeccionaram. Nesse momento houve a troca de experiência, pois os que se achegaram que são crianças do Infantil 4 e 5 para cantarem e encenarem a música “Menina bonita do laço de fita” uma paródia da canção “Aos olhos do Pai” do grupo Diante do Trono intitulada “Menina bonita do laço de fita” uma versão de Wilmara Lima e Matheus Vinícius Lima.</p> <p>Em outro dia, os alunos juntamente com a professora confeccionaram um veículo (linda VAN), onde os passageiros foram meninas bonitas feitas com o carimbo da mão da criança na tinta preta??. Finalizei o trabalho ilustrando os passageiros da VAN com diferentes tipos de cabelos e laços vermelhos, marca registrada da menina bonita.</p> <p>Infantil 2 (1 a 2 anos) iniciei o trabalho com a leitura da obra</p>

Menina bonita do laço de fita e em seguida cantei encenei com a presença da turma do infantil 4 e 5 para as crianças do infantil 2. Após esse momento realizei com a turma roda de conversa em que eles expuseram as personagens que mais gostaram ou se identificaram, como também sobre partes vivenciadas na história. Mostrei as ilustrações de cada página do livro com comentários em que explorei cores das ilustrações, características das pessoas como: cor da pele, cabelo, olhos, acompanhado de explicações que todos somos diferentes e ao mesmo tempo semelhantes. Exemplifiquei pelo formato do rosto, altura, perfil do corpo, etc. Nessa turma confeccionamos o ônibus que foi desenhado em folha de papel Kraft e destacamos os meios de transportes. Para desenvolver a percepção tátil, promovi as sensações ensinando-os a fazerem carimbos com as mãos na tinta guache, acariciar os cabelos, tocar a pele do outro, etc. Aproveitei o momento para demonstrar como podemos fazer outras cores: a mistura do branco e preto para fazer a cor cinza, em que eles usaram para representarem o asfalto e simbolizar os pneus. Ainda, usei cola branca e os alunos com seus dedos em movimento de pinça colocaram a erva mate que fora utilizada para fazer o chá das crianças naquela semana. No volante foi colado aparas de lápis de cor. Finalizamos o trabalho colocando moldura na arte das crianças e a fita vermelha no cabelo da menina bonita.

Infantil 3 (2 a 3 anos): Nessa turma iniciei com a encenação e a paródia da canção dos alunos do Infantil 4 e 5. Somente depois dessas ações fiz a leitura do texto Menina bonita do laço de fita. Essa turma já consegue desenvolver atividades com giz de cera e lápis de cor. Assim, propusemos a ilustração da história em folha sulfite, com lápis grafite e coloridos fizeram a arte com lápis de cor. As ações seguintes foram identificar as características de menino e menina, compreenderem os sentimentos, como a amizade, exemplificando a amizade da menina e do coelho. Propus ilustrações do coelho como escriba na lousa, pedi que rasgassem papel crepom em pedacinhos, para juntos colarmos no coelho. Relembrei músicas de coelhos, cantamos e confeccionamos máscaras colorindo com giz de cera. Na mesma semana, os alunos utilizaram a máscara para uma das apresentações semanais realizadas no pátio do CMEI. Explorei a letra C, tanto consciência articulatória, quanto a consciência fonológica da palavra coelho. As crianças coloriram a letra C com giz de cera. Carimbaram as mãos com tinta guache e representaram a menina bonita. Explanei a turma sobre a importância de respeitar nossas amizades, e questionei: Somos todos iguais? Por que somos diferentes? Expliquei os motivos pelos quais devemos amar uns aos outros e também respeitar as diferenças. Indaguei e explanei: Quando não sabemos algo devemos mentir? Aproveitei e exemplifiquei com a atitude da mãe da menina ao conversar com o coelho explicando sobre o porquê a filha era negra. Para representar a menina negra os alunos carimbaram a mão no papel sulfite com tinta guache preta e com cola colorida usaram as pontas dos dedos para finalizarem o rostinho da boneca Alícia. Explorei a letra M evidenciando a palavra menina, representei graficamente e ensinei tanto consciência articulatória, quanto a consciência fonológica da palavra menina. Em um outro dia de trabalho com o projeto Conta ação de histórias – leitura de literaturas, retomei o tema corpo humano e montamos um quebra cabeça, o qual foi dividido em cabeça, tronco e membros superiores e membros inferiores, os alunos após brincarem em diferentes momentos com o quebra cabeça colaram no papel Kraft e coloram em exposição no pátio do CMEI.

Infantil 4 (3 a 4 anos) e Infantil 5 (4 a 5 anos) apresentei a literatura Menina bonita do laço de fita, explorei as personagens e a mensagem transmitida pela história e ao perceber o quanto eles estavam envolvidos ensaiamos e encenamos. Conversei com a turma e nosso

diálogo aconteceu embasado em questionamentos: Vocês conhecem alguém que tenha a mesma cor da minha cor de pele? Vocês já ouviram alguma história que tenha personagens negras? Ao chegar em casa por favor perguntem ao papai/mamãe ou a outra pessoa se conhecem. Apresentei a história lendo com o livro em mãos sem mostrar as imagens. Fiz a contação da história apresentando aos alunos as imagens do livro. Realizei a interpretação oral, discutimos os vocabulários e expressões. Questionei sobre o nome do título do livro e compartilhei com os mesmos sobre quem é Ana Maria Machado. Realizamos a leitura da capa do livro. Explorei as palavras MENINA BONITA. Apresentei letra a letra e questionei o que eles conhecem que começa com cada letra. Contamos as letras. Batemos palmas para fazer separação das sílabas. Explorei a consciência fonológica, consciência fonoarticulatória e consciência fonética das palavras que foram evidenciadas na lousa. No dia em que os alunos do infantil 4 e 5 apresentaram a paródia no pátio nomeamos a boneca, seu nome é Alícia e o coelho é Davi. Cantamos com todas as turmas no pátio. Brincamos de Coelhoinho sai da toca. Aproveitamos e evidenciamos nas TOCAS – letras, símbolos e números e as crianças aprenderam a diferença. Brincamos com bonecas. Procuramos em revistas composições de famílias de diferentes culturas e etnias e montamos um cartaz. Fizemos uma produção de texto coletivo enquanto professora fui a escriba, primeiro na lousa e posteriormente evidenciei no papel Kraft. Dividimos as tarefas, e a turma do infantil 4 fazia o coelho e a turma do infantil 5 fazia a boneca. Confeccionamos um coelho com tecido TNT, e na sala de aula, explorei partes do corpo, e com a turma do infantil 5 construí coelhos com rolinhos de papel higiênico, aproveitei para retomar o tema do Projeto lixo – Consciência ambiental, pelo motivo que estavam utilizando um material que fora reciclado. Passo a passo fui ensinando, primeiramente os alunos pintaram os rolinhos do papel higiênico, a professora explicou que o mesmo seria o corpo do coelho, a cabeça, olhos, dentes, braços, pernas foram feitos de EVA, os bigodes de cartolina preta, e os olhos e nariz com as pontas do dedo indicador de cada criança responsável pelo coelho. Após dias de confecção, pintura, secagem, realizamos a montagem para os alunos brincarem com o brinquedo confeccionado por eles e para colocar em exposição na instituição de ensino. Apresentei aos alunos por meio da leitura, a letra da paródia da música e após as crianças relacionarem com a história de Ana Maria Machado, coloquei a paródia em áudio para os alunos ouvirem e solicitei que tentassem reconhecer a voz de uma das pessoas que trabalhavam no nosso CMEI, os alunos disseram vários nomes, e uma aluna disse o meu nome. Gostaram da música, aprenderam, encenaram e cantaram. Em um outro dia solicitei aos alunos que pintassem suas mãos para confeccionarmos um coelho, os alunos brincaram e muitos não quiseram lavar as mãos para não sair o desenho.

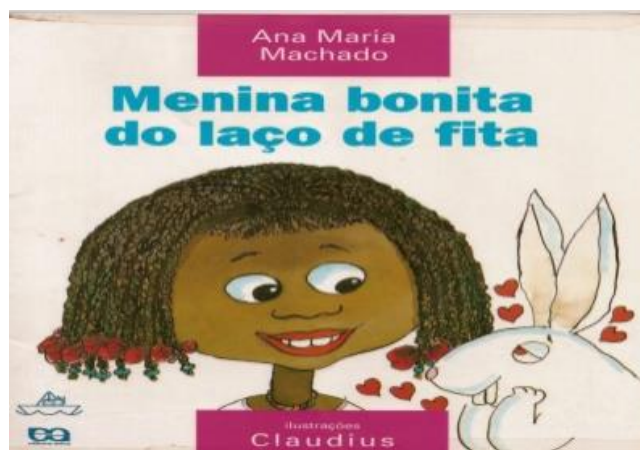
Na turma do infantil 5 além das atividades apresentadas acima, os alunos ilustraram as personagens, com riqueza nos detalhes, partes do corpo, pintura e moldura no trabalho realizado. No início de uma de suas aulas iniciei dizendo: Que maravilha, nós conhecemos uma linda história e aprendemos que somos todos diferentes, e em alguns aspectos temos semelhanças importantes que nos tornam únicos para as pessoas que nos amam e nos querem bem. Expliquei que todos completariam o que estava faltando de letras no título da história, demonstrei na lousa e entreguei a folha aos alunos solicitando que observassem letra a letra e comparassem para identificar o que estava faltando. Após completarem as palavras os alunos ilustraram e nomearam a menina, seu nome Mariana. Na linguagem matemática os alunos observaram um desenho e contaram na cena quantos coelhos havia e representaram o algarismo, pintaram os coelhos, demonstraram satisfação ao fazer a atividade. Colocamos em exposição as atividades. Mostrei aos alunos o molde de um corpo feito com tecido TNT, e indaguei o que todos os alunos poderiam fazer para fazerem uma boneca, várias foram as respostas, encher com a boca, com gás, até que

	<p>uma criança disse para fazer como sua mãe fez uma almofada, encher com espumas. Após conseguirem as espumas encheram a boneca. Os olhos, boca, mãos foram feitos de EVA. Deixaram a boneca linda, colocaram fitas vermelhas nos cabelos feito de tiras de TNT, vestido, sapatinhos. Por meio dos elogios proferidos pelas crianças expliquei sobre a valorização da cor e o respeito que devemos ter com as pessoas. Como foi feita apenas a confecção de uma boneca coletiva ensinei cada criança a confeccionarem uma boneca com papel higiênico, onde cada criança pintou o corpo com tinta marrom, ilustraram o rosto com caneta <i>pilot</i> preta e fizeram vestido e sapatos com papel rasgado. Os trabalhos ficaram maravilhosos, superou o que outrora objetivei, fiz laços com fitas de cetim e os alunos colocaram fitas no cabelo da boneca. As crianças participaram ativamente.</p> <p>Os estudos realizados para este fim propiciam entender que a mediação utilizada com a linguagem literária e musical favoreceu uma boa leitura do trabalho desenvolvido, visto que, facilitou não apenas o desenvolvimento da criança, mas possibilitou a interação dela com o universo do saber científico, além de que a criança se encantou inserindo-se em uma fonte de divertimento, prazer e aquisição de cultura.</p>
<p>5 – COLHEITA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação do próprio corpo • Vivência corporal; • Troca de experiências; • Criação artística; • Diversidade de leituras • Atividades lúdicas • Identificação de outras culturas • Cultura afro-brasileira e indígena • Valores Humanos • Família • Artes plásticas • Percepção dos sentidos: • Meio ambiente (reciclagem e material) • Linguística- concepções fonológicas e fonoarticulatorias • Atividades Lúdicas • Produção oral e escrita • Incentivo para leitura

Fonte: elaborado pela autora.

Vimos nessa experiência que a comunicação é essencial para ensinar a criança a viver e conviver de maneira saudável, e isso pode ser realizado por meio da literatura e da música, que favorecem a construção das relações raciais, e principalmente sociais. Para tanto mediar conhecimentos sobre preconceito, promoção da equidade, bem como valores humanos é fundamental, principalmente se respaldados nas linguagens musical e literária, assim por meio da mediação é possível que a criança aprenda e se desenvolva compreendendo que é primordial valorizar e respeitar a diversidade sociocultural, bem como saber praticar e vivenciar a convivência de solidariedade na sociedade que se diz democrática.

Figura 1 – Capa do livro Menina bonita do laço de fita



Fonte: Educar para Crescer.²

Segue trecho da história do livro:

Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos pareciam duas azeitonas pretas brilhantes, os cabelos enroladinhos e bem negros. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra na chuva. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer tranças no cabelo dela e enfeitar com laços de fita coloridas. Ela ficava parecendo uma princesa das terras da África, ou uma fada do Reino do Luar. E, havia um coelho bem branquinho, com olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto na vida. E pensava: Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela... (MACHADO, 1987).

Música “Aos Olhos do Pai”:

Aos olhos do Pai
Você é uma obra-prima
Que Ele planejou
Com suas próprias mãos pintou
A cor de sua pele
Os seus cabelos desenhou
Cada detalhe
Num toque de amor
Aos olhos do Pai
Você é uma obra-prima
Que Ele planejou
Com suas próprias mãos pintou

² Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/100-livros-essenciais-398904.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

A cor de sua pele
 Os seus cabelos desenhou
 Cada detalhe
 Num toque de amor
 Você é linda demais
 Perfeita aos olhos do pai
 Alguém igual a você não vi jamais
 Princesa linda demais
 Perfeita aos olhos do Pai
 Alguém igual a você não vi jamais
 Você é linda demais
 Perfeita aos olhos do pai
 Alguém igual a você não vi jamais
 Princesa linda demais
 Perfeita aos olhos do Pai
 Alguém igual a você não vi jamais
 Aos olhos do Pai
 Você é uma obra prima
 Que Ele planejou
 Com suas próprias mãos pintou
 A cor de sua pele
 Os seus cabelos desenhou
 Cada detalhe
 Num toque de amor
 Nunca deixe alguém dizer
 Que não é querida
 Antes de você nascer
 Deus sonhou com você!
 Nunca deixe alguém dizer
 Que não é querida
 Antes de você nascer
 Deus sonhou com você!
 Você é linda demais
 Perfeita aos olhos do pai
 Alguém igual a você não vi jamais
 Princesa...
 Aos olhos do Pai (VALADÃO, 2001).

Elaboração de paródia:

Menina Bonita Do Laço De Fita
 Menina bonita
 Do laço de fita
 És linda és bela
 As vezes tagarela
 O teu segredo
 O coelho branco quer saber
 Como ele faz
 Pra ficar como você
 Menina bonita
 Do laço de fita
 És linda és bela
 As vezes tagarela
 O teu segredo

O coelho branco quer saber
Como ele faz
Pra ficar como você
Suas tranças são lindas demais
Pele perfeita aos olhos do Pai
O coelho branco te admira demais
Sua cor é linda demais
Pele perfeita aos olhos do Pai
Explique ao coelho o que ele faz
Coelho se pinte se jogue na tinta preta
Coma jabuticabas, ou então tome café
O coelho assim fez
Mas muito mal ele ficou
Então a mãe da menina
A ele explicou é por causa da genética
É por causa da causa da vovó
Encontre uma coelha pretinha
E assim você terá
Uma coelhinha pretinha
O coelho então casou
Lindos filhos a coelha gerou
Branco cinza e malhado
Até mesmo rosado
Após muito tempo
Uma coelha pretinha nasceu
Todos a admiravam
E perguntavam o segredo dela
A coelhinha pretinha
Risonha então respondia
Graças aos conselhos
Da mãe da minha madrinha
As duas brincavam
Felizes ficavam a cantar
Menina e coelha pretinha
Alegre a dançar
Amigas bonitas
Do laço de fita (LIMA; LIMA, 2017).

Figura 2 – Criança brincando e encenando.



Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Figura 3 – Dramatizando a literatura com o que confeccionamos com material reciclado.



Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Figura 4 – Realizando a atividade



Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Figura 5 – Finalizando nosso cartaz.



Fonte: Arquivos da pesquisadora.

3.2 O pavão do abre e fecha – Ana Maria Machado e Cativar – Cantiga popular

Quadro 4 – Caixa de semente 02

CAIXA DE SEMEADURA N.º 02		
1 – SEMENTE	O pavão do abre e fecha – Ana Maria Machado; Cativar – cantiga popular.	
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças e Adolescentes ❖ Professores ❖ Educadores Sociais ❖ Pedagogos ONG - Núcleo Social – Espaço criança	
3 – PLANTIO	Objetivo Geral	Ensinar sobre os direitos e deveres que a criança e o adolescente pode utilizar respaldados no ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, visando que o público infantojuvenil aprenda e coloque em prática.
	Objetivos Específicos	Possibilitar saberes sobre ECA, especificamente os artigos IV e V, propiciando ao público explanação dos escritos no estatuto; Evidenciar que existem direitos e deveres, a fim de que compreendam que para viver e conviver é essencial, mesmo que não aceitar, saber respeitar; Promover saberes sobre as diversidades existentes em nosso mundo, a fim de que as crianças e adolescentes conheçam e se reconheçam; Ensinar que devemos respeitar a opinião das pessoas, apresentando ser essencial valorizar as próprias escolhas. Ensinar a criança sobre características de sua identidade, quanto à cor, gênero, crença, a fim de favorecer que compreendam que somos seres humanos; Apresentar as diversas classes sociais existentes e as diferentes etnias que encontramos em nosso país, visando ensinar que somos iguais e diferentes, bem como somos seres humanos que precisamos de cuidados;
4 – CULTIVO	<p>A história apresenta um pavão que se preocupava com o que as pessoas falavam dele, se achava lindo com suas cores azul, vermelho, e verde e para representar sua felicidade abria suas penas e ficava todo exuberante, porém quando olhava seus pés ficava envergonhado e assim se fechava novamente. Comecei a pintar com tintas guache minha mão.</p> <p>Iniciei o diálogo com as crianças por meio da linguagem literária com a história do pavão. Havia uma criança S. 5 anos, cabisbaixa, triste, que havia se recusado a participar do momento literário e musical. De repente começou a procurar o local onde eu estava, disfarcei e continuei a contar a história.</p> <p>Conforme a leitura avançava, a criança se aproximava, e no final da leitura a pequena menina sorriu e sentou-se com o grupo. Continuei dialogando e problematizando a situação. Questionei se alguém ali se preocupava com o que os outros diziam. Várias crianças e adolescentes levantaram suas mãos, e um adolescente de 13 anos, quando solicitei que compartilhasse com a turma, tirou seu boné e disse que ficaria de boné até seus cabelos crescerem, pois a mãe tinha recebido o dinheiro da diária que ela ganhava fazendo faxina em casas, mas o pai havia pegado tudo e gastado com jogo e bebida, assim não sobrou nada para a mãe pagar o cabeleireiro. Ela</p>	

	<p>havia feito o corte e devido aos muitos buracos que ficara, foi necessário passar a gilete em todo o cabelo, ele dizia que estava parecendo um doente. Explanei que logo os cabelos do pequeno cresceriam e, exemplifiquei que muitas crianças perderam seus cabelos devido a doença e que ele estava com vergonha, mas ficar sem cabelo seria passageiro e muitas sofriam com câncer e faziam tratamentos complicados, o menino sorriu e assim dialoguei sobre o capítulo IV do ECA evidenciando que toda criança tem direito a educação, saúde, esporte e lazer, bem como o artigo V que explica que a criança e adolescente não pode ser discriminada ou negligenciada.</p> <p>Explanei a importância de eles conhecerem os artigos, pois se se sentirem discriminados, podem procurar seus direitos e sempre realizar seus deveres...</p> <p>A menina que estava ao longe e havia se aproximado também levantou a mão e tímida colocou a mão na frente da boca e começou a falar que estava feia, pois seu dente caiu e estava demorando a nascer. Então, após ela dizer ter 6 anos de idade, expliquei que o ato de um dente de leite cair era um processo natural e muito em breve um belo dente nasceria que estava escondidinho, bem aquecido dentro de sua gengiva e em poucos dias ela poderia apresentar seu novo dente aos amigos. Ela me olhou voltou a ficar cabisbaixa, mas percebi que agora não estava com sua expressão facial triste, mas pensativa. Explanei sobre a literatura Meu dentinho, seu dentão, da autora Sonia Salerno Forjaz e retomei a conversa sobre “O pavão do abre fecha” evidenciando que ela não devia se envergonhar tapando sua linda boca como o pavão se fechava para não mostrar sua linda janelinha.</p> <p>Antes de levantar do belo gramado, cantei com as crianças a canção “Criança não trabalha, criança dá trabalho” Palavra cantada, e brincamos, dançamos. Direccionamos até o local que estava a nos esperar bolo, suco, agrademos a Deus, devido ao fado de estarmos em um local onde Irmãs Marista estavam na direção e nos alimentamos, descansamos e as crianças e eu, brincamos de pega pega, barata no ar, pique esconde... deixei minha caixa de literaturas e gibis aberta a disposição de todos e alguns ficaram a ler por meio da linguagem verbal e outros a não verbal, pois algumas crianças realizam apenas a leitura de imagens. Neste dia realizei interação por meio da linguagem literária e musical, com crianças de dois a quatorze anos de idade.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito e cuidados com as particularidades das crianças; • Oportunidade de expressão do aluno sobre sua opinião e também sobre sua realidade; • Demonstração do sentimento de felicidade; • Respeito às pessoas doentes; • Apresentação do capítulo IV do ECA - criança tem direito a educação, saúde, esporte e lazer; • Visualização das imagens da literatura; • Ensino e canto da música “Criança não trabalha, criança dá trabalho” Palavra cantada; • Realização de atividades lúdicas (brincadeiras, canto, dança).

Fonte: elaborado pela autora.

“O pavão do abre e fecha”, da autora Ana Maria Machado permitiu muitas reflexões, vale destacar que aprendemos sobre o respeito e cuidados com as particularidades que devemos demonstrar para com as pessoas ao nosso

redor, permitindo a reflexão de que existem situações que até podemos demonstrar atitudes do não aceitar, mas devemos respeitar.

Conhecendo o pavão que como descrito abaixo não se aceitava, mediei, ensinamentos permitindo as crianças e adolescentes a oportunidade de expressar-se e ainda dar sua opinião e aceitar sua própria realidade. O pavão após ouvir seus colegas demonstrou sentimento de felicidade e na fala de uma das crianças verifiquei que ela entendeu que estar sem seu cabelo ou uma menina estar sem seu dente era uma situação passageira, sendo possível identificar a situação de um enfermo e assim, respeitar as pessoas doentes. Ao apresentar o ECA, e dialogar sobre, principalmente, o artigo IV, o público infanto-juvenil entendeu que enquanto seres humanos eles têm direito a educação, saúde, esporte e lazer.... Ouvir, cantar e encenar a música “Criança não trabalha, criança dá trabalho” de autoria dos artistas da Palavra Cantada, Paulo e Sandra... ensinou a nós a oportunidade de realizar diversas atividades lúdicas.

Figura 6 – Capa da literatura O pavão do abre e fecha



Fonte: Educar para Crescer.³

³ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/100-livros-essenciais-398904.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

História de "O pavão do abre e fecha":

Um pavão se admirava na beira do lago, se olhava na água e se perguntava:

- Sou feio? Sou bonito?

Quando via a cauda aberta em leque, toda verde, roxa e azul-brilhante, se achava lindo e elegante.

Mas quando olhava para os pés e seu andar desajeitado, ficava até desanimado. E se escondia envergonhado.

Um dia, ele recebeu um convite para uma festa no céu, que devia ser ainda mais bonita que a tal do sapo. Abriu e perguntou:

- Será que isso é bom? Será que é ruim?

Sempre que precisava ter uma opinião, ficava assim.

- Claro que é bom – disse o pombo-correio.

- Festa é sempre bom.

E ele achou que era bom.

Abriu a cauda e ficou se admirando. Depois, ensaiou uns passos de dança. E ouviu as gargalhadas de um tangará dançarino que, bem ao seu lado, treinava para a festança:

- Que bicho mais desajeitado! Este baile vai ser engraçado....

Ficou todo sem graça e se fechou.

Aí chegou um pardal e assim falou:

- Que tristeza é essa?

- É que eu danço esquisito...

- E quem vai reparar nisso num bicho tão bonito?

E o pavão, elogiado, abriu a cauda com pena pra todo lado.

Mas, de mau jeito, acabou perdendo uma, lá no canto direito.

Foi uma tristeza danada. E lá ficou de novo, todo encolhido, de cara amarrada.

- Por que todo esse aborrecimento? – Perguntou o periquito, que passava nesse momento.

- Perdi uma pena e isso é ruim.

- Ruim uma ova. É sinal de que vai ganhar outra bem nova.

Com isso, o pavão se animou e abriu seu leque.

Aí chegou o bem-te-vi e riu muito engraçado:

- Olha o pavão de rabo banguela!

Já se sabe: o pavão encolheu a cauda, tratou de sumir com ela.

E ficou assim a tarde toda, abrindo e fechando, abrindo e fechando, mudando de idéia com cada bicho que ia encontrando. No fim do dia estava suado, cansado, de língua de fora, exausto de abrir e fechar a toda hora.

Resolveu: não ia mais. Mas também não ficava ali para todo mundo rir dele. Viu uma moita e se escondeu atrás.

Aí ouviu uma conversa do outro lado:

- Nem agüento mais esperar o baile. Que festança vai ser essa...

- É mesmo! Comida boa, água fresquinha, muitos amigos e música à beça....

O pavão foi até lá, ver quem tinha tanta animação.

Não era pássaro colorido, nem dançarino, nem de boa canção.

Era um casal de urubus.

Foi a vez do pavão rir deles, abrindo suas penas verdes e azuis.

- Vocês não se envergonham? Feios assim e cheirando ruim? Quando vocês dançarem, todo mundo vai sair.

Vai nada... - respondeu o urubu. - Todo mundo está mais ocupado, tratando de comer e beber, de cantar e dançar, de se ver e conversar.

E se alguém quiser, pode rir.

Não é por isso que vou deixar de me divertir.

E a urubua completou:

- E tem mais: não tem essa de feio e fedorento, não, ouviu?

Urubu é tão bonito, da cor do jamelão e do jaguar, da jabuticaba e da noite sem luar....

E quando o pavão abria o bico e se espantava, ela continuou:

- Você é que é feioso, com esse rabo escandaloso, abrindo e fechando que nem gaveta. E nem ao menos tem a cor preta.

Todo esse verde, vermelho e azul, cheio de bolinha...

Mas a última coisa que disse foi com um sorriso manhoso e olhar dengoso:

- O que vale é que você tem uns pés que são mesmo uma gracinha..... E depois, isso de bonito ou feio é só questão de recheio.

Aí o pavão teve que rir.

E depois que os dois saíram voando, ele ficou pensando:

- Feiúra de lixo ou beleza de artista não depende do bicho, mas do ponto de vista. Cada um é diferente e o que importa é mesmo a gente.

E lá foi ele animadíssimo para uma festa bem divertida.

Ainda bem. Se não, ficava naquele abre-e-fecha toda vida.

(MACHADO, 1998).

Figura 7 – Contando história para crianças



Fonte: arquivos da pesquisadora.

Figura 8 – Apresentando a criação da personagem da história.



Fonte: arquivos da pesquisadora.

3.3 Charalina – Nelson Albissú.

Quadro 5 – Caixa de sementeura 03

CAIXA DE SEMEADURA N.º 03		
1 – SEMENTE	Charalina – Nelson Abissú e Amigo mais perto – Cristina Mel	
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças e adolescentes ❖ Pais, mães e/ou responsáveis ❖ Professores ❖ Educadores sociais ❖ Pedagogos. ONG 	
3 – PLANTIO	Objetivo Geral	Ensinar por meio da literatura, a importância do entender sobre o pensamento ético da criança e do adolescente, visando que os pais ou responsáveis saibam resgatar e reconhecer a cultura infantil.
	Objetivos Específicos	<p>Evidenciar que tudo o quanto realizamos apresentam resultados positivos e negativos, visando que o público compreenda;</p> <p>Apresentar e ensinar saberes sobre ECA, especificamente os artigos IV e V, propiciando ao público explanação dos escritos no estatuto;</p> <p>Destacar que tudo o quanto semeamos, um dia plantamos, seja atitudes positivas ou negativas;</p> <p>Ressaltar que existem direitos e deveres, a fim de que compreendam que para viver e conviver é essencial, mesmo que não aceitar, saber respeitar;</p> <p>Favorecer a compreensão sobre as atitudes da personagem Charalina, a fim de que as crianças e adolescentes entendam e saibam valorizar o que está ao nosso redor;</p>
4 – CULTIVO	A realização do projeto aconteceu frente a um estudo pormenorizado junto às instituições educacionais assistenciais – CESOMAR – Centro Social Marista, aferindo que o alunado depara-se com conflitos de várias espécies, sendo necessário trabalhar a formação	

	<p>e o seu resgate infantil. O trabalho realizado com pais e filhos consistiu na abordagem de uma reflexão respaldada na linguagem literária e musical.</p> <p>Iniciamos com uma canção, visando descontração, para que por meio da ludicidade realizássemos a apresentação, uma calorosa acolhida e ainda, um agradecimento pelos presentes na reunião realizada com e na comunidade.</p> <p>Cantando a canção 'Amigo mais perto' da cantora Cristina Mel, evidenciamos que o dançar bem como o gesticular promove descontração e alguns tentaram até cantarolar propiciando que momentos prazerosos se efetivassem. Evidenciamos também que alguns moradores eram vizinhos a mais de um ano e não se conheciam apenas vez ou outra se cumprimentavam, mas não haviam interagido permitindo vínculos para possíveis laços de amizade.</p> <p>Apresentamos o objetivo do que motivava nossa presença ali, explanando que realizaríamos alguns encontros para juntos dialogarmos sobre o tema: "O pensamento ético da criança e do adolescente: um resgate e reconhecimento da cultura infantil".</p> <p>Enquanto professora e educadora social utilizo a metodologia apresentada pelo professor Gasparim (2005). Assim, iniciamos nossa conversa por meio de questionamentos, os quais o autor apresenta como problematização, assim realizamos a prática da escuta, dando vez e voz ao público que presente. Indagamos: O que é mais importante para o convívio familiar?; O que podemos fazer para vivermos e convivemos?</p> <p>Realizamos a dinâmica: Folha de papel, observando que os pais certificaram a importância do diálogo entre pais e filhos. A dinâmica "Folha de papel" foi selecionada, pois nosso objetivo era: Promover um momento de interação e descontração, com o intuito de favorecer uma reflexão sobre o que acontece em nossa sociedade.</p> <p>Utilizamos como material uma folha de papel A4, que foi entregue a cada pessoa presente, adultos e crianças.</p> <p>O procedimento foi mediado de maneira que as pessoas ouviam os comandos e, gradativamente, a dinâmica aconteceu. Com a folha de sulfite em mãos, solicitei que todos balançassem a folha e conforme o barulho eu pedi para que fossem mais ágeis, para que o som se tornasse mais intenso. Orientei os participantes a realizarem dobras em vossas folhas, uma pequena dobra, uma nova dobra... até que a folha ficou cheia de marcas e pedi que novamente balançassem a folha para que percebessem como havia diminuído o som. Orientei os participantes a assarem bastante a folha até formar uma bolinha, eles realizaram o procedimento então, solicitei que balançassem a folha que nenhum barulho fez. Pedi que desamassassem a folha e todos tentaram, alguns até tentaram colocar na coxa da perna e passar com as mãos e ainda passar a caneta no formato horizontal sobre a folha para desamassar.</p> <p>Continuei o procedimento e perguntei se era possível a folha ficar desamassada, e alguns responderam que jamais, era impossível. Desta maneira, comecei a explicar que a dinâmica tinha um significado, nosso intuito era que todos comparassem a folha de papel com uma palavra. As palavras que saem da nossa boca uma vez proferida não podem retornar. Palavras positivas ou negativas uma vez ditas não podem ser consertadas no caso de acontecer negativamente podemos ofender, magoar, machucar sentimentos causando transtornos que podem causar feridas impossíveis de serem cicatrizadas.</p> <p>Para finalizarmos nosso primeiro encontro, utilizei a linguagem literária e li, Charalina do autor Nelson Albissu, por meio da linguagem musical, cantei a canção Cativar e entreguei aos pais sementes das flores: girassol e beijinhos para promover momentos prazerosos entre adultos e crianças objetivando que aprendessem cultivar e cativar.</p> <p>Abordei em um outro encontro ao conversarmos sobre a "Folha de papel" sobre a quantidade de oitenta e quatro pessoas estarem a</p>
--	--

fazer o barulho no último encontro que tivemos e se fossem uma multidão com centenas de pessoas a balançar, o barulho seria mais significativo e perceptível que o que fizemos. Relatei o fato do que está a acontecer em nosso país sobre a política brasileira e as atrocidades que estão a acontecer com a humanidade. Valores e respeito para com o próximo estão a desaparecer. A falta de segurança favorece o aumento das violências, e infelizmente, muitas famílias estão sendo violadas de diferentes maneiras, a saber, por meio da violência física, quando se encontram em uma situação de ação ou omissão que colocam em risco ou, muitas vezes causam grandes danos à integridade física de uma pessoa. Apresentei também que existe a violência institucional que ocorre motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.), estas predominam em diferentes sociedades. Com desigualdades que gradativamente se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades. Dialogamos sobre a violência intrafamiliar que acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que vive ou convive com a vítima. Incluem-se aqui: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono. Destas, eu afirmei aos pais que em minha opinião a pior é a violência psicológica... Conversamos também a violência moral que destinasse a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação de um ser humano. E ainda, a violência patrimonial, um ato de violência que implica dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores. A violência psicológica referente à ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de uma pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que possa favorecer o prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal, uma mãe até relatou saber de um caso que destruiu toda família. Ao falarmos sobre a violência sexual, uma senhora chorou, posteriormente descobri que a filha adolescente tinha sido violentada pelo padrasto, seu antigo companheiro. A adolescente foi obrigada a praticar uma ação que não queria. Apresentei que havia a violência sexual com o contato físico ou verbal, e ainda o de participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Consideramos nosso diálogo ao avaliarmos o dia muito produtivo com o tema abordado sobre violência, principalmente a sexual onde os presentes entenderam que o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros também era um crime inadmissível.

Não foi possível finalizar a conversa sobre a “Folha de papel” no segundo encontro com pais, pois muito dialogamos sobre as diferentes violências existentes. Então no terceiro abordei sobre as palavras proferida que muitas vezes estão repletas de agonias, inseguranças, e assim fazemos muitos barulhos que prejudicam a nós e aos outros principalmente quando falamos utilizando uma ‘comunicação violenta’ onde os barulhos são grandes e prejudiciais até a nossa saúde. - “As pessoas têm se preocupado em trabalhar e querem mais e mais status”, disse uma senhora que era avó de um dos adolescentes que frequentavam a instituição social, assim aproveitei o momento e conversamos sobre TER e o SER, a fim de evidenciar a importância de vivermos intensamente nossas vidas primando pelo essencial, amar e estar com nossos familiares, questioneei novamente se todos os presentes conheciam o ECA O - Estatuto da Criança e do Adolescente, apresentei o documento e li o art. 4º, que nos apresenta:

	<p><i>É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA, 1990)</i></p> <p>Ouvindo os pais, detectei que crianças e adolescentes em diferentes situações não estão usufruindo desses direitos. Muitas estão sendo violadas de diferentes maneiras, principalmente, ao serem ignorados no momento em que deveriam ter vez e voz nos diálogos da família.</p> <p>Lembrei os pais da folha de papel amassada, das marcas e dobras irreversíveis, evidenciei que o ato de educar (VER INDIGNAÇÃO – Philip Roth) se realizado de maneira repreensiva, acarretarão no futuro das crianças e adolescentes que estão sobre nossa responsabilidade, nós temos de certa maneira o ‘controle’ da vida destas crianças que são indefesas, e estão apenas, vivendo seu momento de infância.</p> <p>Os diálogos com as crianças aconteceram durante as tardes, e lá apresentei a elas com detalhes, O que? O porquê? Do ECA e as Linguagens Literária, Gestual e Musical. Explanei especificamente sobre os artigos 4.º e 5.º do ECA, brincamos, cantamos e dançamos e realizamos atividades, como o colorir parte do Gibi sobre o ECA; e as crianças finalizaram com uma bela ilustração.</p>
5 – COLHEITA	<ul style="list-style-type: none"> • Valorização da infância; • Interação para laços de amizade. • Vivenciaram momentos de ouvir e falar - diálogo; • Reflexão sobre o que acontece em nossa sociedade. • Brincadeiras entre pais e filhos; • Dramatização de momentos sendo solidário com o sentimento alheio; • Demonstração na prática do ato de cultivar e cativar; • Encenação de momentos de não Violência; • Realização de brincadeiras sobre o ato de TER e do SER; • Visualização no ECA sobre direitos e deveres; • Ilustração e o colorir respeitando limites.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao mediar a obra literária ‘Charalina’, identificamos que todos os presentes (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos), se envolveram quando apresentamos o tema “O pensamento ético da criança e do adolescente: um resgate e reconhecimento a cultura infantil”. Os esclarecimentos e até aprendizagem sobre a essência em valorizar a infância aconteceu fundamentado em brincadeiras, diálogo, leituras de literaturas, expressão corporal. Observamos que por meio da música e do texto as pessoas presentes demonstraram participações fundamentais.

Ainda nessas atividades, houve muitas brincadeiras como ‘Amarelinha’, ‘Palhacinho sai da tenda’, ‘Coelhinho sai da toca’, ‘Careca cabeludo’... ‘Seu Lobato’, que promoveram a intensificação da construção de laços afetivos, de

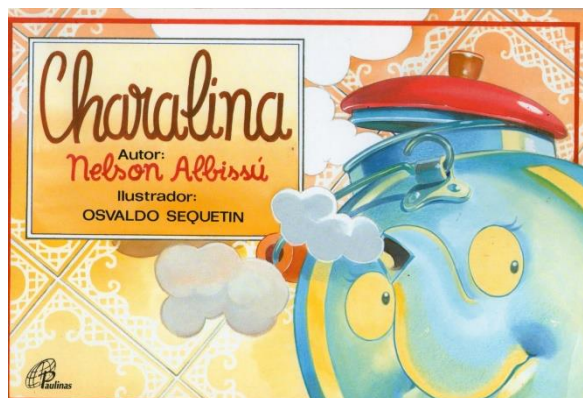
amizade, respeito e cumplicidade. Dialogando com o grupo abordamos diferentes temas, os quais acontecem em nossa sociedade como: violência, desemprego, falta de moradia... Ouvimos de muitos pais que nunca haviam brincado com seus filhos. Ensinamos possibilidades de como poderiam brincar e ainda, ler e dramatizar a história com as crianças, ou apenas contar sobre suas vivências para que desde a infância seus filhos aprendam sobre suas histórias de vida.

Nesse ambiente participativo, todos no grupo, se expressaram ludicamente, encenaram e representaram ações de como é possível cativar e cultivar, e ainda vivenciaram após explicações e discussões momentos de como é possível construir uma cultura de paz. Assim, registramos momentos que aconteceram de modo inesquecível e imprevisível, com o cenário descontraído que vivenciamos por meio de diálogo e encenação sobre o ato de TER e SER. Respaldados no ECA, aprendemos e resgatamos momentos sobre direitos e deveres, finalizando com destreza com ilustração e o colorir com organização.

Canção “Cativar”:

Uma palavra tão linda já
Quase esquecida me faz recordar
Contendo sete letrinhas e
Todas juntinhas se ler cativar
Cativar é amar
É também carregar
Um pouquinho da dor
Que alguém tem que levar
Cativou disse alguém
Laços fortes criou
Responsável tu és
Pelo que cativou
Num deserto tão só
Entre homens de bem
Vou tentar cativar
Viver perto de alguém (GRUPO SOL NASCENTE, 1998).

Figura 9 – Capa da literatura "Charalina"



Fonte: Educar para crescer.⁴

Segue trecho da história de “Charalina”:

Era uma senhora chamada Josefina, desde menina tinha mania de botar nome em todas as coisas. Bastava olhar um caldeirão para chamá-lo de Bastião. Olhava para uma panela e chamava de Amélia. E, por essa estranha mania, dona Josefina tinha uma chaleira que se chamava Charalina. Coisas e nomes loucos de dona Josefina. É claro! Pois a panela que se chamava Amélia, só servia para fazer arroz e logo depois era lavada e guardada, enquanto a esforçada Charalina quase abria o bico de tanto trabalhar, do fogo de lá para o fogo de cá. Fervia a água para a mulher fazer o café, cozia o ovo pro menino mais novo, fervia, depois, água pro arroz. Sem atraso fervia água pra lavar os pratos. Também, mais uma vez, fervia água pro chá das três, e pro Zé, prá não dar chulé, fervia água pra lavar o pé. Mas, a Charalina, que devia se chamar divina, não abria o bico e só chiava quando fervia. Até que um dia, quando ninguém esperava, surgiu um buraco, no fundo da Charalina, por onde a água vazava. E a dona Josefina gritou, chiou, ferveu, falou mal e jogou a velha chaleira no fundo do quintal. A Charalina, contudo, que deveria ficar uma fera, só ficou chorosa, próxima a um monte de terra: - Eu trabalhei todos os dias da minha vida, merecia melhor aposentadoria! No outro dia, depois da janta, começou uma chuva forte... e choveu a noite inteira. Com a chuva, que era tanta, a terra toda do monte escorreu para a chaleira, que fora jogada sem tampa. Depois de alguns dias, a Charalina sentia que, na sua barriga, alguma coisa acontecia, e ficou ainda mais triste com o aquele novo fato... Estava medrosa e muito temia que sua barriga, que antes fervia, agora fosse uma casa de sapo. E a vida da Charalina tornou-se um pesadelo cheio de horror, até que, numa bela manhã, de sol muito bonito, na sua barriga uma semente germinou. Tinha um talito tão verde e bonito, só vendo que amor! Depois, duas folhinhas verdes e rapidamente, sem esperar a

⁴ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/100-livros-essenciais-398904.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

primavera, foi logo dando uma flor. Quando dona Josefina saiu para tomar banho de sol na varanda do fundo da casa, olhou para a Charalina e exclamou: Meu Deus, que amor! Correndo, dona Josefina apanhou a Charalina e, como se pedisse perdão, limpou-lhe as paredes de fora, regou a flor sem demora e levou as duas para enfeitarem a mesa da sala. Hoje, Charalina está feliz e encantada com a nova situação. Anda até namorando um vaso da casa que faz parte da decoração. (ALBISSÚ, 1998).

Figura 10 – Representando ludicamente o aprendizado



Fonte: arquivos da pesquisadora.

Figura 11 – Criança apresentando sua arte



Fonte: arquivos da pesquisadora.

Figura 12 – Leitura de literatura



Fonte: arquivos da pesquisadora

3.4 O Girassol – Vinícius de Moraes

Quadro 6 – Caixa de sementeura 05

CAIXA DE SEMEADURA N.º 05		
1 – SEMENTE	O girassol – Vinícius de Moraes	
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças de 0 a 5 anos; ❖ Professores; ❖ Educadores sociais; ❖ Pedagogos; ❖ Instituição escolar. 	
3 – PLANTIO	Objetivo Geral	Apresentar uma canção que promova aprender sobre cultivo, com o intuito de fomentar nas crianças momentos para que estes percebessem como é maravilhoso acompanhar o processo de cultivo de uma semente. A escolha do vaso, a semente...
	Objetivos Específicos	<p>Possibilitar saberes sobre ECA, especificamente os artigos IV e V, propiciando ao público explanação dos escritos no estatuto;</p> <p>Evidenciar que ouvir canções promove aprendizagem sobre o direito ao lazer evidente no ECA;</p> <p>Promover saberes sobre o ato de girar acompanhando o sol, para promover inferência sobre acompanhar o adulto;</p> <p>Favorecer aprendizagem sobre a preparação do solo, a escolha do período/tempo climático, com intuito de ensinar o processo do cultivo.</p>
4 – CULTIVO	<p>Todas as experiências realizadas utilizando-se das Linguagens Artísticas Literária e Musical foram estudadas, pesquisadas, e os planejamentos elaboradas para trabalhar temáticas importantes na vida de um ser humano.</p> <p>A música O girassol, do compositor e cantor Vinícius de Moraes, foi escolhida visto que sou apaixonada por plantas e gostaria de fomentar nas crianças momentos para que estes percebessem como é maravilhoso acompanhar o processo de cultivo de uma semente. A escolha do</p>	

	<p>vaso, a semente, o local a ser armazenado tudo deve ter um cuidado especial para que a semente se transforme em uma planta.</p> <p>Para apresentar o tema neste dia para a turma que era de minha responsabilidade, a saber, Infantil 5, as crianças foram recepcionadas com uma canção no pátio da escola, direcionamo-nos até a sala por meio da organização de uma locomotiva da turma Infantil IV: O trenzinho desceu a serra..., Música Lá vem o trem..., Piui, piui, piui..todos os dias a chegada até a sala de aula acontecia por meio do cantar uma canção, ou quando os alunos ainda não conheciam apenas ouviam atentamente. Eu realizava o cantinho da organização, priorizando as crianças, depois seus pertences, lanche, mochila, brinquedo e depois a sala como um todo.</p> <p>Seguindo as tradições da escola, visto que os pais haviam informado no ato da matrícula sua crença, eu ensinava as crianças palavras para realizarmos o momento da oração, onde agradecíamos pela vida, e então eu solicitava as crianças realizarem pedidos especiais, assim eu já identificava o nome desta ação que eu estava dando vez e voz à criança, esta muitas vezes relatava situações de agressão, e nunca fiquei de braços cruzados com a situação, mediava cuidando para a criança que estava no auge da emoção, não ficasse em uma situação vexatória, pois estava relatando intimidades que os outros não precisam saber, ouvia, e gradativamente promovia situações que não deixavam a tristeza imperar na sala, para tanto, colocava as crianças sentados no chão em uma grande roda e neste dia cantamos no cantinho musical a canção: Um girassol florido no jardim..., realizávamos o calendário enfatizando: dia, mês, ano e tempo, promovendo momentos para que as crianças aprendessem a visualizar a beleza da natureza, direcionávamos nosso olhar até a janela e ficávamos alguns momentos a observar como estava nosso dia. Para concretização deste momento cantávamos cantigas como: Dona aranha...; Eu te ofereço...; A chuva caiu...</p> <p>A canção “Eu te ofereço” de um autor desconhecido, relato aqui pois, o fato de ter uma aluna de inclusão na sala de aula que era deficiente visual a primeira vez que cantei esta canção para ela foi preocupante, os versos dizem: ‘Eu te ofereço, uma banana... eu questionava Que cor?, Amarelinha como o sol, e repetia: “Eu te ofereço uma banana..., Que cor? Amarelinha como o sol. A aluna indagou: Professora como é o sol? O que é amarelo? A partir deste questionamento comecei a ter maior atenção durante meus planejamentos para apresentar primeiro o que fosse possível de concreto a esta aluna, antes de apresentar vocábulos que ela poderia questionar por não poder ver. Assim, fiz uma grande estrela com pequenos e grandes raios de sol e organizei meu planejamento de modo a trabalhar a música Trilhares do grupo musical Palavra Cantada, onde pude evidenciar conhecimentos cientificamente comprovados sobre o sol.</p> <p>Neste dia a atividade principal era a apreciação da música “O Girassol – de composição: Vinícius de Moraes / Toquinho”, meu objetivo era: Propiciar a escuta da música O girassol, durante as brincadeiras dirigidas, visando que o aluno apreciasse e percebesse que estão ouvindo uma canção diferente.</p> <p>O encaminhamento metodológico da aula aconteceu por meio da explicação do objetivo, e após a explicação das brincadeiras, liguei o rádio ao som da música de Vinícius e Toquinho. Deixei a música tocar muitas vezes, repetidamente. A rotina diária da aula ocorreu, realizamos brincadeiras: Bolinha de sabão, dança de cantigas como: Ciranda cirandinha, Escravos de Jó, utilizando peças de lego para representar juntamente com a expressão oral e corporal. Nos alimentamos, fomos ao parque e o tempo já estava finalizando então na sala recitei para as crianças a poesia ‘As borboletas’ – Vinícius de Moraes, que fora escolhida para as crianças participarem do recital poético.</p> <p>Na aula seguinte a atividade principal foi apresentar os Símbolos Pascoais, o objetivo foi: Evidenciar os símbolos pascoais exaltando o</p>
--	--

	<p>Girassol, para que o aluno aprendesse que além de uma bela planta o girassol é uma planta medicinal e um excelente alimento. O encaminhamento aconteceu após realizarmos a rotina diária inicial com a locomotiva, calendário, momento do aluno. Realizei a explicação do objetivo, propicie a escuta da música O Girassol. Após a prática social inicial foi feito questionamentos com problematização do tema girassol, fiz a leitura de uma reportagem sobre o girassol, para as crianças ouvirem conhecimentos científicos com explicação para mediação do saber cientificamente comprovado. Evidenciei que a planta girassol é um alimento nutritivo e também é utilizado na medicina. No dia seguinte a atividade objetivou: Realizar a leitura da letra da música O girassol, para que o aluno compreendesse a mensagem transmitida, bem como, apreciar um clássico de Vinícius de Moraes e Toquinho. Ao término da rotina diária evidenciei no encaminhamento Metodológico a explanação do objetivado. Realizei a leitura, explicação de cada verso, com as crianças aconteceu a criação de uma coreografia durante a escuta da música, para compreensão das palavras realizamos a interpretação dos vocábulos desconhecidos. Foi feita a dança com encenação com a turma e por meio de imagens projetadas os alunos observaram diferentes imagens de girassol.</p> <p>Na quarta aula com esta temática a atividade principal foi a manipulação de sementes de girassol e plantio das sementes, objetivando: Observar, conhecer e manipular sementes de girassol, para que o aluno ao tatear percebesse a textura da semente, bem como conhecesse e plantasse, visando sua germinação e crescimento.</p> <p>O encaminhamento metodológico aconteceu com a explicação do objetivo. Coloquei as sementes dentro de um recipiente para promover a escuta do barulho das sementes dentro de uma caixinha surpresa. Promovi a manipulação das sementes. Realizamos a leitura da embalagem de onde retiramos as sementes. Preparamos as latas de leite em pó – furei na frente dos alunos, explicando sobre os cuidados com a dengue. Preparamos a terra e misturamos com substrato adubo, e finalmente as crianças efetivaram o plantio das sementes.</p> <p>Explanei às crianças que todos os dias seria necessário colocarmos água e, a princípio deixaríamos em nossa sala de aula. Aconteceu a explicação do cuidado ao colocar água e não deixar exposta, assim retirei de uma outra latinha uma pequena quantidade de areia e então retomei o tema dengue. Após o lanche, e higienização solicitei as crianças que realizassem a ilustração do plantio, e finalizamos a aula de acordo com a rotina diária.</p> <p>Na outra aula a atividade principal foi: Representando o Sol, objetivando: Planificar a circunferência para representar o Sol, e com as pontas dos dedos fazer os raios do Sol, visando que o aluno fizesse o Sol, com a técnica da tinta guache e cola colorida. O encaminhamento metodológico começou com a explicação do objetivo evidenciei a importância do Sol para os alunos aprenderem que o Sol é uma estrela que ilumina o dia além de ser fonte de vida. Sabendo que o aluno aprende e se desenvolve planejei na lousa uma circunferência e fiz os raios do sol com giz de lousa laranja e o centro com amarelo, para trabalhar a interdisciplinaridade evidenciei que os raios do Sol podem ter o tamanho de MAIOR/MENOR. Quanto a saúde ensinei os cuidados que devemos ter para proteger nossa pele do Sol, finalizamos nossa aula com música 'O girassol' Vinícius de Moraes.</p> <p>Em outra aula realizamos um texto sobre o cultivo do plantio, o objetivo: Ensinar por meio de textos os cuidados necessários que devemos ter com as plantas para que o aluno aprenda que para crescer a planta necessita de luz solar, água e terra sem contaminação. Durante a realização do encaminhamento metodológico por meio da explicação ressaltei no ato da leitura do texto com intervenções e exemplificações o quanto era importante à observação e cuidados com o plantio. Realizamos a ilustração do plantio no dia, após doze dias de plantio, após vinte e</p>
--	---

cinco dias e com quarenta e cinco dias quando a flor já estava aberta, realizamos a rotina diária e as crianças foram embora neste dia levando três sementes de girassol para plantarem com seus familiares.

Na outra aula apresentei às crianças a literatura Gigi o Girassol – Gerusa Rodrigues Pinto, objetivando: Possibilitar por meio da história Gigi o Girassol, conhecimentos sobre diversidade cultural, existente em nosso planeta, visando que o aluno aprenda a respeitar as diferenças. Para iniciar o encaminhamento metodológico solicitei às crianças que se posicionassem em frente ao grande espelho que havia na sala de aula e se observassem, realizei vários grupos para que todos fizessem a atividade. Após explorar e identificar as partes do corpo, solicitei que observassem o colega. Cantamos a canção “Amigo mais perto” da cantora Cristina Mel, e “Cabeça, ombro, joelho e pé”, uma Cantiga popular e canções que exploram as partes do corpo, problematizei a situação para que as crianças identificassem as semelhanças e diferenças. Cantei a canção “Somos todos iguais não existe o melhor” – Cristina Mel e solicitei que as crianças deitassem e relaxassem, a canção por ter uma harmonia calma e transmitir tranquilidade propiciou um momento prazeroso, uma criança até relatou ‘Nossa estou com vontade de dormir’. Ficamos assim por alguns minutos e cantei a canção duas vezes. Como tarefa de casa solicitei que as crianças conversassem com os pais e/ou responsável e pedissem que realizassem a leitura de uma literatura que cada criança escolheu e colocou em sua pasta.

Na aula seguinte foi organizado momentos para eu e as crianças manusearmos a literatura. Objetivo: Apresentar literariamente o livro Gigi, visando trabalhar, o respeito às diferenças pessoais e sociais, bem como exploração de cores, formas geométricas, alimentação dos animais, para que o aluno apreciasse esta obra literária. O encaminhamento metodológico aconteceu com a explicação do objetivo, problematizei a situação para que as crianças questionassem os vocábulos desconhecidos, realizamos a contagem do que visualizarmos, como os pés de milho, as folhas, espigas... expliquei quem se alimenta com sementes de girassol e milho, o que é possível fazermos com as sementes de girassol e milho. Brincando no pátio da escola, entreguei papel kraft no tamanho de uma folha de cartolina e entreguei giz de cera e giz de lousa onde as crianças realizaram belas ilustrações.

Nesta aula a atividade principal foi a pintura do desenho que representa o quadro de Van Gogh. O objetivo foi: Observar tanto a impressão quanto no computador a tela de girassóis do pintor Van Gogh, visando desenvolver a atenção, percepção e compreensão do aluno no ato de pintar coordenando dedos, mãos e olhos. Apresentei o autor Van Gogh às crianças e diversas telas do autor retroprojetando, uma das crianças fez inferência da tela de girassóis com o trabalho que estávamos realizando. Após apreciação as crianças na sala de aula observaram um quadro impresso e na tela de meu notebook. As crianças pintaram a atividade, orientei e mediei mesa a mesa. Expliquei na lousa o pintar (tinta) ou o colorir (giz de cera/lápis) na vertical e na horizontal. Solicitei que observassem a atividade do amigo.

Na aula seguinte iniciamos a confecção da capa do livreto ‘Girassol, o amigo do Sol’. O objetivo foi: Carimbar as mãos de amarelo, para montarmos as pétalas da flor de girassol, e as pedrinhas do parque serão o miolo, visando que os alunos aprendam que com suas mãos carimbadas montaremos uma linda representação de girassol. O encaminhamento metodológico ocorreu com a explicação do objetivo, solicitei às crianças que observassem na sala onde havia amarelo.

Mediei conhecimentos apresentando as diferentes tonalidades de amarelo. Iniciamos o carimbo com tinta guache de amarelo para representarmos as pétalas. Colocamos no varal de nossa sala para secar. Fomos até os fundos da escola e realizamos o cultivo de nossos três pés de girassol que germinaram. Observamos o plantio, recortamos e cola-

	<p>mos o carimbo de mãos para montagem de uma mãozinha na outra para formar a flor girassol. Colamos as pedrinhas de areia (marrom) encontradas entre as pedras (cinzas) que estavam no parque da escola para representar o miolo do girassol.</p> <p>Outro dia para concretização do projeto foi feita a rotina diária como planejado e finalizamos o livreto “Girassol o amigo o sol”, o objetivo: Ilustrar dentro da circunferência que é o miolo da flor girassol os versos do livro Girassol o amigo do sol, para que o aluno represente sua criatividade após interpretação. Efetuamos durante o encaminhamento metodológico, por meio da explicação do objetivado, e explanação verso a verso a cada dia que ilustramos. Direcionamo-nos até o plantio. Montamos o livreto, ao som da canção ‘O girassol’.</p> <p>A consciência fonológica, a consciência fonoarticulatória e a consciência fonética foram ensinadas e mediadas por meio das palavras: GIRASSOL– SOL – CARROSSEL – VOANDO – MEL – FLOR – CÉU – ANIL – GENTIL – RODA.</p> <p>Realizamos a rotina diária, cuidados com o plantio e uma ilustração no caderno foi feita. Posteriormente realizamos a contagem das letras para evidenciarmos MAIOR/ MENOR/ IGUAL.</p> <p>Em todo o processo da realização do projeto aconteceu o cantinho musical utilizando: Cd Arca de Noé 1 e 2: As abelhas, O girassol, O relógio, cantigas como Um girassol florido no jardim, Eu te ofereço... por meio das canções os alunos se expressaram corporalmente ao som de diferentes ritmos.</p> <p>Quanto ao explícito no planejamento em anexo, o momento Jogando e brincando aconteceu diariamente com: manuseio de literaturas, bolas, lego, seriação de cores, parque, quadra atividades lúdicas: mundo da imaginação, baú da fantasia, cordas, toca de bolinhas, basquete, rabiscção com giz...</p> <p>Todos os dias realizamos visita ao plantio de girassol. Propicieei que o Momento do aluno acontecesse e estes: cantaram, dançaram, encenaram, compartilharam algo... Assim, realizei minha autoavaliação durante a avaliação do dia.</p> <p>Mediei conhecimentos apresentando as diferentes tonalidades de amarelo. Iniciamos o carimbo com tinta guache de amarelo para representarmos as pétalas. Colamos no varal de nossa sala para secar. Fomos até os fundos da escola e realizamos o cultivo de nossos três pés de girassol que germinaram. Realizamos a observação do plantio, recor-tamos e colamos o carimbo de mãos para montagem de uma mãozinha na outra para formar a flor girassol. Colamos as pedrinhas de areia (marrom) encontradas entre as pedras (cinzas) que estavam no parque da escola para representar o miolo do girassol.</p> <p>Para concretização do projeto realizamos a rotina diária como planejado e finalizamos o livreto “Girassol o amigo o sol”, o objetivo: Ilustrar dentro da circunferência que é o miolo da flor girassol os versos do livro Girassol o amigo do sol, para que o aluno represente sua criatividade após interpretação. Realizamos o encaminhamento metodológico, por meio da explicação do objetivado, e explanação verso a verso a cada dia que ilustramos. Propicieei que representassem sua criatividade ao ilustrar incentivando-os. Realizamos a visita ao plantio. Montamos o livreto, realizamos a rotina diária.</p> <p>A consciência fonológica, a consciência fonoarticulatória e a consciência fonética foram ensinadas e mediadas por meio das palavras: GIRASSOL– SOL – CARROSSEL – VOANDO – MEL – FLOR – CÉU – ANIL – GENTIL – RODA.</p> <p>Realizamos a rotina diária, cuidados com o plantio e uma ilustração no caderno foi feita. Posteriormente realizamos a contagem das letras para evidenciarmos MAIOR/ MENOR/ IGUAL.</p> <p>Em todo o processo da realização do projeto aconteceu o cantinho musical utilizando: CD Arca de Noé 1 e 2: As abelhas, O girassol, O</p>
--	---

	<p>relógio, cantigas como Um girassol florido no jardim, Eu te ofereço... por meio das canções os alunos se expressaram corporalmente ao som de diferentes ritmos.</p> <p>Quanto ao explícito no planejamento em anexo, o momento Jogando e brincando aconteceu diariamente com: manuseio de literaturas, bolas, lego, seriação de cores, parque, quadra atividades lúdicas: mundo da imaginação, baú da fantasia, cordas, toca de bolinhas, basquete, rabiscção com giz...</p> <p>Todos os dias visitamos o plantio de girassol. Propicie que o Momento do aluno acontecesse e estes: cantaram, dançaram, encenaram, compartilharam algo... Assim, realizei minha autoavaliação durante a avaliação do dia.</p> <p>Um desenho para cada letra da palavra: G I R A S S O L</p> <p>1-FAÇA UM DESENHO PARA CADA LETRA</p> <table border="1" data-bbox="515 685 1350 757"> <tr> <td>G</td> <td>I</td> <td>R</td> <td>A</td> <td>S</td> <td>S</td> <td>O</td> <td>L</td> </tr> </table> <p>O objetivo foi propiciar a criança : Desenhar para cada letra um objeto, pessoa ou animal, que inicie com as letras acima, visando a criatividade do aluno ao ilustrar.</p> <p>O encaminhamento metodológico ressaltou a explicação do objetivado. Mediei conhecimentos para trabalhar consciência fonética, fonológica e fonoarticulatória de cada palavra.</p>	G	I	R	A	S	S	O	L
G	I	R	A	S	S	O	L		
<p>5-COLHEITA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino sobre cultivo de sementes/plantas; • Escolha do vaso, das sementes, e o local a ser armazenado... cuidado especial; • Ensino e prática da gratidão; • Respeito com o momento do outro e o próprio; • Prática do ato de dar vez e voz no diálogo; • Demonstração e prática do saber questionar em diferentes situações; • Apreciação da natureza; • Nomeação de objetos, seres vivos e não vivos; • Nomeação de diferentes frutas; • Ensino de danças ritmicamente; • Brincadeiras com Bolinha de sabão; • Prática do canto e dança de cantigas como: Ciranda cirandinha, Escravos de Jó; • Canto e representação de ritmos por meio da batida de peças do lego; • Ensino e conhecimento dos Símbolos Pascoais – exaltei o Girassol (planta ornamental, medicinal e alimento); • Escuta de uma reportagem sobre o Girassol; • Interpretação de versos da música; • Ensino de um clássico infantil; • Realização de atividades com dança e encenação; • Manipulação de sementes; • Ensino e acompanhamento do processo de plantio, germinação e crescimento de uma planta; • Ensino sobre a planta e seus cuidados: luz solar, água e terra sem contaminação...; • Preparação do vaso – cuidados com a dengue; • Ilustração de todo o processo de germinação; • Planificação da circunferência para representar o Sol; • Ensino e prática do que é MAIOR/MENOR; • Apresentação da literatura Gigi o Girassol – Gerusa Rodrigues 								

	<p>Pinto, aprendizagem sobre diversidade cultural;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Respeito às diferenças pessoais e culturais; • Ensino e observação de si em frente ao espelho e o outro; • Ensino sobre semelhanças e diferenças; • Representação e prática do colorir - quadro de Van Gogh; • Ensino sobre o pintar (tinta) ou o colorir (giz de cera/lápis) na vertical e na horizontal; • Confecção de um livreto 'Girassol, o amigo do Sol'; • Identificação de pequenas noções de como acontece a consciência fonológica, a consciência fonoarticulatória e a consciência fonética de algumas palavras; • Oportunidade de expressar-se corporalmente ao som de diferentes ritmos; • Vivência de momentos com jogos e brincadeiras; • Prática do manuseio de literaturas, bolas, cordas; • Ensino do como adentrar no mundo da imaginação, brincando com o baú da fantasia.
--	--

Fonte: elaborado pela autora

Quando escolhemos a música “Girassol” do poeta Vinícius de Moraes, nosso objetivo foi explorar o tema a partir da explicação de como se dá o cultivo de uma semente. Destacamos o cuidado, escolha do vaso, a terra e a responsabilidade em tratar dela, respeitando o tempo, a quantidade de água que devemos colocar, entre tantas outras informações que podemos demonstrar e que assim a planta vai se desenvolvendo e nos cativando enquanto cresce.

Mediando foi possível desenvolver conhecimentos que favoreceram a criança participar do processo fazendo seu próprio vaso e assim, com as mediações oportunizadas a criança conseguiu relatar oralmente, o que ela detectou. As que já escrevem desenharam ou relataram por escrito os momentos vivenciados.

São inúmeros conteúdos a serem explorados pelo professor, e que podem ser acompanhados pela criança. O tempo é um aspecto relevante nessa atividade, tanto o clima como o tempo cronológico que podem ser comparados ao crescimento da criança. Por isso conversar sobre os seres humanos, as limitações que estes podem apresentar, promoveram momentos de reflexão para aprendizagem das diversidades, que quando não respeitadas causam decepção, tristeza, cobranças desnecessárias.

Assim, demonstramos na prática como é possível saber questionar em diferentes situações, respeitando e sendo respeitado, e isso foi feito brincando, nos expressando com ações como carrossel, girando, subindo, descendo demonstrando ações prazerosas que permitiram descontração de maneira lúdica.

O plantio ensinou o apreciar a natureza, bem como o nomear objetos, como seres vivos e não vivos, a nomeação de diferentes frutas.

Compreendemos que o processo ensino e aprendizagem, também, acontecia com o ensino de danças rítmicas, com brincadeiras como bolinha de sabão, e a alegria se completava com o canto e dançando cantigas como: Cativeiro, Ciranda cirandinha, Escravos de Jó.

Momentos de encanto aconteceram por meio do cantar, ouvir e representar com ritmos realizados nas batidas de peças do lego. Identificamos que o processo enalteceu a mediação e a aprendizagem com o tema Girassol, facilitou a interpretação dos versos da música. Desta maneira, as crianças aprenderam um clássico infantil, dançaram, se divertiram e encenaram. Vale ressaltar que as crianças ficaram curiosas quando aprenderam que durante a preparação do vaso, é fundamental cuidados com a dengue. Expressaram sua imaginação ilustrando todo o processo de germinação, o que permitiu a demonstração da criatividade das crianças.

As crianças apreciaram a leitura da literatura Gigi o Girassol – Gerusa Rodrigues Pinto, sendo possível discutir sobre diversidade cultural, o quadro de Van Gogh, acrescentando informações sobre o artista. Um aspecto relevante é que nessas atividades houve a preocupação em demonstrar o manuseio de literaturas, bolas, cordas... para que acontecesse o gosto em realizar tal prática e ainda, como podemos adentrar no mundo da imaginação, gesticulando, encenando e até brincando com o baú das fantasias.

Figura 13 – Ensinando a plantar sementes de girassol



Fonte: arquivos da pesquisadora

Figura 14 – Criança tateando sementes



Fonte: arquivos da pesquisadora

Figura 15 – Preparando o terreno



Fonte: arquivos da pesquisadora

Figura 19 – Nosso plantio ornamentando a instituição de ensino



Fonte: arquivos da pesquisadora

Figura 16 – Releitura da obra de Van Gogh



Fonte: arquivos da pesquisadora

Figura 17 – Capa da literatura Gigi, o Girassol



Fonte: Educar para crescer.⁵

História “Gigi, o Girassol”, de Gerusa Rodrigues Pinto:

Numa plantação de milho, surgiu Gigi, um pezinho de Girassol. Ele era bem pequenino em relação ao milharal. Mas de repente Gigi cresceu tanto... tanto... e os pés de milho faziam muita força para alcançar aquela plantinha tão alta. Quanto mais força eles faziam, mais o Girassol crescia e os pés de milho não entendiam como aquela plantinha crescia tão depressa. Mas o segredo era que Gigi olhava para o sol o dia inteiro e não se cansava. Parecia que tinha necessidade de sempre estar virado para o Astro-Rei. Quando chegou a época da colheita, os pezinhos de milho ficaram surpresos. Não é que a espiga de Gigi era diferente? Ela era redonda e amarela, parecendo um lindo sol. Então ficaram curiosos e perguntaram:
 - Porque a sua espiga é redonda e amarela, parecendo um lindo sol?
 Gigi respondeu:
 - Vocês não sabem que eu sou um girassol? Por isso é que sou tão diferente de vocês!
 Meu segredo é que sempre estou voltado para o Astro-Rei. Mesmo que o sol esteja escondido, estou sempre voltado para ele, caso contrário não consigo sobreviver. (PINTO, s/d).

Canção “O trenzinho comilão” de Padre Zezinho:

⁵ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/100-livros-essenciais-398904.shtml>>. Acesso em 25 jul. 2017.

O trenzinho desceu a serra
 tikichikitikichikitikichikiti
 foi parar numa estação
 plinplinplinplinplinplinplin
 bebeu água e lavou a cara
 e encheu a barriga de carvão.
 O trenzinho se divertia
 tikichikitikichikitikichikiti
 e lanchava em toda a estação
 plinplinplinplinplinplinplin
 e bebia e lavava a cara
 e enchia a barriga de carvão.
 Nas cidades por onde andava
 tikichikitikichikitikichikiti
 controlava a respiração
 shishushishushishu
 e tomava água bem gelada
 e enchia a barriga de carvão.
 O trenzinho subiu a serra
 tikichikitikichikitikichikiti
 sem nenhuma disposição
 shishushishushishu
 quem mandou beber tanta água
 e encher a barriga de carvão
 o trenzinho comilão (Pe. ZEZINHO, s/d).

Música “Piuí piuí piuí”, de Eliana:

Piuí Piuí Piuí
 Coloca a mão no meu ombro
 Piuí Piuí Piuí
 Não deixa o trem descarrilhar
 Eu sou a máquina
 E vocês são os vagões
 E os passageiros são os nossos corações 2X
 Piuí Piuí Piuí
 Coloca a mão no meu ombro
 Piuí Piuí Piuí
 Não deixa o trem descarrilhar
 Eu sou a máquina
 E vocês são os vagões
 E os passageiros são os nossos corações 2X
 Piuí Piuí Piuí
 Coloca a mão no meu ombro (BEZERRA, 1994).

Música “A dona Aranha”, de Eliana:

A dona aranha
 Subiu pela parede
 Veio a chuva forte
 E a derrubou
 Já passou a chuva

O sol já vem surgindo
E a dona aranha
Continua a subir
Ela é teimosa
E desobediente
Sobe, sobe, sobe
E nunca está contente
A dona aranha
Subiu pela parede
Veio a chuva forte
E a derrubou
Já passou a chuva
O sol já vem surgindo
E a dona aranha
Continua a subir
Ela é teimosa
E desobediente
Sobe, sobe, sobe
E nunca está contente
A dona aranha
Desceu pela parede
Veio a chuva forte
E a derrubou
Já passou a chuva
O sol já vem surgindo
E a dona aranha
Continua a descer
Ela é teimosa
E desobediente
Desce, desce, desce
E nunca está contente
A dona aranha
Desceu pela parede
Veio a chuva forte
E a derrubou
Já passou a chuva
O sol já vem surgindo
E a dona aranha
Continua a descer
Ela é teimosa
E desobediente
Desce, desce, desce
E nunca está contente (BEZERRA, 1993).

Música “A chuva caiu”, autor desconhecido:

A chuva caiu
Molhou o pomar
A folha sentiu
Um pingo a rolar
A chuva é tão boa
Nos faz tanto bem
E a gente não vive

Sem ela também
 Corre corre corre chuva
 Chove chove sem parar
 Molha toda nossa terra
 Que a vida vai brotar

Música “Eu te ofereço”, de autoria própria:

Eu te ofereço
 Uma banana
 Amarelinha como o sol
 Eu te ofereço
 Um girassol
 Amarelinho como o sol (LIMA, 2017)

Música “Amigo mais perto”, de Cristina Mel:

Aperte a mão do amigo mais perto
 Aperte a mão, pra cantar la, la
 Abrace o amigo que está mais perto
 Abrace o amigo, pra cantar, la, la
 Cante!
 La lalalalaleluia
 La lalalalaleluia
 La lalalalaleluia!!!
 Aperte o joelho do amigo mais perto
 Aperte o joelho pra cantar, la, la
 Cante! (coro)
 Não só fique em seu lugar
 Aperte a mão de alguém
 Com amor e comunhão
 As bênçãos sempre vêm
 Faça uma cosquinha no amigo mais perto
 Faça uma cosquinha pra cantar lala
 Cante! (coro)
 Cristo é meu amigo que está mais perto
 Cristo é meu amigo pra cantar lalalalala (COSTA, 2000).

4. A MEDIAÇÃO E O CULTIVO LÚDICO E POLÍTICO

Nesta seção falamos sobre as categorias levantadas a partir da descrição de práticas no capítulo anterior.

Entre diversas categorias identificadas e suas possibilidades de análises existentes, optamos por nos dedicarmos a aprofundar o conhecimento acerca da categoria da mediação, aqui apresentada como composta por outras duas subcategorias, sendo elas a ludicidade e a política, consideradas inicialmente apenas como princípios fundadores em nossas práticas e que agora se traduzem também como noções necessárias à interação com a criança e/ou adolescente.

4.1 O lúdico como natureza humana e seu papel na formação desde a infância

Abrimos este tópico trazendo como referência os estudos, projetos e ações do PCA/UEM. De modo bastante comum nestes trabalhos o conceito lúdico é incorporado às práticas das brincadeiras, compreendidas como ações essenciais ao desenvolvimento humano em todas as idades e, a principal forma de expressão da natureza da criança. Além disso, para o PCA, a brincadeira é entendida como patrimônio da cultura infantil e deve ser reconhecida, preservada e potencializada (MAGER, et al, 2011, p.67).

Originário do latim *ludus* que, traduzido para o nosso idioma português denota jogar, divertir-se, brincar (INFOPÉDIA, 2017), o termo lúdico, “abrange os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar (HUIZINGA, 1971, p. 38).

Assim como ocorre com outras terminologias cujas compreensões apresentam-se contextualizadas a diferentes épocas e sociedades (como entendimentos diversos sobre o que venha ser educação e cultura, por exemplo), em relação ao lúdico também podem ser percebidas divergências históricas quanto ao seu entendimento conceitual e de manifestação prática, ainda que mantenha preservado o seu uso com fins educativos, como observado na citação a seguir:

Na Grécia antiga era através dos jogos que se passava ensinamento às crianças. Os índios ensinavam e ensinam seus costumes através da ludicidade. No Brasil da Idade Média, os jesuítas ensinavam utilizando brincadeiras como instrumentos para a aprendizagem. Desde os primórdios, a metodologia lúdica sempre foi valorizada pelos povos, sejam quais forem, e a inquietação torna-se justamente a de: será que nos dias atuais esse instrumento, já ratificado por diversos autores de renome, está sendo valorizado no ensino, principalmente no ensino [...] (ANNA & NASCIMENTO, 2011, p. 22).

O lúdico está presente em muitas situações da vivência humana e especialmente das vidas e vivências das crianças. De fato, a infância enquanto primeira fase da vida favorece o ato de descobrir, aprender novidades promovidas nas interações com os seres humanos e com o meio de sua convivência. Essa prática oportuniza que a ludicidade passe a se manifestarem atividades nas quais a criança adentra em um universo mágico, propiciando desenvolvimento, satisfação, aprendizagens, conhecimentos, momentos reais de experiências intermediados por magia, (re)criação e fantasia. Bacelar (2009) afirma que:

As atividades lúdicas são muito mais que momentos divertidos ou simples passatempos e, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si; estímulos à autonomia, à criatividade, à expressão pessoal. Dessa forma, possibilitam a aquisição e o desenvolvimento de aspectos importantes para a construção da aprendizagem. Possibilitam, ainda, que educadores e educandos se descubram, se integrem e encontrem novas formas de viver a educação. (BACELAR, 2009, p. 19-20).

As atividades lúdicas, portanto, possibilitam o exercício de vivências plenas que repercutem positivamente em vários âmbitos da convivência humana, no trabalho, nas instituições escolares e não escolares, e especialmente no âmbito familiar.

A importância do lúdico na infância se traduz na relação de mediação e convívio direto entre/com as crianças. Especialmente no contexto educativo o lúdico está presente nas práticas pedagógicas como a cantiga, a música, a poesia, a literatura, entre outras manifestações.

Huizinga (2004) inova a tese de que o ser humano não é somente *homo sapiens* ou *homo faber*. Afirma que somos também *homo ludens*, pela

característica natural do ser humano de ser lúdico. Huizinga (2004), assim como Kishimoto (2002; 2010; 2011), afirmam que o jogo enquanto ato impulsivo e intrínseco no universo da criança satisfaz uma necessidade interior. Com base na premissa do lúdico enquanto parte da natureza humana, o autor Colavitto (2015, p. 54) concebe que “podemos integrar o conceito de lúdico ao conceito de cultura, pois o jogo é uma forma de organização do mundo”.

No entanto, como analisado por Müller *et al* (2014), a ludicidade tem sido desprezada por trazer ao menos dois referenciais que contradizem a ideia hegemônica da idade moderna que dá importância suprema ao trabalho, e portanto, valoriza o adulto produtivo e sério e no ápice de sua razão (MÜLLER, 2007). As duas características são: a diversão e a criança. A ideia da diversão é oposta à ideia de seriedade (responsabilidade e competência) exigida na produção do trabalho humano no mundo capitalista. O trabalho considerado sério é o trabalho adulto economicamente produtivo, e esta, no geral, é uma prática referente ao sujeito adulto e não à criança.

O mundo adultocêntrico valoriza, produz e reproduz o que é próprio de si, suas ideias, modos de vidas e culturas, como cogitado pelo autor Sarmiento (2005). Assim, a criança que tem como próprio de si o divertir-se, explorar o ambiente e desafiá-lo com leveza e naturalidade, é colocada em posição secundária de inferioridade.

Nas sociedades modernas o cultivo do lúdico na infância tem sido desprezado, o que pode ser evidenciado pela ausência e ou insuficiência dos espaços públicos apropriados para a realização do brincar e do jogar das crianças. Também nas escolas cada vez mais o tempo livre das crianças tem sido ocupado com conteúdos que visam à concretização do processo de alfabetização, permeado pela linguagem escrita expressa em cadernos e portfólios e aonde a linguagem do brincar expressiva pelo próprio corpo, essencial à vida das crianças (como brincar de cantar, dançar, pular, correr, rastejar, entre outras expressões corporais) são postas como atividades periféricas. Valemo-nos neste ponto do relato de nossas experiências cotidianas, aonde raramente contemplamos crianças brincando livremente no pátio da escola, de roda, de esconde-esconde, lenço atrás, ou simplesmente cantarolando.

Culturalmente o brincar e o divertir-se é configurado como “coisa que criança faz” e, por isso, menos importante (MÜLLER et al, 2014). Entretanto, essa concepção hegemônica já pode ser contrariada por teóricos que defendem o uso inteligente do tempo liberado das obrigações laborais e reconhecendo o trabalho não como a principal atividade presente na vida do ser humano, e sim uma delas. O propósito é a defesa e o uso do tempo livre para o desfrute da vida em plenitude, incluindo a vivência da ludicidade e do ócio.

Em “O ócio criativo” o sociólogo e filósofo italiano Domenico De Masi (2000), propõe a defesa do ócio pela via do fazer cultural e humano, e não do ponto de vista da preguiça, pensando o sentido adjetivado da palavra, do nada afazer. Para este autor o ócio deve ser compreendido como um tempo destinado à produção humana, para novas aprendizagens, novos conhecimentos, o estudo, a diversão, o brincar, o canto, a dança, o movimento, a promoção da cultura, do bem-estar, e a convivência humana lúdica e criativa em sociedade.

Essa diversão pode acontecer na interação com o outro, nas brincadeiras, no diálogo com o outro, entre outras possibilidades de promover e vivenciar o ócio criativo. De Masi (2000) explica que a prática da atividade perigosa, estressante, não permite a prática do ócio criativo que, em síntese, permite vivenciar um trabalho humano com criatividade. De Masi (2000) concebe a ideia do ócio criativo afirmando que o ser humano não precisaria trabalhar tantas horas e que neste caso haveria mais tempo para criação e realização de suas atividades prazerosas. A apropriação do ócio para esta finalidade, como afirma o mesmo autor, ocasionaria ganhos significativos não só às pessoas como também as empresas que desta forma tornar-se-iam: “[...] mais criativas, mais produtivas. Os trabalhadores teriam mais tempo com a vida pessoal, revitalizariam seus relacionamentos com a família, [...] cultura”.

Sarmento (2004, p.10) corrobora que: “Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas”. Ainda assim, reconhece diferenças no significado da diversão na fase adulta ou infantil. Diz o mesmo autor:

(...) as crianças brincam, contínua e abnegadamente. Contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério. (SARMENTO, 2004, p. 10).

O brincar e as brincadeiras possibilitam a criança vivenciar, transformar, dar significados, demonstrando seriedade durante essas ações. Em nossas vivências pedagógicas, no ato do brincar de amarelinha, ou de bolinha de gude, as expressividades demonstradas pelas crianças, por meio de seus sorrisos, suas alegrias, comprovavam que elas estavam a descobrir e vivenciar o lúdico pela realização e organização da brincadeira, nomeando os números, calculando de que maneira poderia jogar a pedrinha para que esta não ultrapassasse o local selecionado, e ainda, aprendendo a se relacionar com o que estava ao seu redor, em significação e ou reinterpretação do que lhes fora ofertado como conhecimentos conhecidos ou desconhecidos.

Certificamos que: “A brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar” (KISHIMOTO, 2002, p. 139), e, enquanto atividade ela favorece aquisição de linguagem. A ludicidade é a principal forma de linguagem da criança. Pela ludicidade se oportuniza às crianças adentrarem em um universo de vivências e experiências que favorecem o seu desenvolvimento, seu raciocínio lógico, sua criatividade e imaginação, ensinando-as a viver e conviver social e coletivamente.

Pela ludicidade, observamos que a criança pode se tornar protagonista na relação e atividade pedagógica, de maneira natural. O brincar permite à criança interpretar e apresentar situações e soluções eficazes as quais promovem a participação ativa do público infantojuvenil nas relações.

Destacamos, como exemplo, o diálogo que aconteceu na realização de uma das práticas pedagógicas em que surgiu a temática sobre os direitos da criança e do adolescente. Uma das crianças presentes, C.10anos, percebeu que o gramado onde estavam brincando necessitava de poda. Ela expressou sua crítica e ao mesmo tempo propôs solução, sugerindo levar ao presidente do bairro alguma reivindicação que validasse sua necessidade e a das demais crianças. A ação opinada tornou-se real. A educadora/pesquisadora leva as propostas da menina ao responsável pelo bairro. A praça então passou a ser devidamente zelada a partir dessa ação, e um legislador assumiu essa neces-

cidade como uma responsabilidade do poder público, desenvolvendo projetos a partir da proposta da criança.

Destacamos outra situação ocorrida em meio à exploração da prática pedagógica com a história “O pavão do abre e fecha”, da autora Machado (1998), quando, durante a exploração da narrativa, um adolescente, J. 11 anos, usando seu boné (mesmo sabendo que havia uma regra na ONG para não o usar durante as atividades), afastou-se demonstrando estar se sentindo diferente em relação aos demais. O menino recusou-se a brincar. Não quis participar das brincadeiras. Nem mesmo do momento da leitura. Contudo, pediu para que permanecesse usando seu boné, pois segundo ele, apresentava-se sem cabelos, isto é, careca. A atitude de J. levou uma das crianças a questionar se ele se sentia envergonhado com sua situação. Z. 12 anos - “J. você está com vergonha da sua careca?”, e ao mesmo tempo passou a mão na cabeça, meu cabelo também está baixinho, está calor, vem vamos ouvir histórias”.

Situações como essas podem passar despercebidas e acabam por provocar constrangimentos às crianças e adolescentes. A promoção da exclusão, seja na infância e adolescência, seja na vida adulta, é, ao nosso ver, algo que não deve ser nem ensinado e nem reproduzido em quaisquer que sejam os contextos sociais, sobretudo no educativo. A atenção de mediação dos adultos e em especial dos educadores e educadoras sociais e demais profissionais da educação para essa questão deve ser um compromisso de cuidado não somente pedagógico, mas também ético, humano e político.

Os exemplos citados comprovam como a realização de práticas com literaturas, poesias, músicas, cantigas, trazem à tona surpresas oriundas do olhar e do sentir próprios da interpretação infantil, e contempladas pelo contexto sociocultural que a criança traz consigo. Promover a ludicidade em sala de aula não significa simplesmente ensinar um conteúdo ludicamente. O lúdico enquanto elemento pedagógico não deve aparecer como acessório. O ensino lúdico é aquele em que se inserem conteúdos, métodos criativos e o enlevo em se ensinar e, principalmente, aprender (D'ÁVILA, 2006, p.18).

Concordamos com o autor quando esse se reporta ao uso da ludicidade enquanto recurso pedagógico. Sobre esse tema o autor destaca que o que precisa ser almejado é não só que as crianças se divirtam, mas sobretudo que

elas aprendam. O professor/educador deve utilizar-se desse gosto lúdico da criança para a própria satisfação da sua responsabilidade em ensinar, e para a eficácia do interesse e necessidade dos educandos em aprender.

Tal como evidenciamos em um dos relatos anteriores, e reiterado enquanto um dos princípios e fundamentos teóricos e metodológicos dos trabalhos com crianças desenvolvidos pelo PCA:

Utilizamos a brincadeira para provocar diálogo entre nós, para termos, na voz da criança, não só os risos e expressão de alegria, mas também a sua opinião, bem como sua história e relatos de toda ordem. Conhecemos algo de seu mundo a partir dela. (MAGER, *et al*, 2011, p. 68)

Com base nesta citação teórica, entendemos que as brincadeiras realizadas com crianças e adolescentes precisam ser pensadas e planejadas de maneira a oportunizar a criança a ter vez e voz, a expressar-se oral e corporalmente, opinando e relatando sobre suas vivências, efetivando-se assim a interação criança e adolescente com seus pares ou adultos, como discutido e proposto conceitualmente em vários estudos (MÜLLER; RODRIGUES, 2002; MULLER *et al* 2002; MAGER *et al* 2011; MÜLLER *et al* 2014).

Ao ensinar a canção *Cativar* em uma de nossas caixas de sementeira, mediamos para a promoção de um diálogo com as crianças apresentando a elas o autor e o período histórico da obra. Por meio de perguntas sudeadoras foi possível oportunizar que o público infantojuvenil interagisse com o saber apresentado. As crianças participaram ativamente em resposta as nossas perguntas. Porém, o resultado mais apresentável foram as suas devolutivas na elaboração de outros questionamentos, sempre de forma prazerosa.

A prática lúdica pedagógica pode se constituir para nós, educadores/as, em um importante instrumento de motivação para o ensino das crianças. Citamos duas experiências desenvolvidas sob essa perspectiva, uma usando a caixa de sementeira “O Girassol” (DE MORAES, 1970), e outra a caixa “Menina bonita do Laço de Fita” (MACHADO, 1986). Em ambos os recursos, a metodologia adotada foi dramatização, canto, exploração, manuseio de sementes e acompanhamento do crescimento da planta, brincadeiras, danças, além da percepção e resgate do nome e sobrenome como requisitos importantes na construção da identidade. A motivação vivenciada pelas

crianças foi percebida por nós e nos moveu e nos encheu de alegria e satisfação.

Na trajetória da realização dessa investigação buscamos compreender a amplitude que os termos *lúdico* e *ludicidade* trazem em suas interpretações. Ao buscar fundamentos que tratam a cultura lúdica na infância encontramos o conceito de Sarmiento (2004):

A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas. Porém, as crianças brincam, contínua e abnegadamente. Contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério". (SARMENTO, 2004, p. 10).

O autor nos alerta sobre a importância de percebermos o que existe entre o substantivo que traz lúdico como uma ação concreta e seu substantivo abstrato, a ludicidade, que é resultado da prática demonstrada de maneira singular por cada criança. Em definição a ludicidade é compreendida como parte da cultura lúdica na infância. Entretanto, tanto a infância quanto a ludicidade são afetadas pela carência de políticas públicas específicas, no geral pela ação ou omissão dos poderes públicos dirigidos/administrados por adultos.

Nos dizeres de Gomes (2004, p. 145) "a ludicidade é uma possibilidade e uma capacidade de se brincar com a realidade, ressignificando o mundo". O autor segue explicando que:

Como expressão de significados que tem o brincar como referência, o lúdico representa uma oportunidade de (re) organizar a vivência e (re) elaborar valores, os quais se comprometem com determinado projeto de sociedade. Pode contribuir, por um lado, com a alienação das pessoas: reforçando estereótipos, instigando discriminações, incitando a evasão da realidade, estimulando a passividade, o conformismo e o consumismo; por outro, o lúdico pode colaborar com a emancipação dos sujeitos, por meio do diálogo, da reflexão crítica, da construção coletiva e da contestação e resistência à ordem social injusta e excludente que impera em nossa realidade (GOMES, 2004, p. 146).

A variedade das ofertas de conteúdos lúdicos é um aspecto fundamental a ser observado. Quanto maiores e mais diversas forem às formas encontradas

pelo educador/professor para promover com que a criança se expresse, mais rico poderá ser o conhecimento que ela terá de si mesma, sendo também ampla suas experiências de relações com o/no mundo. Portanto:

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico [...] seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver. (MARCELINO, 1996, p. 38).

As atividades lúdicas podem propiciar ainda o desenvolvimento da expressão da criança, condição absolutamente fundamental para seu desempenho individual e social, e para seu bem-estar. Pois,

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próximo. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo onde vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção de conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um imenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Orlandi (1987) ao ensinar sobre análise do discurso propõe a reflexão pautada na existência de três tipos de discursos que estão em pleno funcionamento: o lúdico, o polêmico e o autoritário, a saber:

[...] no discurso lúdico, há a expansão da polissemia, pois o referente do discurso está exposto à presença dos interlocutores; no polêmico, a polissemia é controlada, uma vez que os interlocutores procuram direcionar, cada um por si, o referente do discurso e, finalmente, no discurso autoritário há a contenção da polissemia, já que o agente do discurso se pretende único, e oculta o referente pelo dizer. (ORLANDI, 1987, p. 29).

A interação entre esses vários discursos lúdicos permite aos diversos locutores-interlocutores crianças o exercício do aprendizado de terem vez e voz. Permite que apresentem novos vocábulos, bem como novas formulações, evidenciando nuances do seu pensamento. Por meio da linguagem oral as crianças interagem e se integram a inúmeros processos perceptivos pessoais, grupais e ou coletivos, desenvolvendo assim atenção, concentração, percepção, memória, raciocínio lógico, imaginação, bem como o fortalecimento das vias sensoriais do saber tal qual a visual, auditiva e sinestésica, o que eleva de maneira gradativa o nível de atividade psíquica dos participantes do discurso.

Outro aspecto que pode ser observado nas atividades lúdicas é o exercício de um protagonismo muitas vezes não percebido no cotidiano pelo adulto, porque a criança assume papéis em suas brincadeiras, vivenciando o papel de mãe, pai, filho (a), tio(a), professor(a), cozinheiro(a), imaginando, inventando, vivenciando um mundo mágico, mas ligado à realidade.

Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligados. A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa de consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. [...] a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais (OLIVEIRA, 2011, p. 164).

O autor nos ensina que a utilização prática da música promove que a criança desenvolva sua coordenação motora ampla, fina, desperta a mente imaginativa e une ações de autodisciplina e descoberta. Por meio da escuta de músicas e literaturas promovemos a interligação entre as brincadeiras, afetividade, interação por meio da percepção e da linguagem, as quais visam à transformação significativa de consciência infantil para que a criança por meio de seu desenvolvimento possa relacionar-se com o mundo. Ficam visíveis esses conceitos quando apresentamos as atividades, por exemplo, na Caixa de Semeadura em que utilizamos a cantiga: “Amigo mais perto”, com brincadeiras de palhacinho sai da tenda, e que passaram realizar atos de diálogo, de

respeito ao outro a partir das vivências experienciadas nos encontros de interação e intervenção.

Mas nem sempre a ludicidade realizada nas brincadeiras é concebida como formas de aprendizagem, visto que em muitas situações o lúdico promove desordem do ponto de vista pedagógico cuja base é a educação pautada em aspectos e processos formativos institucionalmente regradados. Isto é, a ludicidade para muitos é perda de tempo. Sobre esse aspecto concordamos com Drumond (2015) que descreve que o “Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo, é triste ver meninos sem escola, mas triste ainda é vê-los sentados enfileirados em sala sem ar com exercícios estéreis sem valor para a formação do homem”.

Verificamos que a prática da interação de maneira lúdica pode promover leveza à rotina escolar e social de forma significativa e prazerosa.

As crianças, com a ludicidade entram em um mundo mágico. O corpo, meio, a infância e a cultura fazem parte de um só mundo. Esse mundo pode ser pequeno, mas é eminentemente coerente, uma vez que o lúdico caracteriza a própria cultura, a cultura é a educação, e a educação representa a sobrevivência. (ANDRADE, 2013, p. 17).

Andrade (2013) nos incentiva afirmando que as crianças por meio da ludicidade adentram em um mundo mágico. Esse olhar do autor para a ludicidade deve estar presente nos planos da educação escolar e social, na metodologia com ações pedagógicas que contemplem a realidade escolar e social, o contexto de seu alunado e o desejo do profissional em promover a criança.

A ludicidade está presente no RCN (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil) de 1998, mas na realidade em muitos desses espaços o lúdico não é contemplado como essencial. Por outro lado, citamos o PCA – UEM, que assume esse princípio filosófico e metodológico como proposta “*lúdico-política-pedagógica*” (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

Por ‘princípios’ entendemos um posicionamento claro e determinado de todos os envolvidos com os direitos humanos que, por sua vez, recorre a valores de justiça, equidade, dignidade, participação e garantia de coautoria nas decisões que afligem, no momento, uma pessoa, um grupo, um movimento, uma comunidade, uma instituição, entre outros. (MAGER, 2011, p. 178).

Temos visto, nas escolas de estruturas modernas que elas contemplam espaços físicos adequados ao lúdico, com salas amplas, arejadas, com brinquedotecas, salas multiuso, quadras de esporte... muito embora ainda existam lacunas a serem preenchidas no que se refere ao uso destes espaços.

Durante as atividades de brincadeiras, como amarelinha, pula corda, encenações... desenvolvidas na Caixa de Semeadura 01, "Menina bonita do laço de fita", da autora Machado (1986), destacamos situações importantes relativas à convivência humana, a construção da identidade social feita pela pesquisadora e as crianças e entre elas, uma pediu se a boneca confeccionada poderia ser chamada de Alícia como o nome da prima. Nesta mesma situação a educadora aprofundou a temática exemplificando etnias existentes, evidenciando que a boneca poderia ser japonesa, africana.... Todo este contexto está embasado na promoção da formação social da criança. Os efeitos dessa prática ficam evidentes se considerarmos que devemos propor e potencializar a participação da criança em diversos âmbitos, e que podem ser construídos também em atividades lúdicas.

Evidenciamos, assim o planejamento de cada ação desenvolvida com a criança, do mesmo modo que certificamos que o jogo pode integrar as várias dimensões da personalidade humana, afetiva, motora e cognitiva. O ato de propiciar o momento de a criança brincar espontaneamente, independentemente do seu ambiente e contexto, favorece a aprendizagem, e quanto maior o número de atividades lúdicas inseridas nas atividades pedagógicas, certamente maior será o envolvimento da criança com o conhecimento apresentado. Além disso, quando a criança interage com o outro ludicamente ela se diverte e prazerosamente aprende o que é mediado a ela possibilitando desenvolvimento pessoal, cultural, social, de maneira saudável e cativante.

Pelo exposto, entendemos o lúdico como uma categoria, pois o brinquedo, a brincadeira, o jogo, a canção, a poesia dentre outras ações ou instrumentos do campo do lúdico podem ser inseridos em todas as atividades independente de ser acolhida como recreação, mesmo porque o ato de ouvir ou cantar uma canção, ouvir a literatura, a poesia e o brinquedo quando apresentados de maneira correta podem ser objetos facilitadores de uma brincadeira. Consideramos o lúdico como essencial na formação de crianças

conforme apresentamos em nossa proposta utilizando uma ação pedagógica com discurso lúdico.

Mediante esse contexto demonstrado sobre as categorias que elencamos, esperamos ter ficado clara a ideia que a criança tem o direito de desenvolver-se plenamente tanto linguisticamente, quanto cognitivamente, no âmbito social, cultural, nos aspectos afetivo, psicomotor, moral, na saúde física, emocional, para que se desenvolva plenamente.

Detectamos que o lúdico quando em ação pode propiciar desenvolvimento e o expressar-se de maneira a expor o que se pensa, se reflete, se imagina, se cria, de modo a permitir a tarefa de poder socializar o que se almeja sem medo, visando entretenimento e comunicação, favorecendo vivenciar momentos criativos no universo imaginário.

4.2 ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente: Instrumento de Formação Política na Infância

Ao considerar o ECA e os Direitos da Criança e do Adolescente como categoria desse estudo, além de nortear nossa prática, nos faz promover reflexões mais profundas sobre como tem sido a formação infantojuvenil nos espaços formais e não formais de educação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (1990) está em vigor há 27anos, e são inúmeras crianças e adultos que o desconhecem. Haja vista que, enquanto documento que legitima o que existe de lei para o público infantojuvenil, esse é o principal marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes do e no Brasil, acreditamos que seu conhecimento deva ser continuamente ativo e presente nas ações educativas. (BRASIL, 1990)

Enquanto instrumento legítimo o ECA (1990) legisla sobre a proteção dos direitos fundamentais de zero a 18 anos, além de definir a quem compete exercer o papel de executar os procedimentos protetivos, relacionados a temas como cuidados, adoção, aplicação de aconselhamentos, a saber, Ministério Público, Defensoria Pública e Conselho Tutelar, favorecendo a estes órgãos um possível modelo de organização legal para resolução dos crimes cometidos contra crianças e adolescentes.

O ECA desde sua criação tem como objeto principal a proteção da infância e visa garantir a integridade das crianças e adolescentes objetivando promover a vigência da Constituição Federal 1988, documento que prima pela prioridade absoluta na proteção da infância e na valoração de seus direitos e deveres, responsabilizando o Estado, a Família e a Sociedade em geral para efetivação desta proteção para meninas e meninos da nação brasileira sob os cuidados de uma legislação específica.

Natali, et al (2013), advogam:

Compreender a formação política como necessária para a transformação social é entender que esta precisa ser difundida no cotidiano, nas relações. A formação é papel do sujeito político e educador do contexto, este deve mediar e promover a divulgação do entendimento de política, de como pode ser feita a garantia do bem comum e fomentar a participação em todos os meandros sociais. No processo de formação política, o sujeito precisa adquirir conhecimento sobre os direitos estabelecidos pela sociedade em que vive. Neste sentido, a formação política volta-se às questões de conhecimento das leis, à construção destas, à história e sua funcionalidade no contexto histórico. (NATALI et al, 2013, p. 7).

No cotidiano das atividades com crianças e adolescentes no âmbito escolar e social, testemunhamos inúmeras situações de violação de direitos, seja nos cuidados com o corpo físico da criança, seja na intercomunicação social nesses ambientes. Essas fragilidades contemplam a falta de conhecimento sobre os cuidados que devemos ter para ensinar-lhes desde pequenos, que os deveres e direitos podem ser praticados, e é papel dos professores e educadores sociais fazê-lo. Vivenciamos na experiência da caixa de sementeira “O pavão do abre e fecha”, o que aconteceu com a criança que se importava com tudo o que os outros diziam. No trecho abaixo, retirado da descrição da prática da pesquisadora, observamos que a mediação durante a atividade foi fundamental para traçar os direitos ali presentes e a responsabilidade em desenvolvê-los na prática.

[...] Conforme a leitura avançava, a criança se aproximava, e no final da leitura a pequena menina sorriu e sentou-se com o grupo. Continuei dialogando e problematizando a situação. Questionei se alguém ali se preocupava com o que os outros diziam delas. Várias crianças e adolescentes levantaram suas mãos, e um adolescente de 13 anos, quando solicitei que

compartilhasse com a turma, tirou seu boné e disse que ficaria de boné até seus cabelos crescerem, pois a mãe tinha recebido o dinheiro da diária que ela ganhava fazendo faxina em casas, mas o pai havia pegado tudo e gastado com jogo e bebida, assim não sobrou nada para a mãe pagar o cabeleireiro. Ela havia feito o corte e devido aos muitos buracos que ficara, foi necessário passar a gilete em todo o cabelo, ele dizia que estava parecendo um doente. Explanei que logo os cabelos do pequeno cresceriam e, exemplifiquei que muitas crianças perderam seus cabelos devido a doença e que ele estava com vergonha, mas ficar sem cabelo seria passageiro e muitas sofriam com câncer e faziam tratamentos complicados, o menino sorriu e assim dialoguei sobre o capítulo IV do ECA evidenciando que toda criança tem direito a educação, saúde, esporte e lazer, bem como o artigo V que explica que a criança e adolescente não pode ser discriminada ou negligenciada. Reafirmei sobre a importância de conhecerem o ECA.

A menina que estava ao longe e havia se aproximado também levantou a mão. Muito tímida colocou a mão na frente da boca e começou a falar que estava feia, pois seu dente caiu e estava demorando a nascer. Então, após ela dizer ter 6 anos de idade, expliquei que o dente de leite cair, era um processo natural e em breve um belo dente nasceria que estava escondidinho, bem aquecido dentro de sua gengiva e em poucos dias ela poderia apresentar seu novo dente aos amigos. Ela me olhou voltou a ficar cabisbaixa, mas percebi que agora não estava com sua expressão facial triste, mas pensativa. Explanei sobre a literatura *Meu dentinho*, seu dentão, da autora Sonia Salerno Forjaz e retomei a conversa sobre “O pavão do abre fecha” evidenciando que ela não devia se envergonhar tapando sua linda boca para não mostrar sua linda janelinha, como o pavão se fechava ao ouvir o que lhe diziam.

Antes de levantar do gramado onde as crianças estavam, cantei com elas a canção “Criança não trabalha, criança dá trabalho” Palavra Cantada, brincamos, dançamos. Depois disso levamos as crianças para lanchar. As crianças descansaram e em seguida continuamos a brincar de pega-pega. Minha caixa de leitura onde havia, gibis, jornais, revistas e literaturas ficou à disposição das crianças. Neste dia realizei interação por meio da linguagem literária e musical, com crianças de dois a quatorze anos de idade (Caixa de Semeadura 01, 2016).

O trecho que descreve a prática deixa explícito dois aspectos importantes: a mediação da pesquisadora que pode promover formação política na intervenção pedagógica, e o respeito ao ouvir cada situação de vergonha, medo e insegurança que os dois exemplos demonstraram. Essa ação educativa é essencialmente necessária no contato com as crianças,

chamamos isso de estar atento, a cada gesto, emoção, olhar, pois as crianças e adolescentes verbalizam o que sentem.

Embora o ECA estabeleça os direitos que a criança e o adolescente têm, tornando-se um documento rico em informações para quem trabalha com esse público ou temática, são inúmeros os temas que podem ser abordados trazendo informações, não apenas de defesa, mas de cultura de direitos como: definição para a fase da infância e do adolescente, proteção integral, desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social. Nesse documento encontramos direitos fundamentais como Vida e Saúde; Liberdade, Respeito e Dignidade; Convivência Familiar e Comunitária; Educação, Cultura, Esporte e Lazer; Profissionalização e Proteção no Trabalho. Desta maneira, destacamos alguns dos artigos do ECA (1990):

Art. 2.º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Art. 3.º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 15.º A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16.º O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

- I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;
- II - opinião e expressão;
- III - crença e culto religioso;
- IV - brincar, praticar esportes e divertir-se;
- V - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;
- VI - participar da vida política, na forma da lei;
- VII - buscar refúgio, auxílio e orientação.

Art. 17.º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18.º É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (BRASIL, 1990).

Os artigos acima nos remetem a Bobbio (1992) quando nos afirma que tanto o nascimento quanto o crescimento dos direitos humanos, bem como as transformações da sociedade são intimamente associados. Assim, em se tratando dos direitos das crianças, podemos notar a estreita vinculação que há entre estes e o desenvolvimento da concepção de infância.

Em meados de 1927 foi criado o Código de Menores (CM) como o primeiro documento legal para a população com menos de 18 anos no Brasil. Em diferentes aspectos ele se difere do Estatuto da Criança e do Adolescente. Entre definições ele também foi referendado como Código Mello Mattos, o qual foi substituído pelo Código de Menores de 1979, mas manteve o mesmo perfil de arbitrariedade, assistencialismo e repressão junto à população infantojuvenil.

É evidente a diferença entre os documentos, pois o ECA foi estruturado com a participação de movimentos sociais, visando democratizar e favorecer que a sociedade se conscientize dos direitos e deveres de toda população independente de sua classe social.

Outrora o Código de Menores destinava-se apenas a quem exercia uma conduta de “situação irregular”, com características de discriminação, pobreza, dificuldades, delinquência, desigualdades financeiras e até mesmo de perspectiva de vida, e o ECA promoveu que a criança e o adolescente enquanto sujeitos de direitos sejam reconhecidos, e primordialmente protegidos.

Foi por meio do ECA (1990) que, no Brasil, o reconhecimento da criança e do adolescente enquanto sujeitos de direitos se efetivou na lei, visando a proteção, a não violação de direitos de quem não pode se defender. Sendo assim, o vocábulo “menor”, deixou de ser utilizado na lei, e as palavras “criança” e “adolescente”, começaram a ser utilizadas com o intuito de desmistificar o conceito de incapacidade.

[...] a tarefa de atribuir direitos à criança tem tido um longo e, muitas vezes, tortuoso caminho, quer devido à lenta consciencialização da sociedade acerca de tal necessidade, quer devido às dificuldades que se colocam à interpretação e aplicação de direitos para as crianças em contextos culturais diversos e em épocas históricas distintas. (SOARES, 2002, p. 1).

Para Rodrigues (2014), amparada no disposto pelo ECA (1990), a participação política na infância deve ser compreendida como exercício contínuo do direito humano da criança e de sua liberdade de expressão, opinião e escolhas políticas. E adverte:

As crianças nos ensinam, aprendemos política com as políticas das crianças. Nos registros participativos percebemos vários sentidos e valores éticos participados nas políticas das crianças. Ainda que em parte dos registros apresentados meninos e meninas estejam refletindo e construindo políticas a partir de suas convivências e participações lúdicas, conteúdos produzidos demonstram que suas ideias políticas são propostas reais, e foram formuladas com base em experiências de vivências concretas- suas vidas. (RODRIGUES, 2014, p. 120).

A mediação política consentida desde a infância propicia ao público infantojuvenil exercer seu protagonismo e se apresentar como atores sociais de sua própria prática político-social, bem como, de seus processos educativos críticos e participativos, oportunizando liberdade de expressão.

A interação promovida objetivando liberdade, quando realizada na ambiência escolar ou social, não pode ter o intuito de ser utilizada apenas como um recurso didático, mas deve propiciar que a criança e/ou adolescente seja cativado, fascinado pelos recursos e instrumentos a serem utilizados no ato de mediar.

Acentuamos que o profissional da educação social e escolar deve levar em consideração que a criança também é um ser político, promovendo o significado da percepção desses profissionais no que se refere ao desenvolvimento cognitivo físico ou psicológico, como também na concepção da necessidade do desenvolvimento ético e cidadão.

Na Caixa de Semeadura “Menina Bonita do Laço de Fita” (2005), há as personagens mãe e filha, e a avó até é citada, mas não participa ativamente da história, porém demonstramos que elas constituem uma família. As personagens não são nomeadas no livro, assim, nesta oportunidade a pesquisadora explorou com as crianças a importância de termos nome e também um sobrenome, visto que este é um direito que todo ser humano tem. Nesse momento a letra da canção “Qual o seu nome? Hailer (2012) contribuiu

com a prática pedagógica, em que ludicamente e com a linguagem musical entendemos que todo mundo tem um nome.

[...] Todo mundo tem um nome
 Diga lá qual é o seu
 Mariana, Rodrigo, Julia ou André,
 O seu nome, qual é que é?
 Eu tenho uma tia que chama Raimunda
 Ela tem coceira na... ponta do pé!
 Quando ela tira o seu sapato
 Ai, meu Deus! mas que chulé...
 E fiz um A e fiz um N e fiz um G
 E fiz um E e fiz um L e fiz um A
 O que é que dá? ANGELA
 E fiz um R e fiz um O e fiz um M
 E fiz um E e fiz um U
 E no final o que é que deu? ROMEU
 (HAILER, 2012).

A letra da canção selecionada é rica nas rimas e musicalidade, o que fez com que as crianças se envolvessem na alegria de sua melodia e desenvolvessem o conceito da importância do nome. Da mesma forma foi utilizada a canção “Gente tem sobrenome” do poeta e compositor Toquinho (1987) para trabalhar sobrenome. Depois dessa intervenção da música e das brincadeiras, foi retomado a literatura “Menina Bonita do Laço de Fita” para que as crianças tivessem a oportunidade de aprender a fazer inferência e compreendessem o seu direito a terem uma certidão de nascimento com nome e sobrenome como está vigente na lei.

Todas as coisas têm nome
 Casa, janela e jardim
 Coisas não têm sobrenome
 Mas a gente sim
 Todas as flores têm nome
 Rosa, camélia e jasmim
 Flores não têm sobrenome
 Todas as coisas têm nome
 Casa, janela e jardim
 Coisas não têm sobrenome
 Mas a gente sim
 Todas as flores têm nome
 Rosa, camélia e jasmim
 Flores não têm sobrenome
 Mas a gente sim
 O Chico é Buarque, Caetano é Veloso
 O Ari foi Barroso também

E tem os que são Jorge, tem o Jorge Amado
 Tem outro que é o Jorge Bem
 Quem tem apelido, Dedé, Zacarias
 Mussum e a Fafá de Belém
 Tem sempre um nome e depois do nome
 Tem sobrenome também
 Todo brinquedo tem nome
 Bola, boneca e patins
 Brinquedos não têm sobrenome
 Mas a gente sim
 Coisas gostosas têm nome
 Bolo, mingau e pudim
 Doces não têm sobrenome
 Mas a gente sim
 Renato é Aragão, o que faz confusão
 Carlitos é o Charles Chaplin
 E tem o Vinícius, que era de Moraes
 E o Tom Brasileiro é Jobim
 Quem tem apelido, Zico, Maguila
 Xuxa, Pelé e He-Man
 Tem sempre um nome e depois do nome
 Tem sobrenome também. (TOQUINHO, 1987).

Nos versos da segunda cantiga, “Gente tem sobrenome”, Toquinho (1987), que a letra não traz apenas a afirmação dos sobrenomes comparando-os com coisas, mas enriquece o conteúdo literário presente no contexto social das crianças. É pela leveza do cantar e na harmonia e alegria dos versos que a pesquisadora propõe a prática dessas cantigas, além de estabelecer os aspectos sociais e dos conteúdos que devem ser planejados com antecedência.

Interagir com crianças por meio de poesias, cantigas, canções, clássicos infantis favoreceu que identificássemos a música como fundamental, pois sua neutralidade ética oportunizou aprendermos sobre direitos de escolhas. Schafer (1991, p.295) nos indaga por que a música está nas instituições de ensino, e responde que “a música existe porque nos eleva transportando-nos de um estado vegetativo para uma vida vibrante”. O autor em seus escritos apresenta como a música respalda o desenvolvimento da criança, tanto na coordenação motora, quanto promove que a mente se torne imaginativa unificando ações de autodisciplina, onde a criança vivencia momentos de envolvimento com um mundo mágico de descobertas.

Ainda na sementeira da “Menina Bonita do Laço de Fita”, foi oportunizado a criança, ouvir uma paródia e pelo planejamento da

pesquisadora, foi possível que as crianças identificassem características em si e no outro, para assim aprenderem sobre respeitar diferenças do outro e respeitar a si mesmo ao valorizar-se, demonstrando que cada sujeito é único e especial, independente da sua descendência étnico-racial. Ressaltamos que na obra é utilizada a imagem de personagens (pessoas e animais), especificamente coelhos de diversas cores (...) tinha coelho pra todo gosto: branco bem branco (...), preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha (...) (MACHADO, 2005, p. 20). Nesse momento do texto exploramos as cores existentes e adentramos ao assunto preconceito, ensinando que devemos respeitar as pessoas independentemente da cor que elas possuem visto que somos seres humanos.

Vale evidenciar que a sensibilidade se apresenta quando a pesquisadora percebe que as ilustrações dão ênfase à figura da personagem principal, que mesmo sendo negra despertou a "paixão" no coelhinho branco, "Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela..." (MACHADO, 2005, p. 6). É pertinente destacar que o vocábulo pretinha não denota no texto aspecto discriminatório, mas demonstra características quanto a cor da pele que um ser humano possui, não diminuindo, por isso, o valor de seu caráter, de sua personalidade. Ainda observamos na narrativa que a família apresentada não descreve a figura paterna, promovendo abordar os diferentes tipos de família existente na cultura brasileira.

A cultura, hábitos, costumes podem e devem ser ensinados de maneira a promover que a transmissão oportunize manter a cultura viva. Assim, no sentido de fundamentar a importância da pesquisa e da sociologia que constitui a história da infância, apresentamos a estrutura que categoriza os 54 artigos da Convenção, em três grupos de direitos, denominados "3Ps", conforme elaborado por Soares (1997), com base em Hammarberg (1990):

Direitos relativos à provisão – onde são reconhecidos os direitos sociais da criança, relativamente à salvaguarda da saúde, educação, segurança social, cuidados físicos, vida familiar, recreio e cultura; Direitos relativos à protecção – onde são identificados os direitos da criança a ser protegida contra a discriminação, abuso físico e sexual, exploração, injustiça e conflito. Direitos relativos à participação – onde são identificados os direitos civis e políticos, ou seja, aqueles que abarcam o direito a ser consultada e ouvida, o direito a ter

acesso à informação, o direito à liberdade de expressão e opinião e o direito a tomar decisões em seu proveito. (SOARES, 1997, p. 82, apud HAMMARBERG, 1990).

É fato que o tripé apresentado por Soares (1997) nos ajuda a difundir a necessidade de prover, proteger e promover a participação infantojuvenil conforme prescrito no estatuto-ECA. Não obstante, esse tripé deve ser trabalhado na prática e no cotidiano educacional da criança, principalmente, nos CMEIs Centros Municipais de Educação Infantil. Exemplificamos o texto “Menina bonita do Laço de Fita” em que o direito foi trabalhado como conteúdo e a pesquisadora evidenciou temas como: Diversidade, Preconceito, Identidade dentro de Valores humanos.

Na Caixa de sementeira “O Girassol”, de autoria de Vinícius de Moraes, foi possível destacar que existem inúmeras possibilidades de praticar o respeito à criança. Verificamos que ao receberem as mediações, elas aprenderam, durante o cultivo sobre as frustrações, que essas podem ser encontradas em nossas vidas, porém, por meio do diálogo, da conscientização, do respeito a si e ao outro isso pode ser compreendido, respeitado. Nessas atividades, foi oportunizado a elas observarem que algumas sementes não produziram, e assim, dialogando e problematizando a situação vivenciada, a pesquisadora discutia aspectos positivos e negativos sobre o nascer e morrer, ensinando a criança compreender desde pequena o processo da morte.

Em inúmeras experiências em unidades de ensino, durante a realização de meus estágios supervisionados ou em visitas em instituições como coordenadora pedagógica e/ou educadora social observei resultados em que crianças participam do plantio do feijão ou algodão. Porém, quando uma das sementes não iniciava o processo de germinação era jogado fora e se colocam outras sementes no lugar. Acreditamos que não houve o processo da observação, nem mesmo da explicação do por que daquele resultado. A ação da professora podia ser percebida e enriquecida para a criança identificar a não germinação e as razões que levaram a isso.

É possível dar a oportunidade de a criança plantar outra semente. No entanto, ela precisa aprender que na vida frustrações podem acontecer e aprender a administrar essa situação. Defendemos o princípio de ensinar a criança, uma vez que ela enquanto ser humano pensa, fala, opina, e é capaz

de compreender diversas situações desde que o mediador promova diálogo interativo e acessível ao contexto.

A criança tem direito de aprender e adquirir os saberes elaborados com mediações que favoreçam o convite a ela, para que participe, explore expondo seus pensamentos, descobrindo, compreendendo, não apenas imitando o outro, mas sendo protagonista do que é enquanto ser humano.

Podemos encontrar defesa para a qualidade de vida das crianças no estatuto, visto que ele garante o direito de ir e vir para o público infantojuvenil, propiciando a efetivação do lazer, do estudar, do ato de ler, brincar, praticar esportes, expressar opiniões, tendo liberdade de crença, auxílio e se necessário for, refúgio e orientação. As propostas aqui apresentadas trazem essa preocupação que compreendem o que está expresso no ECA.

Para finalizar, esclarecemos que nossa visão de mediação é mais ampla e a valorizamos profundamente.

Em nossa sociedade o termo mediação está sendo utilizado no âmbito jurídico, da saúde, da educação, ou seja, nos diversos âmbitos de atuação social. A mediação é muito mais antiga do que pensamos, retrocedendo muitos anos na história, surgida mediante a necessidade de resolver um conflito existente (MULLER, 1995). Ela pode ser compreendida como uma característica especificamente humana, visto que por meio dela o diálogo e interação podem efetivar-se plenamente. A mediação tem a função de promover que a criança se desenvolva socialmente, intelectualmente e conheça a cultura onde ela está inserida, integrada ao meio em que vive.

A dialogicidade deve existir entre o adulto e a criança para a efetiva formação dos profissionais, tanto da educação escolar quanto da educação social. Sobretudo, defendemos que deve pautar-se não apenas em sua formação inicial, como a graduação (licenciatura), mas na aquisição de conhecimentos nas jornadas pedagógicas, reuniões pedagógicas, hora atividade, e especialização, cursos de extensão, cursos online.

O profissional, para decidir sobre o conteúdo e o método deve conhecer a população com quem vai trabalhar, com o intuito de saber a idade, e o contexto onde a criança está inserida. Significa dizer, por exemplo, se o profissional sabe que a criança advém de família empobrecida e de um bairro que oferece poucas possibilidades de desenvolvimento cultural, se suas

metodologias poderão propiciar aprendizagem para que esta criança tenha acesso deste saber que possivelmente apenas o educador social ou profissional da educação mediará, de modo que jamais se subestime o contexto do público infantojuvenil, mas se oportunize mediações com diferentes ações pedagógicas para que independente da classe social que a criança e/ou adolescente esteja inserido, se promova o acesso às culturas existentes.

A criação de um ambiente em que a criança seja obrigada a ler ou escutar a história de um livro, ouvir ou apreciar uma canção não significa que desde a infância ela vá adquirir o hábito de ler ou ouvir. É fundamental oportunizarmos ambientes que propiciem a criança ter direitos de escolhas, sempre apresentando diferentes estilos literários e musicais para que a criança e o adolescente sejam cativados por meio de sementeiras e cultivo que poderão propiciar sua leitura, o seu canto. A preparação do terreno como apresentamos nas Caixas de sementeira favorecerão que o público envolvido nesta interação possa apenas ser impactado pela fruição. Freire (2001) apresenta:

[...] muito de nossa insistência, enquanto professores e professoras, em que os estudantes "leiam", num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. (FREIRE, 2001, p. 17)

O educador social e o profissional da educação, enquanto mediadores do saber elaborado possuem uma responsabilidade para promover que a criança aprenda, se insira nas culturas da infância, desenvolva-se consolidando assim sua formação humana.

A nós profissionais da educação social ou escolar compete mediar e favorecer ao público infantojuvenil a oportunidade de crescer enquanto leitor do mundo que o cerca, tendo o universo com diferentes possibilidades de leitura, pois, "[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" (FREIRE, 2001, p. 10).

Nesse sentido, valorizamos, essencialmente, a mediação realizada com planejamento com ações definidas e com abertura para se fazer adequações caso sejam necessárias.

Como exemplo, apresentamos uma mediação no relato sobre a literatura “Charalina”, na caixa de sementeira 03 (três), em que por meio da dinâmica Folha de papel, promovemos reflexões sobre as palavras proferidas de maneira positiva e negativa em novas vidas, que marcas favorecem, como os amassados deixados no papel relatado na caixa três.

Continuei o procedimento e perguntei se era possível a folha ficar desamassada, e alguns responderam que jamais, era impossível. Desta maneira, comecei a explicar que a dinâmica tinha um significado, nosso intuito era que todos comparassem a folha de papel com uma palavra. As palavras que saem da nossa boca uma vez proferidas não podem retornar. Palavras positivas ou negativas uma vez ditas não podem ser consertadas no caso de acontecer negativamente podemos ofender, magoar, machucar sentimentos causando transtornos que podem causar feridas impossíveis de serem cicatrizadas. (Caixa de Sementeira 03, 2015)

Em função do escrito, a título de síntese, observamos que a mediação é uma prática que prima pelo ensino do conteúdo, visando cultivar, ou seja, saber observar as sementes, preparar o terreno, realizar o plantio. Saber cultivar, por meio das intervenções, é preocupar-se com o cultivo à espera da colheita. A mediação então não pode visar apenas a colheita, ela precisa objetivar o cultivo, pois só há colheita se o cultivo for produtivo.

Verificamos que a definição do conteúdo, por si só, não garante que ele seja atingido, a forma como o profissional da educação e/ou educador social mediará é que qualificará a ação de formação da criança por meio do ensino e da aprendizagem. E neste caso, enfatizamos a mediação com aspecto lúdico e político.

5. O QUE COLHEMOS COM ESSAS PRÁTICAS

Nesta investigação o que colhemos originou-se a partir do objeto de investigação que foi apresentar resultados de práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças e adolescentes, as quais permitiram constataremos em nossos **Canteiros pedagógicos** o que objetivamos primordialmente: Analisar práticas pedagógicas com crianças a partir do referencial da Sociologia da Infância do grupo da Universidade do Minho e do método lúdico-político-pedagógico do PCA –UEM, com o intuito de oportunamente socializá-las como alternativas a trabalhos de professores e educadores sociais em ambiente de educação social e escolar. Todo processo investigativo favoreceu descrevermos as práticas para que profissionais da educação e educadores sociais possam observá-las, analisá-las e se necessário adaptá-las para interagirem com o público infantojuvenil. Nas caixas de sementeira descrevemos e detectamos em minhas práticas com crianças e adolescentes o quanto o público infantojuvenil por meio da literatura e da música podem interagir com alegria e prazer na melodia e poesia dos versos cantados. E na seção quatro relacionamos as categorias encontradas na prática com a teoria metodológica do PCA – UEM.

A pesquisa teve em seus pressupostos metodológicos a sistematização e análise de resultados de práticas pedagógicas aplicadas na formação de crianças, agregando as culturas da infância ao cultivo lúdico-político-pedagógico.

Para tanto, descrevemos quatro práticas constantes dos meus relatórios de mestranda/pesquisadora, realizadas uma na ambiência escolar Centro de Educação Infantil, e a segunda experiência realizamos com crianças, adolescentes em uma ONG na cidade de Maringá. A terceira por envolver a família - crianças, adolescentes, pais e/ou responsáveis, pertencentes a mesma ONG na cidade de Maringá, e a quarta experiência foi selecionada, porque aconteceu com crianças de zero a cinco anos pertencentes à Educação Infantil, mas que estudavam em uma Escola Municipal de ensino fundamental.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram encontros de intervenções pedagógicas que duraram em média de quarenta minutos a até

duas horas e trinta minutos dependendo do público alvo e da interação e questionamentos das crianças e/ou adolescentes.

Optamos dissertar por meio da autobiografia, objetivando descrever momentos de interações, além de elucidar minuciosamente, sensações, emoções, detalhes observados nas experiências vivenciadas com crianças.

As experiências desenvolvidas com grupos de crianças em dois espaços diferentes, instituição escolar e ONG, nos garantiram a efetivação e resultados positivos da prática de atividades que envolveram a escuta, o diálogo por meio do ato de ouvir leitura de literaturas e músicas enquanto cantigas para a formação e desenvolvimento das crianças. As experiências foram organizadas de acordo com a didática apresentada por Gasparin (2009).

A trajetória percorrida oportunizou não apenas aprendizagem, interação, diálogo, mas promoveu vivenciarmos na prática possibilidades de dar vez e voz as crianças e adolescentes que estão sob nossa responsabilidade seja no âmbito social, seja no escolar, respeitando suas culturas, ensinando de maneira lúdica que elas podem e devem ser atores sociais e protagonistas de suas vidas.

Apresentar em categorias os princípios que alicerçaram nossas práticas e que se traduziram como noções necessárias para interagirmos com a criança e/ou adolescente, promoveu reflexões para elencarmos as categorias que nasceram da análise realizada pelas pesquisadoras após a descrição das experiências vivenciadas, a saber: cultivar o lúdico, promover o político e desenvolver o pedagógico.

A teoria e a conseqüente metodologia relacionada às **Culturas da infância** tornaram-se instrumentos que a todo instante alicerçaram minha prática pedagógica nas interações com crianças, adolescentes, profissionais da educação e educadores sociais. Ensinaam, promoveram reflexões e indagações para que eu desconstruísse frases relacionadas a criança e/ou adolescente como: 'adulto em miniatura, 'vir a ser', 'tábula rasa'. Discerni que as culturas exigem leitura, estudo e pesquisa, a julgar a complexidade em interpretá-las, haja vista que aprendi nas vivências o quanto desde a infância crianças e adolescentes são autoconfiantes e, ouvindo leitura de literaturas, canções, elas contribuem com suas opiniões, expressando seus sentimentos de maneira espontânea, efetivando seu protagonismo, situações que os

adultos, muitas vezes esquecem que um dia foram crianças e possuíam anseios e desejos que foram criados em um universo mágico e singular.

A infância enquanto essência do ser bebê, criança e, posteriormente adolescente, é uma fase da vida do ser humano que precisa ser observada, admirada, cativada, protegida, ouvida, ensinada, mediada, para que nas relações possam interagir e mediar/favorecer que as vivências sejam transmitidas para diferentes gerações alicerçada nas narrativas apresentadas respaldadas em magia. Estas podem ou não ter momentos de alegria, tristeza, morte, vida, esperança ou desesperança, mas precisam sempre cultivar e promover lembranças, as quais poderão ser positiva e/ou negativa, ressaltando temáticas que jamais poderão ser privadas da criança e adolescente terem acesso.

É notável que existem diferentes situações vivenciadas desde a infância. Durante as vivências, nos foram reveladas situações de crianças, adolescentes que foram abusadas psicologicamente, sexualmente, que viveram sem uma alimentação básica como as quatro refeições diárias, mas ao interagir com elas por meio do diálogo e de narrativas, sem expor sua vida pessoal, pude ensinar e mediar como elas poderiam auxiliar para que as situações de violação de direitos a uma vida digna poderá ser sanada, e ainda denunciada para seus professores, educadores sociais, vizinhos, amigos, as irmãs da ONG e assim, serem protagonistas de sua história de vida, para que possam usufruir do direito de serem e viverem como crianças.

Vale ressaltar que há na natureza da criança, pureza, humildade, jamais ignorância, pois eu só ignoro o desconhecido, sendo assim o profissional da educação, bem como educadores sociais possuem uma oportunidade e privilégio de promover oportunidades para a vez e voz dos pequenos e assim, aprender com eles. Estudar sobre as Culturas da infância, foi fundamental assim, certificarmos como todo universo infantil é permeado de encantamento. Interagir com crianças promoveu mediarmos para que o público infantojuvenil pudesse ouvir músicas, cantigas, literaturas, poesias. Desta maneira, favorecemos por meio do diálogo que este ser que para muitos é uma pessoa indefesa, vivesse e convivesse com linguagens essenciais que podem possibilitar seu desenvolvimento e aprendizagem de forma significativa. Entender as culturas da infância viabiliza planejar, replanejar, mediar, interagir com crianças e adoles-

centes promovendo alicerces para socialização de saberes que podem e devem acompanhar a história da infância.

Partimos do pressuposto de que as crianças são sujeitos políticos, atores sociais com capacidades inquestionáveis, e podem por meio do diálogo e interação participarem ativamente do processo de construção de suas culturas e políticas públicas para infância, intervindo nos ambientes que vivem e convivem. Só é possível a concretização se a criança e/ou adolescente, aprender sobre as possibilidades existentes no mundo em que vivemos para assim fazer suas escolhas.

Constatei ao escrever a seção quatro, respaldada na seção dois sobre a Culturas da infância enquanto sementes fundamentais que a criança e adolescente enquanto ator social, sujeito ativo, plural possui opinião própria, sendo assim, podem e devem ter oportunidades de se expressar corporalmente, oralmente independente de sua classe social, sua etnia, sua crença, pois ao longo do tempo sempre aconteceu, acontece e sempre acontecerá o fato de crianças encontrarem diferenças em suas vivências, seja na constituição familiar, escolar, igreja... pois existem diferentes composições de família, diferentes tipos de crença e aquilo que eu não aceito devo respeitar.

Objetivo em meus futuros estudos realizar um grupo focal para certificar “Como as práticas da Justiça Restaurativa podem instrumentalizar a formação na infância? A pesquisa ora apresentada não pretende se extinguir, esta temática pode ser retomada realizando uma pesquisa com grupos focais, com crianças, professores, educadores sociais para certificarmos a forma como o protagonismo das crianças é interpretado por profissionais da educação social e escolar.

As escolhas podem ser construídas por meio do que enquanto pesquisadoras encontramos como essencial para promover interação, socialização, diálogo onde interagimos dando vez e voz. Vivenciamos momentos onde as mediações propiciaram ensinar de maneira eloquente com a arte de narrar. Mediando por meio de narrativas efetivadas por meio de leitura de literaturas, canções, poemas, poesias, transmitidas como narrativas, promovemos não apenas curiosidade, mas aprendizagens que cativaram e favoreceram o adentrar em um universo que ensinou a criança e/ou adolescente exercitar pensamentos mágicos, lógicos, morais e políticos.

Destarte, nomear a infância pode se constituir em um processo interno que envolve formação inicial e continuada dos profissionais da educação escolar e social, para envolver manifestações da nossa vida objetiva e subjetiva.

Mediar por meio da linguagem literária, por meio de poemas, poesias, literaturas... e ainda pela linguagem musical, cantigas, canções... promoveu ao público infantojuvenil que estes representassem para si o que vivenciaram nas canções, nos poemas, nas encenações, dramatizações, leituras. Observamos a função da linguagem proporcionando a representação, a reflexão a exposição do mundo imaginário das ações do pensamento, bem como a demonstração do que existe de conhecimento de mundo, ou seja, a criança e /ou adolescente representaram ao ilustrar, colorir, dançar, gesticular, se expressando corporalmente e cognitivamente.

Percebi após as mediações realizadas com diferentes ações pedagógicas que as crianças, adolescentes, adultos e até idosos presentes nas vivências realizadas, que estes ouviram, falaram, interagiram, ensinaram socializando suas vivências.

As experiências apresentadas, ensinadas e mediadas ludicamente para crianças e adolescentes, oportunizaram verificar e conhecer belas obras como as de Ana Maria Machado, Eva Furnari, Tarsila do Amaral, Vinícius de Moraes, Palavra Cantada, entre outros autores.

Portanto, a mediação nas caixas de sementes realizadas no âmbito escolar e social contribuíram, contribuem e podem contribuir com profissionais da educação, e educadores sociais não só para o enriquecimento de temas vigentes e conteúdos, mas principalmente na apresentação de temas que podem ensinar e promover o protagonismo que as crianças possuem em potência enquanto atores sociais.

Destaco que as leituras, estudo e pesquisa realizadas propiciaram-me enquanto educadora social e profissional da educação, maior compreensão das representações sociais de cada criança, bem como melhoria nas relações interpessoais na ambiência escolar e social, pois objetivei, simplesmente, durante a sementeira realizada, não apenas esperar a colheita, mas alicerçar o cultivo para ensinar crianças e adolescentes a exercerem politicamente seus direitos empoderando-as por meio do diálogo, para que se instrumentalizem e

enfrentem o que for necessário em suas vidas para que a igualdade de direitos se efetive em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ADORNO, T.; L. W. **Notas de literatura**. 34. ed. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- ALBISSÚ, N. **Charalina**. São Paulo: Paulinas 1989. Coleção fazendo histórias.
- ALENCAR, M. T. **Música na educação infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2003.
- ANNA, A. S.; NASCIMENTO, P. R. A história do lúdico na educação. **Revemat**, Florianópolis, v. 06, n. 2, p. 19-36, 2011.
- ANDRADE, S. S. **O lúdico na vida e na escola: desafios metodológicos**. Curitiba: Appris, 2013.
- ARIÉS. P. **História social da criança e da infância**. 2. edição. Rio de Janeiro: Guanabara. 1981.
- ARRUDA, F. M. **A cidade pensada pelas crianças: conceitos e ações políticas para consolidação da participação infantil**. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.
- BACELAR, V. L. da E. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BEGO, Z. **Formação Política: indicadores de princípios de práticas e mediações pedagógicas com participação infantojuvenil**. Dissertação – (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.
- BELLOCHIO, C. R. Educação musical: olhando e construindo na formação e ação de professores. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 6, p. 41-47, set. 2001.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOBBIO, N. **A era dos direitos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BORELLA, T. **Desenvolvimento da linguagem infantil à luz da Teoria Histórico Cultural: contribuições de práticas literárias na primeira infância**. 145f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB n.º 20/2009**. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores de educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. CP Parecer 009/2001, de 8 de maio de 2001a. **Documento n. 476**, p. 513-562.

_____. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. 3. Edição. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União** de 23 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 9/2009**.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Ensino Fundamental. **Programa de desenvolvimento profissional continuada**. Brasília: A Secretaria, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1999a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. vol. 1, 2 e 3.

_____. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: A Secretaria, 1999b.

BRITO, T. A. de. O menino e a folha de capim”: trajetórias do fazer musical da infância. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n.1, p. 61-72, jan./abr. 2012.

CAMPOS, J. G.; HEROLD, C.; LIMA, W. R. E. **As implicações do ato da leitura na vida de um acadêmico de Serviço Social**: problema na formação e os vários níveis de leitura. ALB Associação de leitura do Brasil, 2006.

COLAVITTO, M. A. **O clown e as crianças**: poética de resistências. 124f. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

COSTA, C.; BERNARDINO, J; QUEEN, M. Música: entenda porque a disciplina se tornou obrigatória na escola. **Educar para crescer**, 01 mar. 2013. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/musica-escolas-432857.shtml>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

D'ÁVILA, C.M. Eclípses do lúdico. **Revista da FAEEBA**. Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 15, n. 25, p. 15-35, jan/jun. 2006.

DE MASI, D. **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FARIA, K. P. M. **Já li muita coisa, eu posso inventar mais!** A leitura literária e o desenvolvimento do pensamento criativo na infância. 263f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Natal, 2014.

FINGER, M; NÓVOA, A. (orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de recursos humanos, 1988.

FREIRE, P. **Ação cultural para a prática da liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989 e 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1998.

FUSARI, M. F. de R. **Arte na Educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009. Coleção educação contemporânea.

_____. OLIVEIRA, M. R. F. O trabalho pedagógico na Educação Infantil: um olhar para a mediação do professor. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2011, PPE-UEM, Maringá. **Anais...** Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/4/077.pdf>. Acesso em 10/05/2017.

GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HABERMAS, J. **A ética da discussão e a questão da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HAILER, M. **Todo mundo tem um nome**. Recanto das Letras. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/letras/5287219>>.

HAMMARBERG, T. **The UN convention on the rights of the child – and how to make it work**. Human Rights Quarterly, 1990.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

INFOPÉDIA. **Dicionário Porto Editora**: Língua Portuguesa com novo acordo ortográfico. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>.

JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito... ao sujeito em formação. In NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. São Paulo. Paulus, 2010.

_____. **Experiência da vida em formação**. 2. ed. ver. e amp. Tradução de José Claudio e Júlia Ferreira. Natal. EDUFERN; São Paulo: Cortez, 2006.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

_____. **Do mundo da leitura, para a leitura do mundo**. 6. ed. 13. impressão. São Paulo. Ática, 2008.

MACHADO, A. M. **Menina bonita do laço de fita**. 7. ed. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Ática, 2005. Coleção Barquinho de Papel.

MAGER, M.; MULLER, V. R.; SILVESTRE, E.; MORELLI, A. J. **Práticas com crianças, adolescentes e jovens**: pensamentos decantados. Maringá: EDUEM, 2011.

MARANGONI, M. C. T. **Brincadências com poesia infantil**: um quintal para o letramento poético. 222f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.

MARCELINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MORAES, V. **O girassol**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/vinicius-de-moraes/87235/>>.

MORELLI, A. J. **A criança, o menor e a lei**: uma discussão do atendimento infantil e da noção de inimputabilidade. 181f. 1996. Dissertação (Mestrado em História da Sociedade) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.

MULLER, J. M. **O princípio de não violência**: percurso filosófico. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

MÜLLER, V. R. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, 53-58, mar. 2004.

_____. **A participação social e a formação política**: territórios a desbravar. Londres: Dynamo Internacional – Street Work Training Institute, 2012.

_____. Aspectos da construção do conceito de infância. In: MÜLLER, V. R.; MORELLI, A. J. (Org.). **Crianças e adolescentes**: a arte de sobreviver. Maringá: Eduem, 2002.

_____. **História de crianças e infâncias**: registros, narrativas e vida privada. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____.; RODRIGUES, P. C. **Reflexão de quem navega na educação social**: uma viagem com crianças e adolescentes. Maringá: Clichetec, 2002.

MULLER *et al.* Pipa, Boneca, Esconde, Peteca: In: TOMÁS, C.; FERNANDES, N. (Org.). **Brincar, brinquedos e brincadeiras**: modos de ser criança nos países de língua oficial portuguesa. Maringá: Eduem, 2014.

NATALI, P. M. **Jogos cooperativos**: olhando a teoria e escutando a prática. 2003. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas Sociais: Infância e Adolescência) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

_____. **Formação profissional na educação social: subsídios a partir de experiências de educadores sociais latino americanos**. 243f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In:_____(Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

_____.; FINGER, M (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de recursos humanos, 1988.

NUÑEZ, V. **Pedagogía social**: cartas para navegar em el nuevo milenio. Buenos Aires: Santillana, 1999.

OLIVEIRA, V. B. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação, Superintendência de Educação, Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Estado do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1992.

PASSEGGI, M. da C. (Org). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica.** Natal: EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C. de; BARRETO, M. H. M. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Prefácio de Marie-Christine Josso. Porto Alegre: EDIPUCRS-EDUNEB, 2006. 357p.

RODRIGUES. P. C. **Participação política de meninos e meninas:** expedições de experiências e reflexões em curso. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

SAMORI, D. P. **Infância e literatura infantil:** o que pensam, dizem e fazem as crianças a partir da leitura de histórias? A produção de culturas infantis no 1.º ano do ensino fundamental. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2011.

SANTOS, S. M. P. **O lúdico na formação do educador.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **A ludicidade como ciência.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SARMENTO, M. J. As crianças e as infâncias: definindo conceitos, delimitando campos. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coord.). **As crianças:** contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho. 1997.

_____. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade.** 2002. Disponível em: <<http://www.iec.uminho.pt>>.

_____. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Coord.). **Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação.** Porto: Asa, 2004.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017

_____. **Imaginário e culturas da infância.** Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempo: a interculturalidade nas culturas

da infância. Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em: _____ :
<<http://projetos.iec.uminho.pt.promato/textos/lmaCultlInfancia.pdf>>.

_____. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

_____. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M.; GOUVEIA, M. C. S. (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHAFER, R. M. **O ouvinte pensante**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

SMALL, C. **Música, sociedad, educación**. Madrid: Alianza, 1989.

SILVA, R.; MOURA, R. A. de (Orgs.). **Pedagogia social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2009, p. 9-14.

SOARES, N. F. Direitos da criança: utopia ou realidade? In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

_____. Os direitos das crianças nas encruzilhadas da proteção e da participação. I ENCONTRO NACIONAL SOBRE MAUS TRATOS, NEGLIGÊNCIA E RISCO, NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA. Fórum da Maia. 14 a 16 nov. de 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/2100/1780>>. Acesso em: 25.04.17.

TOMÁS, C. A. As culturas da infância na educação da infância: um olhar a partir dos direitos da criança. **Interacções**, Instituto Politécnico de Lisboa, n. 32, p. 129-144. Minho: Universidade do Minho, 2014.

_____. **Há muitos mundos no mundo**. Cosmopolitismo, participação e direitos da criança. Porto: Edições Afrontamento; Companhia das Artes, 2009/2011.

_____. **Há muitos mundos no mundo: direitos das crianças, cosmopolitismo infantil e movimentos sociais de crianças – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil**. 2006. 380f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança). Universidade do Minho, Minho, 2006.

TOQUINHO, A. P. F. **Gente tem sobrenome**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/toquinho/87252/>>.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – Caixa de Sementeura 04

CAIXA DE SEMEADURA N.º 04					
1 – SEMENTE	As borboletas – Vinícius de Moraes e Cativar – cantiga popular.				
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças e adolescentes de 3 e 4 anos ❖ Professores ❖ Educadores Sociais ❖ Pedagogos Centro de Educação Infantil e hospital				
3 – PLANTIO	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 20%; text-align: center;">Objetivo Geral</td> <td>Possibilitar à criança de 3 e 4 anos de idade conhecer e memorizar uma poesia, a fim de que se expressem de forma oral e gestual.</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Objetivos Específicos</td> <td> Ensinar versos que promovam a concretização da poesia, visando que as crianças se encantem com cada vocábulo; Ensinar a criança sobre características de sua identidade, quanto à cor, gênero, crença, a fim de favorecer que compreendam que somos seres humanos; Promover que a criança identifique as cores, para aprender a descoberta da cor; Ensinar que devemos respeitar as escolhas das pessoas, valorizando assim as particularidades e opiniões; Apresentar as diversas classes sociais existentes e as diferentes etnias que encontramos em nosso país, visando ensinar que somos iguais e diferentes, bem como somos seres humanos que precisamos de cuidados; Evidenciar as características de cada borboleta, com o intuito de ensinar em detalhes o que cada uma faz. </td> </tr> </table>	Objetivo Geral	Possibilitar à criança de 3 e 4 anos de idade conhecer e memorizar uma poesia, a fim de que se expressem de forma oral e gestual.	Objetivos Específicos	Ensinar versos que promovam a concretização da poesia, visando que as crianças se encantem com cada vocábulo; Ensinar a criança sobre características de sua identidade, quanto à cor, gênero, crença, a fim de favorecer que compreendam que somos seres humanos; Promover que a criança identifique as cores, para aprender a descoberta da cor; Ensinar que devemos respeitar as escolhas das pessoas, valorizando assim as particularidades e opiniões; Apresentar as diversas classes sociais existentes e as diferentes etnias que encontramos em nosso país, visando ensinar que somos iguais e diferentes, bem como somos seres humanos que precisamos de cuidados; Evidenciar as características de cada borboleta, com o intuito de ensinar em detalhes o que cada uma faz.
	Objetivo Geral	Possibilitar à criança de 3 e 4 anos de idade conhecer e memorizar uma poesia, a fim de que se expressem de forma oral e gestual.			
Objetivos Específicos	Ensinar versos que promovam a concretização da poesia, visando que as crianças se encantem com cada vocábulo; Ensinar a criança sobre características de sua identidade, quanto à cor, gênero, crença, a fim de favorecer que compreendam que somos seres humanos; Promover que a criança identifique as cores, para aprender a descoberta da cor; Ensinar que devemos respeitar as escolhas das pessoas, valorizando assim as particularidades e opiniões; Apresentar as diversas classes sociais existentes e as diferentes etnias que encontramos em nosso país, visando ensinar que somos iguais e diferentes, bem como somos seres humanos que precisamos de cuidados; Evidenciar as características de cada borboleta, com o intuito de ensinar em detalhes o que cada uma faz.				
4 – CULTIVO	<p>“As borboletas” é um poema que possui lindos versos e poeticamente transmite uma bela mensagem. Realizei estudos sobre esta poesia visando que crianças de três/quatro anos de idade conseguissem memorizar para realizarem encenação e assim expressarem-se oralmente e corporalmente, por meio de versos que encantam. Em cada vocábulo havia características que promoveram conhecimentos cientificamente comprovados aos educandos, bem como, estes aprenderam sobre borboletas (metamorfose), cores, adjetivos que podemos nomear. A turma neste projeto foi acolhida todos os dias das aulas com canções infantis no pátio da escola como: Cativar, Um girassol, Borboletinha... O trajeto até a sala de aula foi realizado por meio da locomotiva da turma do Infantil 4: Música Lá vem o trem..., Piui, piui, piui coloque a mão no meu ombro... Na sala organizei as crianças, pertences e sala. No momento do agradecimento pela vida, como todos os dias realizei a escuta de pedidos especiais.</p> <p>Durante o cantinho musical, nesta semana o intuito era ensinar cantigas de roda, a saber: Ciranda cirandinha, Eu conheço um jacaré e canções como: Um girassol, Borboletinha, Borboleta pequenina.</p> <p>Realizamos o calendário evidenciando o dia, mês, ano e para trabalhar o tempo, observamos o céu e cantamos A chuva caiu e Cai chuvinha neste chão, visto que estava a garoar. Aproveitei o momento para realizar a atividade ‘Cantando e brincando’, que geralmente acontece após o horário do lanche, realizamos a coreografia da canção ‘Cai chuvinha’ e conforme cantávamos uma gotinha, duas gotinhas... batíamos gradativamente cada dedo na palma da mão para que o som da chuva acontecesse, e depois realizávamos a contagem do que? para</p>				

explorar a matemática.

Mediei conhecimentos sobre o que entendemos por Recital Poético, evidenciando o objetivo da aula. Recitamos o poema, enfatizando as cores ao gesticular. Realizei a leitura ritmicamente cada verso explicando-os. Dramatizamos o poema. Problematicizei a situação, visando mediar o conhecimento científico, a partir, do que os alunos apresentaram como conhecimento de senso comum. Explorei os vocábulos desconhecidos, por meio da mediação de cada verso, para que os alunos memorizassem e aprendessem a declamar. Evidenciei por meio de fotos diferentes tipos de borboletas e mariposas. Explanei sobre as três partes do corpo: cabeça, tórax e abdômen. Evidenciei com exemplos práticos que as borboletas e mariposas apresentam 4 fases distintas em seu desenvolvimento: ovo, lagarta - fase jovem, crisálida - transformação e borboleta - fase adulta. Quanto a alimentação mediei conhecimentos sobre o que as borboletas comem e ainda sobre seu habitat. Exaltei as antenas e as seis patas. Demonstrei o seu vôo. Realizei a leitura do poema sempre que pertinente. Questionei sobre os vocábulos desconhecidos. Foi feita a leitura explicando cada verso, visando à compreensão dos alunos. Ensinei os alunos a dramatizarem a canção poeticamente. Evidenciei a letra do poema em uma em papel Kraft onde os alunos farão ilustração. Demonstrei a diferença do ritmo da canção. Declamamos coletivamente. Mediei conhecimentos sobre diminutivo/aumentativo (amarelinhas, bonitinhas...; o termo escuridão). Mediei conhecimentos sobre quantidades – singular e plural (brancas, azuis, amarelas, pretas...). Realizamos a escrita de um texto coletivo sobre o tema onde eu fui escriba. Os alunos ilustraram em folha sulfite visando montarmos um livreto de Borboletas. Utilizamos a técnica de ilustração com cola colorida, em um outro momento os alunos ilustraram no caderno. E realizaram a atividade: Faça um desenho para cada letra da palavra: BORBOLETA. Como de costume evidenciei por meio de algumas palavras, a saber: BORBOLETAS – BRANCAS –BELAS – BRINCAM – BONITINHAS – LUZ – FRANCAS - AZUIS – AMARELAS - PRETAS –ALEGRES, as crianças entenderem como aprender a consciência fonoarticulatória, a consciência fonética e a consciência fonológica. A rotina diária aconteceu e assim após as atividades realizamos o cantinho musical com as canções do Cd Arca de Noé 1 e 2: As abelhas, O girassol, O relógio... A cantiga popular Cativar, utilizamos para encenar, brincar e acalmar uma das crianças que chegara de transferência para nossa escola, pois sua mensagem poética transmite paz, acalma e promove a pessoa sentir-se acolhida. Expressamo-nos corporalmente ao som de diferentes ritmos. A atividade jogando e brincando aconteceu com o manuseio de literaturas, bolas, lego, seriação de cores, parque, quadra atividades lúdicas: mundo da imaginação, baú da fantasia, cordas, toca de bolinhas, basquete, rabiscagem com giz... No momento do aluno eles cantaram, dançaram, encenaram, compartilharam algo... Na avaliação do dia, promovi a autoavaliação como? da aula e para direcionarmos até o portão da escola realizamos a locomotiva do infantil 5 ao som de “O trenzinho desceu a serra... Para a casa agora..., canções lúdicas”. Devido ao fato que uma das crianças da sala estava doente e internada, a coordenadora pedagógica solicitou que eu e algumas mães nos organizássemos para ir até o hospital. Nesta visita seis crianças foram comigo visitar a amiguinha que estava internada. Lá na pracinha do hospital a criança doente estava a tomar sol e então, cantamos e declamamos para ela. A enfermeira responsável pela ala infantil, solicitou se poderia levar as outras crianças para ouvirem as canções, então brincamos, cantamos, dançamos e declamamos favorecendo um momento de alegria e harmonia.

5 – COLHEITA	<ul style="list-style-type: none">• Ensino sobre versos;• Encenação;• Ensino do ato de expressar-se corporalmente e oralmente;• Praticaram a ação do expressar-se poeticamente;• Demonstração de atitudes do ser grato;• Mediação sobre a transformação das borboletas;• Valorização e observação de diferentes ambientes – paisagens, tempo;• Ensino sobre contagem cantando e brincando;• Oportunidade de aprender novos vocábulos;• Ensino do como pular amarelinha;• Ensino de diferentes técnicas de ilustração;• Apresentação do ato - Momento do aluno;• Realização de praticar jogos e brincadeiras.
---------------------	--



APÊNDICE 2 – Caixa de Sementeura 06

CAIXA DE SEMEADURA N.º 06		
1 – SEMENTE	Cativar – cantiga popular.	
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças e adolescentes de 3 a 18 anos ❖ Assistente social ❖ Psicólogos ❖ Educadores sociais ❖ Advogada ❖ Promotora ONG – abrigo 	
3 – PLANTIO	Objetivo Geral	Observar o processo formativo das crianças e adolescentes em situação de risco durante o processo de acolhimento no abrigo municipal, com o intuito de certificar se elas estão protegidas.
	Objetivos Específicos	<p>Ensinar sobre os direitos e deveres que a criança e o adolescente pode utilizar respaldados no ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, visando que o público infantojuvenil aprenda e coloque em prática.</p> <p>Possibilitar saberes sobre ECA, especificamente os artigos IV e V, propiciando ao público explanação dos escritos no estatuto;</p> <p>Evidenciar que existem direitos e deveres, a fim de que compreendam que para viver e conviver é essencial, mesmo que não concordar, saber respeitar;</p> <p>Promover saberes sobre as diversidades existentes em nosso mundo, a fim de que as crianças e adolescentes conheçam e se reconheçam;</p> <p>Ensinar que devemos respeitar a opinião das pessoas, apresentando ser essencial valorizar as próprias escolhas.</p> <p>Ensinar a criança sobre características de sua identidade, quanto a cor, gênero, crença, a fim de favorecer que compreendam que somos seres humanos;</p> <p>Apresentar as diversas classes sociais existentes e as diferentes etnias que encontramos em nosso país, visando ensinar que somos iguais e diferentes, bem como somos seres humanos que precisamos de cuidados.</p>

<p>4 – CULTIVO</p>	<p>Iniciamos o diálogo a pedido da promotoria da Vara da infância que sabendo do projeto Justiça Restaurativa – organizado por profissionais da UEM – Universidade estadual de Maringá, nos convidou para dialogar com um adolescente. Acolhemos o menino e gradativamente, apresentamos a ele o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, com o intuito de que ele conhecesse sobre seus direitos, e praticasse seus deveres. Durante cada visita ao abrigo, possibilitar saberes sobre ECA, especificamente os artigos IV e V, propiciando ao adolescente a explanação dos escritos no estatuto. A canção Cativar, promoveu melhor interação do adolescente comigo, representante da educação, enquanto pedagoga e educadora social, a advogada e a psicóloga que ali estava a realizar o Círculo restaurativo – um dos momentos que pertence ao Projeto Justiça Restaurativa. Cada verso da canção promoveu ao menino que se aproximasse interagindo, dialogando, compartilhado suas intimidades. Pelo fato de estar em processo de adoção, mediei saberes visando que ele compreendesse o tema diversidade, apresentei as existentes em nosso mundo, e por meio da canção objetivei que ele reconhecesse a si e valorizasse cada característica. Assim, ensinei sobre as características de sua identidade, quanto a cor, gênero, crença, sempre promovendo a compreensão de que somos seres humanos, e semelhanças e diferenças sempre existirão entre nós. Realizei a leitura do poema ‘Flor da honestidade – autor desconhecido’. Demonstrei por meio dos versos favoreci que o menino realizasse a inferência quanto as diversas classes sociais existentes e as diferentes etnias que encontramos em nosso país, visando ensinar que somos iguais e diferentes, bem como somos seres humanos que precisamos de cuidados.</p>
<p>5 – COLHEITA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino sobre a importância do viver e conviver; • Valorização da infância; • Interação para laços afetivos; • Vivenciou momentos de ouvir e falar - diálogo; • Reflexão sobre semelhanças e diferenças; • Ensino sobre a importância em demonstrar sentimentos; • Dramatização de momentos sendo solidário com o sentimento do outro, após escuta da poesia Flor da honestidade; • Demonstração na prática do ato de cultivar e cativar; • Visualização no ECA sobre direitos e deveres;



APÊNDICE 3 – Caixa de Semeadura 07

CAIXA DE SEMEADURA N.º 07					
1 – SEMENTE	PROJETO - “Isto já foi uma caixa” : Projeto Lixo – Ensinado conhecimento científico para conscientização ambiental Música – As árvores não crescem mais...				
2 – TERRENO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos ❖ Pai, mãe e/ou responsável ❖ Professores ❖ Educadores sociais ❖ Pedagogos 				
3 – PLANTIO	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 15%; text-align: center; vertical-align: top;">Objetivo Geral</td> <td>Ensinar o público como agir no ambiente social, para eliminarmos o mosquito da Dengue, Zika Vírus, Chikungunya.</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center; vertical-align: top;">Objetivos Específicos</td> <td> <p>Propiciar conhecimentos que favoreçam a criança conscientizar-se sobre a importância de cuidar do meio ambiente, bem como da mata ciliar ao lado da nossa instituição de ensino.</p> <p>Promover a interação entre pais e filhos, por meio da construção de um brinquedo feito com caixa de papelão, com o intuito de retirar do meio ambiente algo que poderia ser lixo.</p> <p>Valorizar as produções realizadas por pais e filhos, com o intuito de trabalhar o tema: “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Expor na Mostra Cultural e Pedagógica os brinquedos criados por pais e filhos, as imagens foram utilizadas para compor a ilustração do livro escrito por mim e meu filho intitulado “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Conscientizar sobre a importância da higiene e preservação do meio em que vivem, ensinando as crianças desde pequenas atitudes que favoreçam colaboração com a manutenção dos diferentes espaços em que vivem, a fim de adquirir valores educacionais indispensáveis para a qualidade de vida.</p> <p>Apresentar o tema e mediar desde a Educação Infantil sobre a organização e limpeza de diferentes espaços físicos, a fim de adquirirem hábitos saudáveis para tornarem-se agentes conscientes e multiplicadores em suas casas, e em seu convívio social.</p> <p>Preservar os ambientes que frequentam, destinando o lixo utilizado em locais apropriados para evitar transtornos à sociedade, relacionados à saúde, higiene, moradia, alimentação e outros.</p> <p>Desenvolver hábitos da separação do lixo para que haja diminuição do desequilíbrio ambiental.</p> <p>Conhecer os diferentes tipos de lixo produzido pelo homem a fim de entender as formas corretas de descartar o lixo;</p> </td> </tr> </table>	Objetivo Geral	Ensinar o público como agir no ambiente social, para eliminarmos o mosquito da Dengue, Zika Vírus, Chikungunya.	Objetivos Específicos	<p>Propiciar conhecimentos que favoreçam a criança conscientizar-se sobre a importância de cuidar do meio ambiente, bem como da mata ciliar ao lado da nossa instituição de ensino.</p> <p>Promover a interação entre pais e filhos, por meio da construção de um brinquedo feito com caixa de papelão, com o intuito de retirar do meio ambiente algo que poderia ser lixo.</p> <p>Valorizar as produções realizadas por pais e filhos, com o intuito de trabalhar o tema: “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Expor na Mostra Cultural e Pedagógica os brinquedos criados por pais e filhos, as imagens foram utilizadas para compor a ilustração do livro escrito por mim e meu filho intitulado “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Conscientizar sobre a importância da higiene e preservação do meio em que vivem, ensinando as crianças desde pequenas atitudes que favoreçam colaboração com a manutenção dos diferentes espaços em que vivem, a fim de adquirir valores educacionais indispensáveis para a qualidade de vida.</p> <p>Apresentar o tema e mediar desde a Educação Infantil sobre a organização e limpeza de diferentes espaços físicos, a fim de adquirirem hábitos saudáveis para tornarem-se agentes conscientes e multiplicadores em suas casas, e em seu convívio social.</p> <p>Preservar os ambientes que frequentam, destinando o lixo utilizado em locais apropriados para evitar transtornos à sociedade, relacionados à saúde, higiene, moradia, alimentação e outros.</p> <p>Desenvolver hábitos da separação do lixo para que haja diminuição do desequilíbrio ambiental.</p> <p>Conhecer os diferentes tipos de lixo produzido pelo homem a fim de entender as formas corretas de descartar o lixo;</p>
Objetivo Geral	Ensinar o público como agir no ambiente social, para eliminarmos o mosquito da Dengue, Zika Vírus, Chikungunya.				
Objetivos Específicos	<p>Propiciar conhecimentos que favoreçam a criança conscientizar-se sobre a importância de cuidar do meio ambiente, bem como da mata ciliar ao lado da nossa instituição de ensino.</p> <p>Promover a interação entre pais e filhos, por meio da construção de um brinquedo feito com caixa de papelão, com o intuito de retirar do meio ambiente algo que poderia ser lixo.</p> <p>Valorizar as produções realizadas por pais e filhos, com o intuito de trabalhar o tema: “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Expor na Mostra Cultural e Pedagógica os brinquedos criados por pais e filhos, as imagens foram utilizadas para compor a ilustração do livro escrito por mim e meu filho intitulado “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Conscientizar sobre a importância da higiene e preservação do meio em que vivem, ensinando as crianças desde pequenas atitudes que favoreçam colaboração com a manutenção dos diferentes espaços em que vivem, a fim de adquirir valores educacionais indispensáveis para a qualidade de vida.</p> <p>Apresentar o tema e mediar desde a Educação Infantil sobre a organização e limpeza de diferentes espaços físicos, a fim de adquirirem hábitos saudáveis para tornarem-se agentes conscientes e multiplicadores em suas casas, e em seu convívio social.</p> <p>Preservar os ambientes que frequentam, destinando o lixo utilizado em locais apropriados para evitar transtornos à sociedade, relacionados à saúde, higiene, moradia, alimentação e outros.</p> <p>Desenvolver hábitos da separação do lixo para que haja diminuição do desequilíbrio ambiental.</p> <p>Conhecer os diferentes tipos de lixo produzido pelo homem a fim de entender as formas corretas de descartar o lixo;</p>				

	<p>Plantar sementes de girassol, apresentando a importância do plantio, visando que os alunos descartem o lixo orgânico (cascas de legumes, frutas, verduras) para adubar a planta.</p> <p>Apresentar ao Infantil 3, 4 e 5, a mata ciliar que fica ao lado do nosso CMEI, visando que os alunos aprendam sobre sua importância e ao plantarem as mudas de girassol, compreendam que o plantio promove o equilíbrio ambiental.</p> <p>Apresentar o tema Dengue aos alunos, a fim de conscientizá-los sobre os problemas que os mosquitos causam a nossa saúde, bem como os males que trazem para nossa vida.</p> <p>Apresentar os males que o mosquito da Dengue pode causar, a fim de que os alunos possam ajudar a comunidade eliminá-lo.</p> <p>Representar os possíveis lugares onde o mosquito pode morar, a fim de ensinar o aluno compreender o processo do ciclo de vida do mosquito.</p> <p>Explorar o tema combate à dengue, a fim de que os alunos aprendam e valorizem o ato de prevenção contra a dengue.</p> <p>Realizar atividades condizentes ao tema Dengue, a fim de desenvolver o raciocínio lógico, a expressão oral, corporal, a coordenação motora, bem como a percepção auditiva e visual da criança.</p> <p>Ensinar os alunos sobre o combate à dengue, a fim de mobilizar pais, alunos sobre a prevenção.</p> <p>Ler textos informativo sobre o tema, visando que o aluno adquira o conhecimento científico de maneira prazerosa.</p> <p>Despertar o interesse dos alunos pelo tema Dengue, estimulando o prazer, a criatividade, a atenção, o raciocínio e concentração.</p> <p style="text-align: center;">-----</p> <p>PROBLEMATIZAÇÃO</p> <p>Questionamentos, foram realizados com respaldo na Didática da Pedagogia Histórico Crítica do professor João Luis-Gasparin (2005). Tudo ocorreu por meio de atividades grupais, debates, troca de experiências com os amigos, dramatização, exposição dos trabalhos realizados em grupos ou individuais e confecção dos quadros, produção de brinquedos de como podemos cuidar do lixo produzido pela sociedade, visto que consumimos um grande número de produtos que vem em embalagens descartáveis. Explanei que o homem passou a descartar essas embalagens no ambiente, poluindo-o de forma indevida.</p> <p>O que é lixo? De onde ele vem? Quem o produz? Como descartamos o lixo produzido em sala de aula/CMEI/casa/bairro? Para onde vai o lixo por nós produzido? O que é lixo orgânico? O que pode ser feito com ele?</p>
--	--

	<p>O que é lixo reciclado? O que pode ser feito com ele? O que é lixo reutilizado? O que pode ser feito com ele? O lixo pode causar doenças? Quais? O que é mata ciliar? Quais os benefícios de cuidar de uma mata ciliar?</p>
<p>4 – CULTIVO</p>	<p>Propicie conhecimentos que favoreçam a criança conscientizar-se sobre a importância de cuidar do meio ambiente, bem como da mata ciliar ao lado da nossa instituição de ensino.</p> <p>Promovi a interação entre pais e filhos, por meio da construção de um brinquedo feito com caixa de papelão, com o intuito de retirar do meio ambiente algo que poderia ser lixo.</p> <p>Valorizei as produções realizadas por pais e filhos, com o intuito de trabalhar o tema: “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Realizei momentos de preparo de materiais para exposição na Mostra Cultural e Pedagógica a os brinquedos criados por pais e filhos, as imagens foram utilizadas para compor a ilustração do livro escrito por mim e meu filho intitulado “Isto já foi uma caixa”.</p> <p>Conscientizei sobre a importância da higiene e preservação do meio em que vivem, ensinando as crianças desde pequenas atitudes que permitam a colaborar com a manutenção dos diferentes espaços em que vivem, com o intuito que adquirissem valores educacionais indispensáveis para a qualidade de vida.</p> <p>Apresentei o tema e mediei saberes para que desde a Educação Infantil a criança aprendesse sobre a organização e limpeza de diferentes espaços físicos, e assim adquiram hábitos saudáveis para tornarem-se agentes conscientes e multiplicadores em suas casas, e em seu convívio social.</p> <p>Ensinei o preservar os ambientes que frequentam, destinando o lixo utilizado em locais apropriados para evitarem transtornos à sociedade, relacionados à saúde, higiene, moradia, alimentação e outros.</p> <p>Promovi momentos em que as crianças desenvolveram hábitos da separação do lixo, assim ele vivenciou que é possível eliminarmos o desequilíbrio ambiental.</p> <p>Ensinei os diferentes tipos de lixo produzido pelo homem, assim as crianças entenderam as formas corretas de descartar o lixo;</p> <p>Plantamos sementes de girassol, aprenderam sobre a importância do plantio, e ainda como devemos descartar o lixo orgânico (cascas de legumes, frutas, verduras) para adubar a planta.</p> <p>Realizamos apresentação ao Infantil 3, 4 e 5, a mata ciliar que fica ao lado do nosso CMEI, e os alunos aprenderam sobre sua importância e ao plantarem as mudas de girassol, compreenderam que o plantio promove o equilíbrio ambiental.</p> <p>Apresentei o tema Dengue aos alunos, e eles iniciaram o processo de conscientização sobre os problemas que os mosquitos causam a nossa saúde, bem como os males que trazem para nossa vida.</p> <p>Evidenciei os males que o mosquito da Dengue pode causar a saúde, incentivando os alunos aprender sobre como podemos ajudar a comunidade eliminá-lo.</p>

	<p>Representamos os possíveis lugares onde o mosquito pode morar, e os alunos compreenderam o processo do ciclo de vida do mosquito.</p> <p>Exploramos o tema combate à dengue, e o aluno aprendeu como podemos valorizar e realizar o ato de prevenção contra a dengue.</p> <p>Realizamos atividades condizentes ao tema Dengue, e desenvolvemos o raciocínio lógico, a expressão oral, corporal, a coordenação motora, bem como a percepção auditiva e visual da criança.</p> <p>Ensinei os alunos sobre o combate à dengue, e solicitei que conversassem com seus pais sobre a prevenção.</p> <p>Promovi leitura de textos informativo sobre o tema, e o aluno adquiriu conhecimento científico de maneira prazerosa.</p> <p>Despertei o interesse dos alunos pelo tema Dengue, Zika Vírus, Chikungunya, incentivando o prazer, a criatividade, a atenção, o raciocínio e concentração.</p> <p>Exploramos diferentes tipos de meios de comunicação como: revistas, jornais, folhetos da Secretaria da Saúde, folders...</p> <p>Visitamos os arredores do CMEI em busca de resíduos que poderiam possibilitar a proliferação do mosquito;</p> <p>Incentivamos as crianças de como podemos combater essa doença;</p> <p>Mediamos à roda de conversa visando sistematização do conteúdo;</p> <p>Trabalhamos com cartazes feitos pelas crianças onde encontramos um maior foco do mosquito;</p> <p>Explorar situações que envolviam os sintomas da doença, manuseando por meio de fantoches o vilão “mosquito”, vítima, médico, agente da saúde e as funções que cada um tem para evitar esse mal;</p> <p>Dramatizamos por meio de teatro o passo a passo da evolução da doença, a fim de conscientizá-los;</p> <p>Trabalhamos com materiais diversificados, como tinta guache e papel dobradura, com intuito de aprimorar novos conhecimentos por meio da ludicidade, reforçando o trabalho em conjunto.</p> <p>Dramatização de literaturas, artigos sobre o tema lixo, demonstrando aos alunos por meio da encenação e/ou dramatização qual seria a atitude mais adequada para destinarmos o lixo em seu local correto.</p> <p>Trabalhamos com a linguagem literária e musical onde apresentamos temas como reciclagem, sustentabilidade, lixo destino correto, boas maneiras, cooperação, estímulo à sensibilidade e reflexão...</p> <p>Conversas informais (rodinha) para refletirmos sobre situações que surgem em nossa cidade, em nossa casa, bairro, CMEI, buscando soluções no grupo e valorizando a participação e o comprometimento de todos, para deixarmos qualquer ambiente limpo.</p> <p>Construção de cartazes para definirmos o que é ambiente poluído e ambiente sem poluição.</p> <p>Realização de ilustrações, escrevendo DE: e PARA: (sortear quem</p>
--	--

	<p>desenha para quem).</p> <p>Apresentação do vídeo: Vamos cuidar do Meio Ambiente (Turma da Mônica) (para educação infantil e fundamental I);</p> <p>Confecção de cartazes e exposição dos mesmos.</p> <p>Para casa construíram um brinquedo utilizando uma caixa de fósforo, papelão, sapato... e assim, confeccionaram um brinquedo: ISTO JÁ FOI UMA CAIXA.</p> <p style="text-align: center;">INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA:</p> <p>Infantil 1 (0 à 1 ano): Atividades com gravuras, literaturas e músicas, explorando a oralidade e os sentidos como: visão, audição e tato. Exposição no chão, paredes ou portas, gravuras grandes e coloridas com ações de destino correto do lixo. Espalhamos pela sala várias bolas de papel amassadas, a educadora com o cesto de lixo na mão auxiliou as crianças para que peguem as bolas de papel do chão e jogue dentro do lixo. Conta ação de histórias, podendo utilizar fantoches: Ética ambiental e cidadania, A questão do lixo, Os problemas urbanos, A questão do solo, O catador de papel, Reciclar, Água - fonte da vida, Planeta Terra, Utilixo, Eu sujo e outras. Ouvimos e cantamos músicas de conscientização: Lixo no lixo, O lixo, Planeta terra (Guilherme Arantes), Planeta azul (Chitãozinho e Chororó) e outras.</p> <p>Infantil 2 (1 à 2 anos): Atividades com gravuras, literaturas, dramatização e músicas, explorando a oralidade e os sentidos como: visão, audição e tato, e expressão corporal. Roda de conversa com exposição do tema do lixo. Apresentação de figuras, imagens, fotos e outros, sobre o lixo (Exemplo: A tartaruga que cresceu com uma argola em seu corpo) Literaturas: Ética ambiental e cidadania, A questão do lixo, Os problemas urbanos, A questão do solo, O catador de papel, Reciclar, Água - fonte da vida, Planeta Terra, Utilixo, Eu sujo e outras. Músicas: É tempo de ser feliz/Salvem o nosso planeta (Cristina Mel), Cata aqui, cata ali, Planeta terra (Guilherme Arantes), Planeta azul (Chitãozinho e Chororó) e outras. Assistimos DVD - "Projeto Lixo". Dramatizações de histórias. Rasgamos e amassamos diferentes tamanhos de papel jornal e fazer formas diversas de bolas, depois jogamos as bolas no cesto de lixo. Comparamos na oralidade os diferentes tamanhos de bolas e ensinamos as crianças arremessar as bolas ao cesto. Passeios nas proximidades do CMEI. Confecção (educadora) pequenos brinquedos utilizando materiais reciclados e brincamos coletivamente. Roda de conversa com um coletor de reciclado. Desenhos coletivos em cartazes. Pinturas coletivas com tinta guache. Colagens coletivas em grandes desenhos. Mosaicos coletivos com materiais recicláveis. Realizamos algumas ações dentro da sala explicando que é preciso deixar a sala sem lixo. Ensinamos e incentivamos a criança a separar o lixo, mostrando onde se coloca o resto de comida, um outro exemplo a falda descartável.</p> <p>Infantil 3 (2 a 3 anos): Atividades com gravuras, literaturas, dramatização e músicas, explorando a oralidade e os sentidos como: visão, audição e tato, expressão e movimento corporal, concentração e memória. Roda de conversa para exposição do tema lixo. Texto coletivo (educador escreva). Apresentação de figuras, imagens, fotos e outros, sobre o lixo (Exemplo: A tartaruga que cresceu com uma argola em seu corpo). Literaturas: Ética ambiental e cidadania, A questão do lixo, os problemas urbanos, A questão do solo, O catador de papel, Reciclar, Água - fonte da vida, Planeta Terra, Utilixo, eu sujo e outras. Músicas: É tempo</p>
--	--

de ser feliz/Salvem o nosso planeta (Cristina Mel), Cata aqui, cata ali, Planeta terra (Guilherme Arantes), Planeta azul (Chitãozinho e Chororó) e outras. Assistimos DVD - "Projeto Lixo". Dramatizações de histórias. Rasgamos e amassamos diferentes tamanhos de papel de jornal e realizamos diversas de bolas, depois jogamos as bolas no cesto de lixo. Comparamos na oralidade os diferentes tamanhos de bolas e ensinamos as crianças arremessar as bolas no cesto.

Passeios nas proximidades do CMEI. Confecção (educadora) pequenos brinquedos utilizando materiais reciclados para realização de brincadeiras coletivamente. Desenhos coletivos em cartazes. Pinturas coletivas com tinta guache. Colagens coletivas em grandes desenhos. Mosaicos coletivos com materiais recicláveis. Realizamos algumas ações dentro da sala explicando que é preciso deixar a sala sem lixo. Passeios nas proximidades do CMEI, observando a higiene dos espaços físicos. Modelagem com massinha. Confecção de máscaras com papel cola e bexiga. Mosaicos com materiais recicláveis. Entrevista com um coletor de reciclado (que já faz a coleta do material reciclado em nosso CMEI). Confecção de cartazes. Maquetes: meio ambiente com lixo/ meio ambiente sem lixo. Sistematização da palavra LIXO (educadora fará as intervenções). Reconhecimento de algumas letras utilizadas na sistematização. Leituras sobre o tema de reportagens de revistas, jornais etc. Questionamos a criança em sala de aula sobre algo que viu ou ouviu sobre a questão do lixo, (queimadas, desmatamento, poluição etc...). Conhecemos visualmente e tátil as matérias prima dos materiais recicláveis, (Plásticos, vidro, papel, metal, materiais orgânicos). Conhecemos e identificamos as cores dos latões da coleta seletiva. (Plásticos no latão vermelho, papel no azul, vidro no verde, metal no amarelo e alimentos, galhos, folhas naturais no latão marrom). No CMEI, lavamos junto com as crianças algumas embalagens, a exemplo caixa de leite onde plantamos sementes. Ensinamos e incentivamos a criança a jogar o lixo no lixo, com pequenas ações (ao limpar o nariz mostrar onde joga o papel, no banheiro mostrar o lixo explicando que ao se limpar jogar o papel no devido lugar, ao terminar as refeições mostrar onde a professora/educadora joga os restos de alimentos, ao terminar a refeição toda a turma observa a situação do refeitório), sempre que oportuno realizamos uma roda de conversa sobre o que viram. Ensinamos e incentivamos a criança a separar o lixo no CMEI e em casa, estimulando a consciência de toda a família e envolvendo-os neste projeto podendo trazer para o CMEI o seu lixo reciclável limpo e separado. Fizemos uma mini-horta (cebolinha, salsinha, hortelã) com garrafas PET e um espantalho. Leitura feita pelo professor/educador de palavras em cartazes, revistas, jornais, poesias, textos, curiosidades etc. expostas em sala de aula, explorando a oralidade das crianças. Exploramos noções matemáticas: quantidade, cores, tamanhos, formas, por meio do manuseio de diferentes objetos sobre o tema exposto.

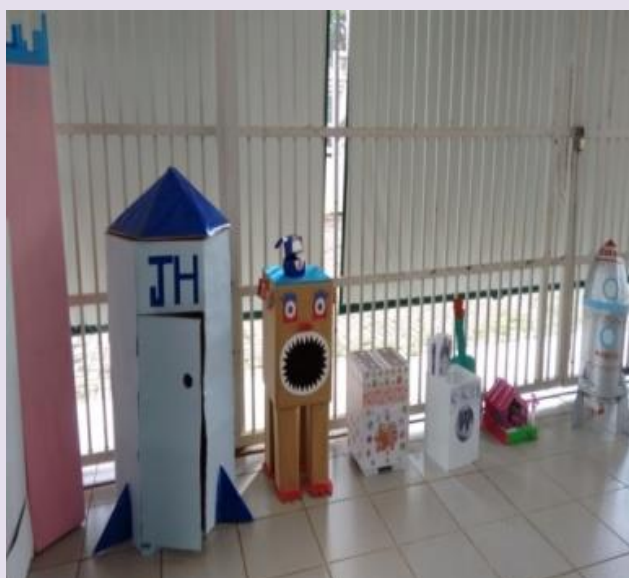
Infantil 4 (3 a 4 anos): Atividades com gravuras, literaturas, dramatização e músicas, passeios, DVDs, textos, ilustrações, separação do lixo, explorando a oralidade, desenhos (professor escreva), tentativas de escrita, os sentidos como: visão, audição e tato, expressão e movimento corporal, concentração e memória. Roda de conversa para coleta de dados sobre o tema do lixo. Texto coletivo - professor escreva. Apresentação de figuras, imagens, fotos e outros, sobre o lixo (Exemplo: A tartaruga que cresceu com uma argola em seu corpo). Literaturas: Ética ambiental e cidadania, A questão do lixo, Os problemas urbanos, A questão do solo, O catador de papel, Reciclar, Água - fonte da vida, Planeta Terra, Utilixo, Eu sujo e outras. Tentativa de escrita com a palavra LIXO, utilizando o alfabeto móvel. Músicas: É tempo de ser feliz/Salvem o nosso planeta (Cristina Mel), Cata aqui, cata ali, Planeta

terra (Guilherme Arantes), Planeta azul (Chitãozinho e Chororó) e outras. Assistimos DVD - "Projeto Lixo". Dramatizações de histórias. Identificamos na literatura, os diferentes espaços da história e de que maneira estão organizados. Com uma história contada pela professora/educadora rasgamos e amassamos diferentes tamanhos de papéis, formando diversas bolas, dramatizando as diversas cenas e depois jogamos as bolas no cesto de lixo. Comparamos na oralidade os diferentes tamanhos de bolas e ensinamos as crianças arremessar as bolas ao cesto, fazendo competição como um jogo: maiores e menores, meninas x meninos, para ver quem enche o cesto primeiro. Passeamos nas proximidades do CMEI, observando a organização destes espaços. Rasgamos e amassamos diferentes tamanhos de papel de jornal e construímos formas diversas de bolas, depois jogamos as bolas no cesto de lixo. Confeccionamos pequenos brinquedos utilizando materiais reciclados e brincamos coletivamente. Desenhos coletivos em cartazes. Pinturas coletivas com tinta guache, utilizando pincéis. Colagens coletivas em grandes desenhos, com materiais diversificados. Mosaicos coletivos com materiais recicláveis, como retalhos de caixas / recortes de plásticos, etc. Realizamos algumas ações dentro da sala explicando que é preciso deixar a sala sem lixo, solicitando a colaboração de toda a turma. Leitura feita pelo professor/educador de palavras em cartazes, revistas, jornais, poesias, textos, curiosidades etc. expostas em sala de aula, explorando a oralidade das crianças. Conhecemos visualmente e tátil, alguns materiais como: plásticos, vidro, papel, metal. Modelagem com massinha. Confecção de máscaras com papel cola e bexiga. Mosaicos com materiais recicláveis. Visita a cooperativa de lixo. Entrevista com um coletor de reciclagem (que já faz a coleta do material reciclado em nosso CMEI). Confecção de cartazes. Maquetes: meio ambiente com lixo/ meio ambiente sem lixo. Sistematização da palavra LIXO com tentativa de escrita. Reconhecimento de letras utilizadas na sistematização. Conhecemos e identificamos as cores dos latões da coleta seletiva do CMEI, solicitando para cada criança escolha um material e coloque-o no devido latão. Oferecemos diversos tipos de materiais, junto com as crianças e elas organizaram pela cor. Questionamos a criança em sala de aula sobre algo que viu ou ouviu sobre a questão do lixo, (queimadas, desmatamento, poluição etc.). Conhecemos visualmente e tátil as matérias prima dos materiais recicláveis, (Plásticos, vidro, papel, metal, materiais orgânicos). Conhecemos e identificamos as cores dos latões da coleta seletiva (plásticos no latão vermelho, papel no azul, vidro no verde, metal no amarelo e alimentos, galhos, folhas naturais no latão marrom). No CMEI, lavamos junto com as crianças algumas embalagens, a exemplo caixa de leite onde plantamos sementes. Construímos uma mini-horta (cebolinha, salsinha, hortelã) com garrafas PET e um espantalho. Ensinamos e incentivamos a criança a jogar o lixo no lixo, com pequenas ações (ao limpar o nariz mostramos onde joga o papel, no banheiro mostramos o lixo explicando que ao se limpar jogamos o papel no devido lugar, ao terminar as refeições mostramos onde a professora/educadora joga os restos de alimentos, ao terminar a refeição toda a turma observou a situação do refeitório), sempre que oportuno realizamos uma roda de conversa sobre o que viram. Exploramos noções matemáticas: quantidade, cores, tamanhos, formas, por meio do manuseio de diferentes objetos sobre o tema exposto.

Infantil 5 (4 a 5 anos): Atividades com gravuras, literaturas, dramatização e músicas, passeios, DVDs, textos, ilustrações, separação do lixo, explorando a oralidade, desenhos (professor/educador escreva), tentativas de escrita, os sentidos como: visão, audição e tato, expressão e movimento corporal, concentração e memória. Roda de conversa para coleta de dados sobre o tema do lixo. Texto coletivo – professor/educador escreva. Apresentação de figuras, imagens, fotos e outros,

	<p>sobre o lixo (Exemplo: A tartaruga que cresceu com uma argola em seu corpo). Literaturas: Ética ambiental e cidadania, A questão do lixo, Os problemas urbanos, A questão do solo, O catador de papel, Reciclar, Água - fonte da vida, Planeta Terra, Utilixo, Eu sujo e outras. Tentativa de escrita com a palavra LIXO, utilizando o alfabeto móvel. Músicas: É tempo de ser feliz/Salvem o nosso planeta (Cristina Mel), Cata aqui, cata ali, Planeta terra (Guilherme Arantes), Planeta azul (Chitãozinho e Chororó) e outras. Assistimos DVD - “Projeto Lixo”. Dramatizações de histórias. Identificamos na literatura, os diferentes espaços da história e de que maneira estão organizados. Com uma história contada pela professora/educadora, rasgamos e amassamos diferentes tamanhos de papéis, formas diversas bolas, dramatizando as diversas cenas e depois jogamos as bolas no cesto de lixo. Comparamos na oralidade os diferentes tamanhos de bolas e ensinamos a criança arremessar as bolas ao cesto, fazendo competição como um jogo: maiores e menores em ordem crescente... meninas X meninos, para ver quem enchia o cesto primeiro. Passeios nas proximidades do CMEI, observando a organização destes espaços. Confeccionamos pequenos brinquedos utilizando materiais reciclados e brincamos coletivamente. Rasgamos e amassamos diferentes tamanhos de papel de jornal e realizamos diversas de bolas, depois jogamos as bolas no cesto de lixo. Visita à cooperativa de lixo. Entrevista com um coletor de reciclagem (que já faz a coleta do material reciclado em nosso CMEI). Confecção de cartazes. Desenhos coletivos em cartazes. Maquetes: meio ambiente com lixo/ meio ambiente sem lixo. Sistematização da palavra LIXO com tentativa de escrita. Pinturas coletivas com tinta guache, utilizando pincéis. Colagens coletivas em grandes desenhos, com materiais diversificados. Mosaicos coletivos com materiais recicláveis, como retalhos de caixas / recortes de plásticos, etc. Realizamos algumas ações dentro da sala explicando que é preciso deixar a sala sem lixo, solicitando a colaboração de toda a turma. Leitura feita pelo professor/educador de palavras em cartazes, revistas, jornais, poesias, textos, curiosidades etc. expostas em sala de aula, explorando a oralidade das crianças. Conhecemos e identificamos as cores dos latões da coleta seletiva do CMEI, solicitando para cada criança escolher um material e colocar no devido latão. Oferecemos diversos tipos de materiais, junto com as crianças organizamos por cor. Questionamos a criança em sala de aula sobre algo que viu ou ouviu sobre a questão do lixo, (queimadas, desmatamento, poluição etc.). Conhecemos visualmente e tátil as matérias prima dos materiais recicláveis, (Plásticos, vidro, papel, metal, materiais orgânicos). Conhecer e identificar as cores dos latões da coleta seletiva (plásticos no latão vermelho, papel no azul, vidro no verde, metal no amarelo e alimentos, galhos, folhas naturais no latão marrom)..No CMEI, lavamos junto com as crianças algumas embalagens, a exemplo caixa de leite onde plantamos sementes. Fizemos uma mini-horta (cebolinha, salsinha, hortelã) com garrafas PET e um espantalho. Ensinamos e incentivamos a criança a jogar o lixo no lixo, com pequenas ações (ao limpar o nariz mostrar onde joga o papel, no banheiro mostramos o lixo explicando que ao se limpar jogar o papel no devido lugar, ao terminar as refeições mostramos onde a educadora joga os restos de alimentos, ao terminar a refeição toda a turma observa a situação do refeitório), sempre que oportuno realizamos uma roda de conversa sobre o que viram. Exploramos noções matemáticas: quantidade, cores, tamanhos, formas, por meio de manuseio com diferentes objetos sobre o tema exposto.</p>
5 – COLHEITA	<p>Ensino sobre a questão do lixo: ética ambiental e cidadania;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ensino sobre o meio ambiente, prática sobre o lixo e cada lixo no seu lugar; • Preservação da natureza – Plantio de sementes de girassol; • Prática da preservação da natureza;

- Ensino sobre a Mata ciliar – cuidados para o equilíbrio ambiental;
- Prática sobre o lixo orgânico – utilizando as cascas de frutas legumes e para adubar nossas plantas;
- Apresentação da Dengue;
- Valorização da vida humana;
- Ampliação do vocabulário;
- Apresentação do gênero textual, informativo, músicas, trava-línguas, versos, quadrinhas, paródias;
- Apresentação de diferentes ambientes de acordo com o local onde visitamos, por meio de folhetos, fotos, gravuras, desenhos ou recursos midiáticos;
- Ensino sobre a importância da afetividade entre professor/aluno, aluno/ aluno, aluno e pais ou responsável, ou melhor, entre o aluno e qualquer ser vivo, bem como respeito para com o ser humano.



CAIXA DE SEMEADURA N.º 08	
SACOLA VIAJANTE – LEIA ENCANTE E SE ENCANTE – CONTA AÇÃO – Com a leitura de literaturas é assim, uma história vai... Outra história vêm ...	
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Crianças e adolescentes de 0 a 18 anos ❖ Pai, mãe e/ou responsável ❖ Professores ❖ Educadores sociais ❖ Pedagogos <p>Centro de Educação Infantil e bairros Jardim Do Carmo, Jardim Everest, Jardim dos Pássaros...</p>	
Objetivo Geral	Desenvolver uma prática de leitura compartilhada da criança com a família, com o intuito de promover momentos prazerosos de leitura de literatura.
Objetivos Específicos	<p>Oportunizar que a SACOLA VIAJANTE fosse compartilhada com todos os alunos do CMEI, a fim de que a criança aprendesse a socializar o que estiver sobre sua responsabilidade, principalmente, brinquedo, bem como aprenda a esperar sua vez.</p> <p>Organizar cronograma para cada sala de aula, pois o aluno levaria uma bolsa com uma literatura e um boneco/boneca ou animal.</p> <p>Organizar com os funcionários da Biblioteca Municipal Professor Tomires M. De Carvalho, visitas para que socializem livros para utilizarmos em nosso CMEI.</p> <p>Organizar um cronograma para cada sala de aula, pois o aluno levará a bolsa com uma literatura e um boneco ou boneca representado pela personagem da história;</p> <p>Despertar e incentivar o gosto pela leitura de literaturas, o amor ao livro e a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler;</p> <p>Realizar a socialização de experiências na sala de aula, favorecendo livres expressões das crianças.</p> <p>Envolver a família nas práticas de leitura, visando resgatar a atenção da família para com a criança neste momento lúdico e prazeroso;</p> <p>Promover a aproximação aluno, escola e família, e ainda atender a demanda atual de formar leitores apaixonados pelo ato de ler.</p> <p>Despertar o gosto pela leitura fruição, visando o desenvolvimento cognitivo da criança.</p> <p>Ensinar o aluno que existem diferentes gêneros textuais, a fim de que compreendessem a que gênero pertence à literatura mediada.</p> <p>Possibilitar que o aluno aprendesse que existem diferentes personagens, a fim de que identificassem a personagem principal.</p> <p>Apresentar a literatura ludicamente, a fim de que o aluno adquirisse o conhecimento científico de maneira prazerosa.</p> <p>Propiciar momentos de aprendizagem do ECA, do desenvolvimento da fantasia, formação de valores por meio da leitura de literaturas.</p> <p>Despertar o interesse dos alunos pela leitura de literaturas, ensinando o prazer, a criatividade, a atenção, o raciocínio e concentração.</p> <p>Na instituição de ensino realizamos com questionamentos problematizando a situação para mediar saberes, como nos ensina o professor GASPARIN (2005):</p> <p style="text-align: right;"> O que é um livro? Onde encontramos livros? Qual a importância dos livros na vida do ser humano? Como é a capa do livro? O que será que este livro vai contar para nós? Quem é o autor dessa história? Quem ilustrou essa história? Quem são as personagens da história? Por que devemos cuidar e zelar dos livros? </p>

<p>4 – CULTIVO</p>	<p>Realizamos a leitura de literaturas e ou conta ação de histórias em diferentes espaços do CMEI, pelas profissionais da sala, que utilizaram diferentes materiais sucatas, fantoches, fantasias, janelinha de teatro e ainda, livro e voz, entre outros.</p> <p>Exploramos diferentes tipos de meios de comunicação como: revistas, jornais, folhetos de mercados, folders...</p> <p>Visitamos à Biblioteca Municipal Mandacaru (Próxima ao CMEI) e a Central, no centro da cidade, objetivando conhecer diferentes livros e participamos dos projetos desenvolvidos pelas bibliotecárias.</p> <p>Incentivamos o aluno a realizar a leitura de livros no final de semana com o pai e ou responsável.</p> <p>Emprestamos as segundas e quintas-feiras um livro para o aluno, eles levaram para casa para brincarem com a sacola e com o boneco durante três ou quatro dias, os pais fizeram a leitura.</p> <p>Controlamos o empréstimo solicitando a assinatura do pai, e este se comprometeu e realizou a literatura.</p> <p>Possibilitamos em sala de aula o “Momento do aluno” todos os dias, onde utilizamos a linguagem literária e após o término do projeto da Sacola Viajante, efetuamos uma grande roda de conversa e assim, permitimos que os alunos compartilhassem com os colegas de sala o livro que fora lido no fim de semana em sua casa.</p> <p>Mediamos a roda de conversa visando sistematização, dramatização, o recontar, bem como a efetivação dos escritos do título do projeto:</p> <p>ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Selecionar e catalogar os livros que farão parte do projeto organizando-os em uma sacola de tecido; - Organizar um caderno de controle dos empréstimos que irão acontecer semanalmente por ordem alfabética, durante todo o ano letivo, ficando sobre os cuidados da educadora; - O empréstimo deverá ser feito em um dia e explicado ao pai ou responsável que o livro deverá retornar em dois dias. Exemplo segunda-feira a criança leva e a sacola retorna quarta-feira, emprestaremos na quarta-feira e a devolução deverá acontecer na próxima sexta-feira, lembrando que, o pai tem que se conscientizar de fazer a devolução da sacola na data combinada para não prejudicar o próximo amigo; - Apresentar o projeto às famílias explicando os objetivos desse trabalho e a importância do comprometimento quanto aos cuidados com os livros e a realização da leitura para seu filho (a); - Entregar para os pais a carta de orientação do projeto de leitura. <p>Na instituição escolar o projeto aconteceu de acordo com este planejamento:</p> <p>Turma de 0 a 1 ano</p> <p>Literatura: O rabo do gato – Mary França</p> <p>Apresentar a ilustração da capa do livro, bem como o nome da literatura “O rabo do gato, a fim de despertar o interesse pela leitura.</p> <p>Apresentar a literatura, a fim de que os alunos identifiquem os personagens.</p> <p>Possibilitar que as crianças identifiquem e reconheçam cada animal (gato e sapo), para que diferenciem um do outro.</p> <p>Deixar que as crianças toquem as imagens, a fim de que por meio do toque desenvolvam a percepção tátil.</p> <p>Cantar a música “Quem fez o barulhinho”, e o “O sapo”, a fim de que reconheçam os sons dos animais.</p> <p>Apresentar os movimentos do gato, a fim de que percebam que os gatos andam.</p>
---------------------------	--

	<p>Possibilitar que o aluno identifique que o gato anda com quatro patas e o sapo pula, a fim de que os alunos possam identificá-lo. Confeccionar um cartaz com dobradura de rato e sapo, visando explorar os animais da literatura.</p> <p>MÚSICAS:</p> <p>Quem fez esse barulhinho? au, au, au, quem fez esse barulhinho? au, au, au, quem fez esse barulhinho? foi você? não, não, não. então quem foi? foi o cachorrinho.</p> <p>O sapo o sapo, o sapo. na beira da lagoa. não tem, não tem, rabinho nem orelha. ua quá quá, uá quá quá´...</p> <p>TURMA DE 1 a 2 ANOS</p> <p>Literatura: A margarida friorenta – Fernanda Lopes De Almeida Apresentar a ilustração da capa do livro, bem como o nome da literatura “A margarida friorenta, a fim de despertar o interesse pela leitura. Utilizar uma margarida para dramatizar durante a contação da história, a fim de proporcionar o conhecimento científico e o desenvolvimento da percepção visual e auditiva. Comentar sobre a história, a fim de ensinar a afetividade entre os alunos. Levar na sala sementes de margarida, terra, copinho de iogurte e água, e distribuir um copo para cada aluno e a educadora explicará cada etapa do plantio (colocar a terra, a semente, colocar água, e guardar no solário para tomar sol), a fim de proporcionar os cuidados que devemos ter com as flores. Propiciar todos os dias aos alunos visita para que possam observar e molhar a sua sementinha, visando o desenvolvimento das plantas. Confeccionar uma margarida com copo plástico, distribuir um copo para cada aluno, pedir para eles tentarem rasgar em pedaços para fazer as pétalas da flor, a fim de desenvolver o movimento de pinça da criança. Fazer a dobradura do vaso, a educadora explicará passo a passo como faz, evidenciar que o mesmo será feito a partir de um quadrado, a fim de desenvolver a percepção visual, memória e atenção. Montar a margarida no papel sulfite utilizando o copo e o vaso feito pelos alunos. Os alunos colarão na folha. O caule será feito com palito de espeto, a fim de desenvolver a coordenação motora, ampla e fina. Apresentar a história no mês de dezembro no final da tarde, a fim de interagir e socializar o conteúdo aprendido. Carimbar as mãos dos alunos para fazer diferentes atividades que explicitem flores e personagens da história.</p> <p>Turma de 1 a 2 anos</p> <p>Literatura: A cesta da dona Maricota – Tatiana Belinky</p>
--	---

	<p>Apresentar a literatura explorando a capa, as cores, a forma e textura, para despertar a curiosidade da criança pela alimentação. Mostrar os diferentes tipos de alimentos e suas funções nutritivas por meio dos cinco sentidos diferenciá-los de acordo com a forma, cor, textura e sabor.</p> <p>Elaborar atividades por meio de pinturas e rabiscção, figuras, fotos e vídeos de alimentos, músicas e teatro, com o objetivo de incentivar as crianças a se alimentarem com todos os tipos de alimentos.</p> <p>Levar os alunos até a cozinha e fazer uma sala de frutas, a fim de demonstrar aos alunos o que é possível fazermos com as frutas.</p> <p>Evidenciar quão saborosas são as frutas, falando oralmente para as crianças seu sabor, (doce/azedo), maciez (duro/mole), a fim de que os alunos aprendam.</p> <p>Ensinar músicas relacionadas a alimentos: frutas, legumes, visando que as crianças tenham mais contato com o tema trabalhado.</p> <p>Ensinar a paródia da canção: Frutas e verduras, a fim de explorar o tema trabalhado.</p> <p>Realizar com os alunos na cozinha uma receita: sopa de legumes, a fim de que eles visualizem os ingredientes que serão colocados na refeição.</p> <p>Ensinar os alunos a dramatizar utilizando fantoches de frutas e legumes, a fim de que eles se expressem corporalmente.</p> <p>Fazer uma deliciosa pizza com os alunos, a fim de que eles saboreiem um alimento diferente, no qual utilizarão principalmente, milho, tomate, palmito.</p> <p>Trabalhar parlendas relacionada a temática, visando evidenciar o quanto utilizamos, legumes e frutas no nosso dia a dia.</p> <p>Ensinar a canção “meu limão, meu limoeiro”, visando trabalhar os benefícios que o limão proporciona a nossa saúde.</p> <p>Carimbar as mãos dos alunos para fazer diferentes atividades que explicitem legumes e frutas.</p> <p>Fazer com papel jornal a modelagem de diferentes legumes e frutas, visando representar a cesta da dona Maricota.</p> <p>Colar figuras no chão de diferentes frutas e legumes, visando que os alunos aprendam as características: cor, tamanho, sabor, nome...</p> <p>Apresentar os animais que se alimentam com frutas e verduras, visando enfatizar os legumes e verduras da literatura explorada.</p> <p>PARÓDIA FRUTAS E VERDURAS (DA CANTIGA DE RODA ATIREI O PAU NO GATO)</p> <p>Eu chupei muitas laranja jas Mexerica cas, jabuticaba bas E comi mi, um melão lão E também e também muito mamão</p> <p>Não deixe de comer verdura ras E legume mes e muitas fruta tas Por que ela las, são vitamina nas E também, e também são proteína nas.</p> <p>Turma de 1 a 2 anos</p> <p>Literatura: O menino Poti – Ana Maria Machado Apresentar a literatura, a fim de que as crianças possam observar as figuras e as ações contidas no texto. Levar os alunos para visitar a mata ciliar, a fim de possibilitar o convívio com um ambiente onde os índios moram. Confeccionar um painel com figuras de índios e mata, a fim de que os alunos colaborem com a ilustração do painel.</p>
--	---

	<p>Realizar colagem com pedaços de EVA, a fim de que as crianças representem a mata.</p> <p>Desenhar o Menino Poti, a fim de representara personagem principal da história.</p> <p>Ensinar diferentes músicas que representem os indígenas, a fim de que as crianças aprendam.</p> <p>Confeccionar uma oca com caixa de papelão, a fim de que as crianças participem da construção, bem como brinquem dentro da mesma.</p> <p>Confeccionar no coletivo um menino Poti que represente a história, visando desenvolver na criança a criatividade, coordenação motora... (boneco de pano).</p> <p>Realizar as atividades utilizando-se de diferentes texturas, (colagem com penas), a fim de desenvolver a percepção tátil da criança.</p> <p>Realizar atividade com a técnica da dobradura, a fim de que a criança construa um barco.</p> <p>Confeccionar diferentes tamanhos de canoa, a fim de que as crianças dançam utilizando-se deste recurso.</p> <p>Evidenciar que muitos animais estão em extinção, e que a história apresenta o tucano, a fim de que as crianças aprendam.</p> <p>Apresentar os animais evidentes na história, a saber tico-tico, tatu, cutia, macaco, a fim de que as crianças aprendam suas características, seu habitat, sua alimentação...</p> <p>Utilizar diferentes recursos para apresentar os temas explorados na história, a saber, literaturas, poemas, músicas, parlendas, poesias, a fim de propiciar a crianças diferentes gêneros textuais sobre a temática estudada.</p> <p>Apresentar o texto informativo: cutia em vida animal, a fim que a criança aprenda mais sobre este animal.</p> <p>Apresentar a literatura Mico Maneco, da autora Ana Maria machado, a fim de que a criança aprenda apreciar a leitura de literaturas.</p> <p>Ensinar a canção “Corre cutia” e “Pula de galho em galho”, a fim de que as crianças aprendam músicas que retratam animais da literatura.</p> <p>Confeccionar o índio com copinho de iogurte a fim de que a criança utilize materiais reciclados.</p> <p>Confeccionar um painel com a música “Indiozinhos”, a fim de que as crianças, expressem artisticamente a música.</p> <p>Confeccionar roupas de índios, a fim de que a criança, participe do processo de construção da roupa para a apresentação cultural e artística.</p> <p>Realizar diferentes atividades com carimbo de mãos, a fim de que a criança aprenda.</p> <p>Confeccionar um cocar, a fim de que a criança visualize um dos objetos que são característicos dos indígenas.</p> <p>Fazer uma salada de frutas com as crianças, a fim de permitir que elas saboreiem as frutas plantadas por índios.</p> <p>Explorar as diferentes possibilidades de se utilizar um pote, a saber, cheio/vazio, dentro/fora, a fim de apresentar um artesanato indígena.</p> <p>Confeccionar um painel com figuras de índios, a fim de representar a família indígena.</p> <p>Ilustrar o pai do Menino Pti, realizar colagens para representar a noite – lua, e sol – dia, a fim de embelezar o painel de figuras.</p> <p>Trabalhar lendas indígenas, a fim de que as crianças internalizem o tema estudado.</p> <p>Possibilitar que os alunos escutem a literatura em áudio, a fim de desenvolver a percepção auditiva dos alunos.</p> <p>Realizar pintura no rosto dos alunos com desenhos e técnicas indígenas, a fim de propiciar momentos diversificados ao aluno.</p> <p>Ensaiair em forma de encenação a literatura “o menino poti”, a fim de que as crianças apresentem aos colegas do CMEI, bem como aos pais e toda a comunidade.</p>
--	--

	<p>Ensaiai a música da Xuxa, “Vamos brincar de índio”, visando que as crianças apresentem aos colegas do CMEI e a comunidade. Turma de 2 a 3 anos</p> <p>Literatura: O Fofinho – TeresaNoronha Apresentar a literatura para os alunos, utilizando-se das figuras que o livro o tem. Ler o livro dramatizando a história, a fim de apresentar a literatura. Realizar roda de conversa sobre o livro, conversando sobre o tema, a fim de explorar a personagem principal. Apresentar a literatura, a fim de que a criança identifique a personagem. Ensinar as crianças que tem animais que vivem na água, no ar e na terra, a fim de que eles possam conhecer cada um deles. Trabalhar o som que os animais fazem, a fim de identificá-los e desenvolver a percepção auditiva da criança. Dramatizar a história, a fim de que as crianças encenem para os colegas do CMEI, pais e comunidade, bem como se expressem oralmente e corporalmente. Possibilitar que as crianças ouçam a literatura em áudio, a fim de que discriminem e identifiquem os diversos sons de animais. Trabalhar o som dos animais, a fim de desenvolver a percepção auditiva dos alunos. Encenar as atitudes de diferentes animais, evidenciando o pintinho, a fim de que os alunos aprendam as atitudes do fofinho. Ensinar e ensaiar com os alunos a literatura “O Fofinho”, a fim de apresentar no pátio aos alunos, pais e a comunidade. Possibilitar que ouçam a literatura em áudio, a fim de ensinar os alunos discriminar e identificar diferentes sons de animais.</p> <p>Turma de 3 a 4 anos</p> <p>Literatura: O passarinho que não queria ser cantor – Ruth Rocha e Luiz Maia Apresentar a literatura, O passarinho que não queria ser cantor, para que as crianças aprendam a ter gosto pela leitura e desenvolva sua atenção, concentração, imaginação, interação, percepção visual e auditiva. Fazer encenação da literatura por meio da dramatização, a fim de que a criança desenvolva sua expressão corporal, sua interação, sua oralidade, atenção e memorização. Trazer um passarinho na gaiola para os alunos observarem, a fim de que eles conheçam um ser vivo e percebam o cantar do passarinho, modo de locomoção do seu corpo, como o corpo é coberto, do que ele se alimenta... Confeccionar com materiais recicláveis um pássaro, com o intuito de que a crianças aprenda a confeccionar um brinquedo. Apresentar músicas de pássaros para os alunos, a fim de desenvolver a oralidade, interação e expressão corporal. Realizar um passeio ao redor o CMEI, a fim de que as crianças observem os vários tipos de pássaros existentes em nossa mata ciliar. Confeccionar um cartaz para representar a moradia da ‘Família Bicudo’, e os demais personagens, a fim de que desenvolvam a imaginação e a criatividade. Criar uma fantasia que represente o Bicudo, a saber, (bico, asa, microfone), a fim de que a criança brinque em diferentes espaços de ser cantor. Propiciar momentos em que a criança se expresse, a fim de que relate suas vivências após conhecer a literatura. Conversar com as crianças questionando qual a profissão que elas</p>
--	--

	<p>conhecem? Qual a profissão dos pais?, a fim de ensinar algumas profissões existentes, bem como, solicitar a preferida para fazermos um gráfico.</p> <p>Fazer uma caixa de passarinho-correio (pombo correio) e brincar com as crianças, a fim de que as crianças brinquem de ser carteiro, e representem a profissão.</p> <p>Simular que faremos entregas como carteiros, visando quealuno represente o pombo/passarinho correio.</p> <p>Apresentar figuras de vários tipos de pássaros, a fim de que conheçam algumas aves.</p> <p>Ouvir o Cd com sons de pássaros, a fim de favorecer a escuta de diferentes sons.</p> <p>Turma de 4 a 5 anos</p> <p>Literatura: Bom dia todas as cores – Ruth Rocha</p> <p>Ouvir a música 'Arco íris do amor da cantora Mara, evidenciando as cores citadas na letra, a fim de desenvolver a concentração.</p> <p>Apresentar e entregar bexigas coloridas para que as crianças aprendam a encher, desenvolvam sua respiração, e percepção visual.</p> <p>Evidenciar que os valores apresentados na música, são para vivermos em paz, a fim de que as crianças transmitam ao próximo atitudes de amizade, carinho, atenção.</p> <p>Brincar e favorecer momentos de interação, a fim de ensinar valores e fortalecimento da autoestima.</p> <p>Apresentar a literatura usando, usando o recurso do ano TNT nas cores apresentadas na história, e s personagens confeccionadas em EVA, a fim e despertar o interesse pela leitura e conheçam a história de maneira diferenciada.</p> <p>Cantar a música de da personagem da literatura, Camaleão – Palavra Cantada, quantas vezes for pertinente, a fim de que aprendam.</p> <p>Promover momentos para ensinar a crianças ter autoestima positiva, evidenciando que ela é importante, e deve aceitar como ela é.</p> <p>Promover o reconhecimento das cores ilustrando, utilizando materiais diversos (colagens, pinturas, o colorir) visando que a criança reconheça as cores primárias e aprendam as secundárias.</p> <p>Mara</p> <p>Arco Íris</p> <p>Oh! oh! oh! é o arco-íris do amor</p> <p>Oh! oh! oh! com sete cores</p> <p>Deus pintou</p> <p>O amor de Deus é colorido,</p> <p>É colorido, é colorido,</p> <p>O amor de Deus é colorido,</p> <p>É colorido, é colorido</p> <p>O céu é azul,</p> <p>A nuvem é branquinha</p> <p>A floresta é verde</p> <p>Com um montão de florzinhas</p> <p>Amarelo é o sol,</p> <p>Claro é o dia</p> <p>Prateada é a lua</p> <p>E um montão de estrelinhas</p> <p>Vermelha é a maçã</p> <p>Meu coração é bem rosinha</p> <p>No mar o pôr-do-sol é furta cor</p> <p>Tudo isso Deus criou</p> <p>Com muito amor</p>
--	--

	<p>Poesia das cores Verde são as folhas, Verde é a esperança, Verde é a relva, Onde brincam as crianças.</p> <p>Azul é o Céu, Azul é o teu olhar, Azuis são as ondas Que brincam no mar.</p> <p>Vermelha é a rosa, Vermelha é a maçã, Vermelho eu fico, Quando chamam minha atenção.</p> <p>Amarelo é o pintinho, Amarelo é o limão, Amarelo é a cor do sol, Que brilha no verão. Camaleão</p> <p>Palavra Cantada</p> <p>O camaleão rosa-choque ou rosa-grená Despertou numa manhã tão cheia de cores no ar Deu bom dia para a violeta, roxo e lilás Lavou o seu rosto no orvalho verde a brilhar Eu visto a cor que eu quero Se é sol eu sou o amarelo Subiu pelos galhos da figueira e ficou marrom Encontrou o vaga-lume aceso e virou néon Quando ouviu o sabiá cantando já mudou de tom Qualquer cor que pinte pela frente ele acha bom Eu visto a cor que eu quero Se é sol eu sou o amarelo</p> <p>Turma de 2 a 3 anos</p> <p>Literatura: A viagem da sementinha – Regina Siguemoto/Martinez Apresentar a literatura por meio de um livro gigante, a fim de que eles possam observar as figuras e as ações contidas no texto. Plantar uma semente de feijão; observar o processo de germinação (experiência paralela, a fim de que a criança perceba a planta que recebeu água, luz solar que se desenvolve e a que não recebe não irá se desenvolver. Fazer a ilustração dia a dia do processo de germinação durante sete dias, a fim de que as crianças possam acompanhar o processo de germinação. Apresentar a música da Aline Barros: A sementinha, a fim de desenvolver a oralidade, expressão corporal, a percepção auditiva e interação social; Confeccionar no coletivo um quebra-cabeça do processo da semente, visando desenvolver na criança a criatividade, coordenação motora... Passeio ao redor do CMEI para observar os diferentes tipos de plantas, a fim de que a criança perceba a diferença (maior, menor, cores, formatos, textura...); Conhecer visualmente e tátil diversos tipos de plantas, a fim de que aprendam visualizar e conhecer diferentes texturas, formatos e</p>
--	--

	<p>tamanhos; Visitar uma horta comunitária, a fim de que a criança observe o desenvolvimento de diferentes plantas. Trabalhar a poesia A sementinha - tia Cris, visando desenvolver a percepção auditiva e a oralidade da criança.</p> <p>A sementinha</p> <p>Uma sementinha plantada no chão Dormia um sono sossegada. Veio a chuva O sol brilhou E a sementinha acordou. Abriu os braços Estava muito apertada. Levantou os galhos e ficou ajeitada Cresceu, cresceu, subiu no varal E cheinha de flores Enfeitou o quintal</p>
<p>5 – COLHEITA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino e aprendizagem e realização da leitura de literaturas e ou contação histórias; • Prática de momentos do ato de ler e dar voz; • Exploração de diferentes tipos de meios de comunicação; • Estudo e conhecimento da Biblioteca Municipal • Vivência de momentos prazerosos de leitura de livros no final de semana com o pai e ou responsável. • Oportunidade de emprestar livros e devolver; • Oportunidade de expressão durante o “Momento do aluno” todos os dias; • Exercício da prática de compartilharem com os colegas de sala o livro que fora lido no fim de semana em sua casa; • Oportunidade do recontar.

APÊNDICE 5 – Fotografias das atividades e Literaturas utilizadas



